

## APOSENTADOS



Júlio Lena: "pelo reconhecimento de um trabalho iniciado aos cinco anos".

# NA LUTA PARA TIRAR A LEI DO PAPEL

*Produtores rurais de todo o Estado se mobilizam através de ações coletivas. A briga agora é pela aposentadoria garantida na Constituição, mas que até hoje não saiu do papel* — 8 e 9

## COTÁ CAPITAL

### Acrescentar, em vez de descontar

— 5

### O baculovírus prova toda a sua eficiência

— 14 e 15

### Produzir trigo é questão de honra

— Centrais

## SUÍNOS

### As novas regras do cooperado

*Bonificação sobre preço do dia e sobre carcaça é uma das novidades* — 5

**COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA.**



Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 111  
Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-2400  
Telex: 0552199  
CGC ICM 065/0007700  
Insc. INCRA nº 248/73  
CGC.MF 90.726.506/0001-75

**ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA**

**Presidente:**  
Oswaldo Olmiro Meotti  
**Vice-presidente/Pioneira:**  
Celso Bolivar Sperotto  
**Superintendente/Pioneira:**  
Walter Frantz  
**Vice-presidente/Dom Pedrito:**  
Oscar Vicente Silva  
**Superintendente/Dom Pedrito:**  
Eduardo Augusto Pereira de Menezes  
**Vice-presidente/MS:**  
Nedy Rodrigues Borges  
**Superintendente/MS:**  
Lotário Beckert  
**Conselho de Administração (Efetivos):**  
Egon Eickhoff, Jorge Alberto Sperotto, João Santos da Luz, Félix Gotardo, José Ataídes Conceição, José Jorge Rieth de Oliveira, Irani dos Santos Amaral, Deniz Espedito Serafini, Oscar Otto Hoerlle, Luiz Carlos Roos, Olivio Moraes, Frederico Antônio Stefanello, Paulino Stralio, Nilton Vieira de Souza, Leonildo Anor Pötter, Luiz Forcin e Edgar Severo.

**Suplentes:**

Onorildo Zangirolami, Carlos Leodoni Andrighetto, Arlindo Valk, Enor Carniel, Jorge Cleiton Gonzales, Hélio Antônio Weber, Jair Castro Rinaldi, Jaime Braz Sperotto, Pedro Guiotto, Sérgio Tesser, Cláudio Pradella, José Edimar do Nascimento, Noé da Silveira Peixoto, Omar Cunegatti, Jorge Verardi Perez, Cândido de Godoy Dias e Florício Barreto.

**Conselho Fiscal (Efetivos):**

Amário Becker, José Dalízio R. Marchese e Ivo Vicente Basso

**Suplentes:**

Ervin Egon Preissler, e Arthêmio Agostini

**Diretores contratados:**

Vilmar Hendges e Léo José Goi.

**LOJAS COTRIJUI**

Regional Pioneira.....	26
Dom Pedrito.....	3
Mato Grosso do Sul.....	7
Total.....	36

**CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM**

Regional Pioneira.....	584.800 t
Rio Grande.....	220.000 t
Dom Pedrito.....	91.000 t
Mato Grosso do Sul.....	476.150 t
Total.....	1.371.950 t

**COTRIJORNAL**

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 15.000 exemplares

Associado da ABERJE

**REDAÇÃO**

Dária C. Lemos de Brum Lucchese  
Carmem Rejane Pereira

**REVISOR**

Sérgio Corrêa

**CORRESPONDENTES**

Campo Grande: Rosane Henn  
Porto Alegre: Raul Quevedo

Composto no Jornal da Manhã de Ijuí e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

Uma antiga reivindicação, ainda que em caráter experimental e atingindo apenas os associados da Cotrijuí na Regional Pioneira, está sendo colocada em prática nesta safra de soja e diz respeito a um assunto polêmico: a cota-capital. Ela não chegou a cair, como muitos agricultores desejavam, porque uma cooperativa necessita da capitalização do seu quadro social para continuar sobrevivendo. Mas ela está de cara nova e prometendo não incidir sobre o preço da soja colocado na pedra. Ou seja: se a pedra está marcando NCz\$ 300,00 pelo saco de soja, o associado vai receber esse valor, menos o desconto do Funrural e nada mais. Mas os NCz\$ 6,00 referentes a cota-capital, não será descontado do preço da pedra, e sim do preço de mercado. Esse valor referente aos 2 por cento de capitalização será creditado na conta capital do associado. Matéria na página 5.

Mais uma vez os produtores rurais de todo o Estado entram na Justiça para garantirem os seus direitos. Dessa vez são os aposentados, que até hoje, passado um ano e meio da promulgação da nova Constituição, ainda recebem apenas o meio salário mínimo. Junto com eles, somam-se também as mulheres de 55 anos e os homens de 60, que adquiriram o direito com a nova Carta. Como no Brasil as leis que beneficiam o trabalhador são feitas para ficar no papel, os aposentados através dos seus sindicatos estão pleiteando a

regulamentação da lei através de ações coletivas (como aconteceu no caso da anistia bancária em janeiro de 89) e exigem que ela seja aprovada neste primeiro semestre e que seja pago o salário atrasado com juros. O ano é político e o Congresso Nacional pode não perder a chance de votar a matéria, dizem alguns. Porém, há quem guarde reservas já que a aprovação dos planos previdenciários estão vinculados aos recursos da caixa do novo Governo, que até o momento não se pronunciou efetivamente, sobre a distribuição da renda arrecadada. Mobilizados, entanto, muitos aposentados falam até em datas. O limite é o dinheiro não vier até lá, vão tomar outras atitudes. Página 9.

Muito já se falou sobre o baculovírus anticarsia, mas neste ano ele mostrou, mais uma vez, que é capaz de derrubar as resistências que ainda permanecem a respeito da aplicação do vírus. Só não pode tirar resultados satisfatórios, quem ainda não acertou o ponto e tem se passado na hora de entrar com o vírus na lavoura. Além do fator econômico, que também é muito importante, os agricultores estão levando em conta a saúde que está sendo poupada e o ambiente que também pode ser melhor preservado sem a contaminação dos venenos. Na matéria páginas 14 e 15.

DO LEITOR

**O papel da agroindústria**

Robin Bahr

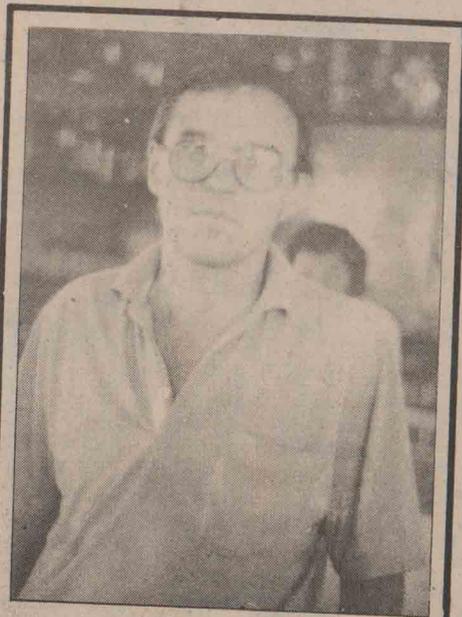
A agroindústria é, por definição, a industrialização ou transformação da produção agrícola. E, neste contexto de "transformação", encontramos o leite, os hortigranjeiros, suínos, aves, bovinos, pescados, os cereais, mel, as leguminosas, entre outros produtos.

Esta industrialização consiste basicamente na manipulação destas matérias-primas, visando transformá-las em produto final para o consumo humano ou animal. Então, o objetivo básico da agroindústria é a industrialização das matérias-primas disponíveis, transformando-as em alimentos mais elaborados, prontos ou semi-prontos, para serem colocados à disposição do consumidor.

É importante analisar o papel da agroindústria num contexto global, o porquê de muito se falar da necessidade urgente do seu desenvolvimento dentro de uma empresa. A agroindústria, por agregar determinada matéria-prima, tecnologia e serviços, possibilita conseguir, pelo produto final, um preço mais justo, principalmente nos dias de hoje, quando os preços das matérias-primas estão visivelmente defasados em relação a inflação e os próprios custos de produção. Por outro lado, é preciso considerar que os produtos submetidos a processos industriais, apresentam, na maioria das vezes, preços bem acima das taxas inflacionárias. Quer dizer: o produto final é bem mais cotado do que a própria matéria-prima.

A agroindústria pode ser implantada em diversos graus de tecnologia, dependendo dos recursos humanos e financeiros disponíveis. O caso do milho, é um exemplo. Podemos, num estágio inicial, e utilizando-se de moinho semi-colonial ou mesmo colonial, produzir uma farinha integral. Mas num estágio tecnológico mais avançado, podemos obter, deste mesmo milho, amidos - Maizena - e glicose.

É óbvio que os recursos financeiros são necessários e fundamentais para a implantação de agroindústrias, mas deve-se dar aos recursos humanos, também fundamentais para a viabilização de qualquer projeto neste sentido, tanto na área tecnológica como administrativa, uma importância ainda maior. Nos tempos atuais, onde os progressos tecnológicos, a concorrência no mercado consumidor, aliado ao alto



"É importante analisar o papel da agroindústria num contexto global, o porquê de muito se falar da necessidade urgente de seu desenvolvimento"

grau de exigência do consumidor, estão cada vez mais em evidência, não há mais espaço duradouro para amadorismos. Por mais simples que seja o processo tecnológico e a necessidade administrativa, o empreendimento deve ser encarado com profissionalismo e muita responsabilidade.

A AGROINDÚSTRIA NA COTRIJUI - A Cotrijuí possui, atualmente, algumas atividades que podem ser classificadas como agroindústria. São elas:

- Fábrica de Óleo e de Farelo de Soja;
- Fábrica de Rações para Animais, localizada em Ijuí;
- Fábrica de Conservas de Pepinos - também em Ijuí;
- Moinho colonial de trigo e de milho, em Ijuí;
- Moinho colonial de trigo, localizado em Santo Augusto;
- Fábrica de Schmier, em Tenente Portela;
- Frigorífico de São Luiz Gonzaga;
- Frigorífico de Dom Pedrito;
- Engenho de Arroz, localizado em Dom Pedrito;
- Moinho de Milho, em Maracaju, no Mato Grosso do Sul;

- Abatedouro de Aves, em implantação, localizado no município de Dourados, Mato Grosso do Sul;
- Fábrica de Rações para Animais, também em Dourados;

Mas os planos da Cotrijuí na área da agroindústria não páram por aí. Existem projetos, para o futuro, de ampliar o campo de atuação, envolvendo o processamento dos seguintes produtos:

- Aveia - transformando-a em flocos e farinha;
- Cevada - transformando-a em farinha;
- Arroz, neste caso, transformar seus subprodutos como a quirena e a canjica em produtos nobres, como farinha e flocos;
- Centeio - em farinha e flocos;

- Milho - na Regional Pioneira, transformá-lo em farinha e flocos;
- Soja - utilização da soja integral inativada na ração animal;

- Na indústria de schmier ampliar a quantidade e a qualidade dos produtos atualmente industrializados;
- Na indústria de conservas de pepinos - ampliar a quantidade e melhorar a qualidade dos produtos atualmente industrializados;

- Entrepasto de Pescados - realizar estudo da viabilidade econômica e técnica, buscando tornar este segmento - fomento a piscicultura - uma atividade permanente e não sazonal. A intenção é de, através de um entreposto de pescados poder manipular este produto de forma a atingir o mercado nacional;

- Fábrica de sucos - viabilidade em estudo;
- Fábrica de Farinha de Mandioca - também em estudo;
- Frigorífico de Aves, Suínos e Bovinos - estudo de viabilidade técnica e econômica pronto. Projeto aguardando recursos financeiro.

Existem as diretrizes básicas em estudos e planos, para a implantação da agroindústria. O que na verdade faltam são os recursos financeiros necessários para a implantação destas agroindústrias. Mas o mais importante, que é o produtor e a produção, existem em abundância na região de atuação da Cotrijuí, seja na Pioneira, Mato Grosso do Sul ou Dom Pedrito.

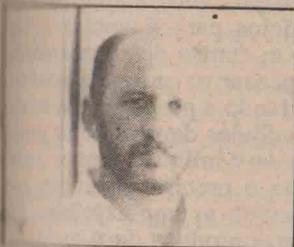
Robin Bahr é bioquímico e gerente industrial da Cotrijuí na Regional Pioneira

# A Cotrijuí no Chile

Rivaldo Dhein, engenheiro agrônomo ligado ao CTC estará representando a Cotrijuí na Feira de La Creatividad Popular - Tecnologias Alternativas, que acontece em Santiago do Chile no Centro El Canelo de Nos, no período de 15 a 19 de março próximo. A Unijuí estará representada pelos produtores Ilza Falkenbach e Adelar Francisco Baggio, coordenador da comissão chilense que deverá contar ainda com a presença do Secretário Estadual de Assuntos de Ciência e Tecnologia do Estado, André Forster.

A Feira, que vai contar com a presença de representantes de 17 países latino-americanos, conta com o patrocínio do Conselho Internacional de Educação de Adultos; do Conselho de Educação de Adultos da América Latina; da Comissão Interinstitucional de Tecnologia e da rede de Centros de Desenvolvimento do Chile e da Unijuí. Dos expositores, 30 serão chilenos e 27 representantes de outros países. Além do simpósio aberto à participação de representantes de outros países, para a discussão de suas experiências em tecnologia alternativa, também acontecerá uma feira cultural.

A Cotrijuí estará marcando presença via Centro de Treinamento, apresentando, além de dados e informações a respeito de sua estrutura organizacional, trabalhos que vêm sendo realizados na área de pesquisa e extensão.



Charles Pires

## Visitante do Norte

Conhecer algumas das cooperativas de crédito da região e o trabalho da Cotrijuí nas áreas de emprego e de mercados. Este foi o resultado que trouxe até Ijuí o produtor de laticínios e associado da Cooperativa Agropecuária do Baixo Parnaíba, Piauí, Charles de Mello. Na Cotrijuí, Charles Pires conheceu, em nome da direção da sua cooperativa, que tem como presidente o produtor Nelson de Carvalho Pires, a área de mercados e embutidos, o frigorífico de São Luiz Gonzaga. A indicação da Senacoop, estou visitando duas cooperativas de cada estado para conhecer suas experiências nas diversas áreas de atuação", explicou o visitante, pretendendo conhecer cooperativas em Santa Catarina, Minas Gerais e Goiás.

Além da Cotrijuí, Charles Pires ainda visitou, no Estado, a Coop. de Encantado, buscando levar para a sua cooperativa, em Parnaíba, "o verdadeiro sentido do cooperativismo". A Cooperativa Agropecuária do Baixo Parnaíba é constituída por um quadro social de 500 associados operantes que trabalham com leite, entregando uma média de 10 mil litros diários. A cooperativa é responsável pela industrialização da produção, transformando-a em queijo, manteiga e requeijão.

BANCO MERIDIONAL

## Abrindo capital

Após apresentar um lucro líquido em 1989 de NCz\$ 449 milhões, a rentabilidade patrimonial de 16,95 por cento - o mais elevado índice desde a abertura do banco a 12 de agosto de 1985, a diretoria executiva resolveu abrir capital em ações para negócios em Bolsa. O presidente Carlos Tadeu Vianna anunciou que o banco está gerenciando com a Comissão de Valores Mobiliários - CVM - o aumento do capital social, que passará para 2,7 bilhões de cruzados novos.

Ao avaliar a atuação do Meridional por ocasião da divulgação do balanço financeiro, o presidente Carlos Tadeu Vianna, ressaltou o desempenho favorável alcançado no exercício de 1989. Assinalou que o banco dispõe de um patrimônio líquido de NCz\$ 2,650 bilhões, evidenciando uma expansão real de 21,23 por cento em relação a 1988. Disse que o valor patrimonial das ações situou-se em NCz\$ 924,68 e o lucro líquido dos 50 mil acionistas do Meridional foi de NCz\$ 159,76 por lote de mil ações, contra apenas NCz\$ 6,12 no exercício anterior.

Depois dos ministros militares, o presidente eleito Collor de Mello fez mais algumas nomeações que refletem bem o caráter "novo" do seu governo: o coronel da reserva Ozires Silva, ex-presidente da Embraer, e da Petrobrás, para o Ministério da Infra-estrutura. No Ministério do Trabalho e Previdência Social, Antônio Magri, considerado um gangster pelo sindicalismo combativo brasileiro. Zélia de Mello na Fazenda. Já o gaúcho José Lut zemberg, depois de um fica não fica, não resistiu aos apelos "colloridos" e ficou na tal Secretaria Especial de Meio Ambiente.

## Barragens-pontes

Os municípios de Santo Augusto, Redentora, Vista Gaúcha, Três Passos, Braga e Humaitá, todos localizados em nossa região, vão construir barragens-pontes para o armazenamento de água destinada à irrigação de pequenas culturas cultivadas tradicionalmente com culturas de sequeiro.

A fim de aumentar a produtividade, garantir o abastecimento das comunidades próximas e ampliar a exportação, culturas como o milho, feijão e hortaliças, receberão o auxílio da irrigação.

O governo do Estado garantirá recursos para execução das obras, que envolverão a soma de 100 milhões de cruzados novos. Os trabalhos serão realizados pelas Secretarias do Interior, Desenvolvimento Regional e Urbano e das Cidades, Obras Públicas e da Agricultura e Abastecimento.

## FRASES

**Na França, as cooperativas é que se encarregam da diversificação. Os agricultores só cuidam da produção.**

A frase é de Stephan Guérin, um dos estagiários franceses que, durante três meses e meio conviveu com os agricultores da região, referindo-se às diferenças existentes entre a agricultura brasileira e a francesa.

**A mulher rural brasileira não questiona a sua situação. De mãe para filhos, ela continua, através dos anos, trabalhando na propriedade, à espera de um marido para servir.**

Chantal Deniau, também estagiária francesa, referindo-se a situação da mulher rural brasileira.

## CURTAS

**INFLAÇÃO** O Brasil conseguiu deixar para trás a Argentina e a Bolívia na corrida inflacionária, ocupando hoje, o sexto lugar no ranking mundial das hiperinflações. A descoberta é do professor Gustavo Franco, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, que também constatou que a taxa inflacionária do Brasil só continua sendo suplantada pelas médias da Hungria, registrando 19.800 por cento em 1946; da Grécia, 365 por cento em 1944; da Alemanha, 322 por cento em 1923; da Polônia, 81 por cento registrados em 1924 e da China, 78 por cento em 1949. Para chegar a esta conclusão, o professor da PUC do Rio de Janeiro recorreu à taxas mensais médias de inflação a partir do primeiro mês em que ela chegou aos 50 por cento.

A taxa inflacionária brasileira continua crescendo assustadoramente. Em fevereiro, o Brasil voltou a bater novo recorde, fechando em 72,78 por cento, avançando 10,67 por cento em relação ao índice de janeiro. É a maior inflação da história do país. O acumulado do ano chega agora a 169,72 por cento, segundo dados do IBGE responsabilizando a aceleração dos preços registrados em fevereiro à incerteza em relação às medidas econômicas a serem adotadas pelo novo governo. Também influíram a recomposição das tarefas públicas e a retenção do boi magro pelos pecuaristas. Com esse desaceleramento, o acumulado do ano, também bate o seu recorde e chega a 2.751,34 por cento.

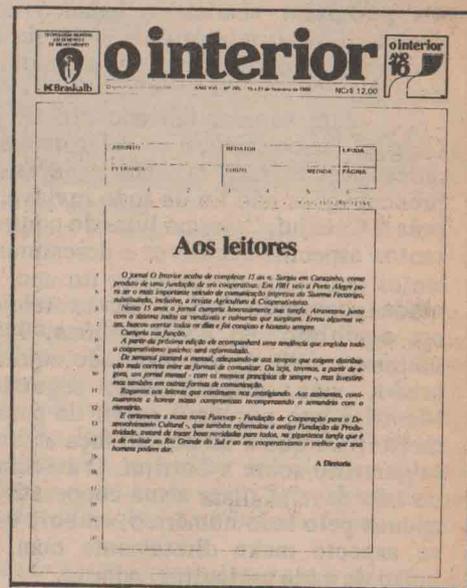
**PRODUÇÃO** Rio Grande do Sul, o Paraná e Santa Catarina estão sendo chamados pela CFP - a Companhia de Financiamento da Produção - de "salvadores da lavoura". Isto porque, apesar da falta de recursos para o custeio das lavouras e alguns problemas climáticos, estes três estados conseguiram, quase que de forma "milagrosa" segurar a lavoura que, mesmo assim, não conseguiram evitar uma queda entre 7 a 9 por cento na produção de grãos na safra 89/90. Para a CFP, estes três estados só conseguiram manter o nível de produção porque contam com muitas cooperativas. A soja é o produto que se encontra em situação mais tranqüila, apesar de uma redução de área de 8 por cento. A produção do Rio Grande do Sul, estimada pela CFP e com uma quebra de 3 por cento, deverá chegar a 6 milhões de toneladas. A produção de arroz, com uma quebra estimada em 15 por cento, deverá fechar em 3,5 milhões de toneladas.

## O Interior mensal

O jornal O Interior, órgão da Fecotrijo, passa por mudanças e deixa de ser semanal. A partir da próxima edição, a de número 786, ela já estará circulando como um jornal mensal. A mudança que também atingiu a equipe de jornalistas, reduzindo-a de 15 para nove profissionais, está sendo justificada pela direção da Fecotrijo como uma consequência dos problemas de caixa enfrentados diante do elevado custo operacional, inviabilizando em parte a manutenção da estrutura anterior do jornal. É citam como exemplo o caso do papel que, só em 89, sofreu um reajuste de 2.000 por cento.

O jornal O Interior nasceu em Carazinho há 15 anos atrás, como produto da Fundação da Produtividade, constituída pelas cooperativas de Carazinho, Não-Me-Toque, Espumoso, Soledade, Tapera e Palmeira das Missões. Em 1981 se transferiu para Porto Alegre para tornar o veículo de comunicação impressa do Sistema Fecotrijo, substituindo a Revista Agricultura & Cooperativismo.

No editorial de capa, "Aos Leitores", a diretoria da Fecotrijo justifica sua decisão e diz que "... o jornal cumpriu honrosamente sua tarefa. Atravessou junto com o sistema todos os vendavais e calmarias que surgiram. Errou algumas vezes, buscou acertar todos os dias e foi corajoso e



honesto sempre. Cumpriu sua função". Em artigo intitulado "Compromisso com a verdade", Sílvio Correa, editor do jornal lamenta a mudança ocorrida, principalmente num momento difícil e decisivo pelo qual passa o sistema cooperativista. "Dos 21 que já teve o cooperativismo restam poucos. Assim como surgiram se foram e ninguém protestou...", diz ainda o artigo lamentando o descaço do agricultor em relação ao desaparecimento de órgãos de imprensa da área rural.

Apesar das dificuldades, Cotrijuí fecha seu balanço, exercício 89, com resultado positivo



Na reunião dos conselhos de Administração e Fiscal e da diretoria eleita...  
... uma análise do resultado do balanço e do desempenho das empresas subsidiárias

## Resultado equilibrado

Em 33 anos de vida da Cotrijuí, 89 foi o pior sob todos os aspectos. O ano iniciou com uma inflação acima de 70 por cento, seguida de um Plano Verão cheio de edições normativas e medidas provisórias alterando as taxas de juros. A política cambial adotada pelo governo, levando parte da lucratividade dos agricultores, a paralização dos funcionários do Ministério da Agricultura, a incidência do ICMS sobre os insumos, produtos, transporte, tarifas públicas e ainda o parcelamento do trigo encerraram com um ano difícil e que ainda deixou uma taxa inflacionária de 1.764,86 por cento. Esse resumo dos problemas ocorridos em 89 e que influíram diretamente no setor agropecuário, foi levado pelo diretor presidente da Cotrijuí, Oswaldo Olmiro Meotti, durante reunião dos Conselhos de Administração e Fiscal do Grupo e diretoria eleita. A reunião aconteceu no dia 22 de fevereiro, na Afucotri de Ijuí e também serviu para que os conselheiros pudessem analisar o balanço do exercício 89, o relatório da diretoria e o desempenho das empresas subsidiárias.

Para superar um ano difícil, a Cotrijuí foi obrigada a se valer de medidas saneadoras. O esforço dessas preocupações não foi de todo inviável, pois a Cotrijuí, "mesmo lutando contra tantos aspectos negativos e desestimulantes ocorridos no decorrer do ano", ainda conseguiu fechar seu exercício em equilíbrio: NCZ\$ 2 bilhões, 948 milhões e 500. É um resultado equilibrado, mas insignificante, segundo Meotti e que não deve servir de parâmetro para que o associado faça algum julgamento sobre a Cotrijuí. O associado não deve analisar a sua cooperativa apenas pelo lado numérico, embora esse aspecto mexa diretamente com o bolso de cada agricultor, admite.

Em 89 a Cotrijuí praticamente comercializou o mesmo volume de produção de 88, o que dá, em números redondos, 1 milhão e 100 mil toneladas de grãos. O faturamento, no entanto, ficou quase por 40 por cento abaixo do anterior. Na verdade, teríamos que ter alcançado um faturamento global no ano de NCZ\$ 1 milhão e 400 milhões, diz o diretor presidente da Cotrijuí contra o NCZ\$ 900 milhões faturados em 89. Estes números mostram claramente a situação vivida no ano passa-

do, jogando ao setor agropecuário a incumbência de segurar as pontas da economia brasileira. Só não se faturou mais porque os preços agrícolas foram totalmente achatados pela política cambial do governo, diz, salvaguardando a cooperativa de qualquer responsabilidade.

Ao pedir ao quadro social que não julgue a cooperativa pelos números do balanço encerrado no final do ano, mas sim pelo trabalho que realizou em prol de seu quadro social, Meotti está querendo mostrar que a situação faz parte de todo um contexto vivido pela economia nacional. Antes de julgar a Cotrijuí, é preciso analisar a situação econômica e política do país, a situação da agropecuária e o mercado da soja, reforçou mais uma vez, lembrando que em 88, uma tonelada de soja cotada no mercado internacional a 290 dólares, mas em 89, ela chegou a 220 dólares e ainda sofreu as consequências da diferença cambial.

**ENDIVIDAMENTO** — O aumento no grau de endividamento da Cotrijuí registrado no ano passado, está diretamente ligado a busca de recursos para a formação da lavoura de verão. Foi um endividamento calculado, explicou, dizendo ter a cooperativa obrigado a se valer de um percentual do próprio patrimônio líquido, "reservado para os momentos difíceis" junto a fornecedores e agentes financeiros. Entende que, se a cooperativa não tivesse tido esse tipo de atitude, a redução na área da lavoura de verão seria muito grande. O financiamento, em regime de troca-troca atingiu 40 por cento do total da área plantada em toda a área de atuação da Cotrijuí.

Certamente, destaca, a Cotrijuí terá de munir-se de medidas e mecanismos para preservar o recebimento deste produto comprometido. Mas parte da produção não ficou comprometida apenas durante a lavoura de verão. Situação idêntica ocorreu com aqueles que deram uma ajeitada no solo e buscaram apoio no Programa de Correção do Solo. Esse programa, pioneiro na região e levantado pela Cotrijuí teve, de início, o apoio financeiro do Banco do Brasil. Mas a falta de recursos oficiais levou o banco a se afastar do projeto, deixando-o sob a responsabilidade da Cotrijuí, que não teve outra saída senão apelar para mais um regime de troca-troca.

Mais produção ficou comprometida, claro que em menor volume, por ocasião do último ataque de lagartas na lavoura de soja. A Cotrijuí, mais uma vez, se colocou ao lado de seu quadro social, liberando inseticidas para serem aplicados nas lavouras", recorda.

**CAMPANHA** — Buscando receber o maior volume possível de produtos nesta safra de verão, a Cotrijuí já começa a pensar numa campanha a ser desencadeada entre o quadro social para o recebimento da safra. A idéia, exposta pelo diretor presidente durante o programa Informativo Cotrijuí, levado ao ar pela Rádio Progresso e Municipal de Tenente Portela no domingo, 25 de fevereiro, é lançar um boletim informativo com orientações sobre as modalidades de comercialização desta safra. Para a comercialização da soja, a Cotrijuí está colocando à disposição do quadro social as modalidades preço médio e depósito para liquidação ao preço do dia. Quem optar pelo preço médio terá direito ao adiantamento e liquidação em época pré-estabelecida.

Mas o associado que não quiser comercializar a sua produção com a cooperativa, até porque encontrou fora um preço melhor, e optou pela modalidade "preço do dia, poderá fazê-lo sem qualquer constrangimento", ressalta Meotti. Aquele produtor que se decidir pela modalidade depósito para liquidação ao preço do dia e, encontrar fora da sua cooperativa um preço que considere mais justo, mesmo depois de pagas as taxas de recebimento e armazenagem, terá toda a liberdade para agir, destaca, dizendo que este tipo de procedimento já existe dentro da Cotrijuí, embora ainda não tenha sido colocado em prática. Esse produtor, assegura, poderá ficar tranquilo que não será malvisto dentro da cooperativa. Ao colocar à disposição do quadro social mais esta opção, Meotti entende que a Cotrijuí estará permitindo que os agricultores possam trabalhar com um maior número possível de variáveis no momento de comercializar a sua produção.

**LAVOURA DE INVERNO** — Embora a soja ainda nem tenha deixado a lavoura, a próxima safra de inverno já vem preocupando não só a direção da cooperativa como o seu quadro social. É hora de pensar na área a ser plantada

e se programar para as necessidades, adubo e herbicidas. Na decisão do produtor, a Cotrijuí faz a sua programação, Meotti, não acreditando que o produtor possa tomar, pelo menos em tempo, uma decisão sobre a lavoura de inverno. Mais uma vez o papel da Cotrijuí na produção vai ficar para a próxima safra.

Neste sentido, acredita Meotti, as regras do jogo, pelo menos a nível de quadro social, precisam ser estabelecidas logo. A cooperativa dispõe de recursos, mas precisa saber o que fazer com estes produtos, pois o dinheiro não vem com a venda dos mesmos, mas com a lavoura de verão. Mas, como a Cotrijuí está dando tanta importância para que seu quadro social comercialize a sua produção, Meotti entende, ela também está pensando muito claro que o financiamento da próxima lavoura de inverno vai depender da resposta do próprio quadro social. A Cotrijuí, volta a lembrar, não quer sacrifícios para financiar a lavoura de verão e, dentro de alguns dias, já começa a pensar na safra de inverno, citando a produção do ano passado de 5 milhões de toneladas para um preço de 9 milhões, como um exemplo de que é preciso produzir ainda mais para evitar as importações. Em vez de importar produto da Argentina, vamos produzir aqui dentro, e para isso precisamos que temos capacidade. O quadro social é reforçado, no entanto, pela importância da participação do quadro social na entrega da produção. A Cotrijuí se propondo a ficar ao lado do seu quadro social na hora da formação da lavoura de inverno, mas precisa de uma resposta que equilibre com os sacrifícios que vem fazendo.

**PROBLEMAS** — Além do futuro da próxima lavoura de inverno, Meotti também lembrou os problemas que ocorreram com a comercialização do trigo, da aveia e dos produtos que compõem o programa de diversificação de culturas. Além do pagamento parcelado, no caso do trigo, o governo "desatendeu" como pode, liberando os preços da inflação no último dia do mês, às vezes até no primeiro dia do mês subsequente. Mas não foi só o trigo que enfrentou problemas sérios de comercialização. A aveia também não seguiu à regra. A produção chegou a 1 milhão de toneladas, mas os dois clientes, a indústria de produção de alimentos e os criadores de cavalo de corridas, não puderam manipular os preços que estavam chegando ao mínimo estipulado pelo governo. A saída, segundo Meotti, é adicionar o produto à ração, o que, com certeza, dará melhores resultados para o produtor. Mas como nem toda a produção pode ir para a indústria de alimentos, parte está sendo comercializada com a indústria e os criadores de cavalos, sob cotas pré-estabelecidas e com pagamentos no início do mês seguinte, pelo preço do mês anterior.

**PROJETOS** — Os problemas enfrentados com a comercialização de produtos oriundos do programa de diversificação só vão ter uma solução quando a Cotrijuí puder colocar em prática os projetos de industrialização, "onde o produtor pode tirar melhores resultados." Se continuarmos no mercado apenas como fomentadores, como produtores de grãos e fornecedores de matéria-prima para outras indústrias, o futuro é nebuloso, alerta, fazendo um convite ao quadro social para participar das discussões em torno dos projetos de agroindústria da Cotrijuí. Mas temos outra saída, embora qualquer decisão possa depender de mais sacrifícios por parte da cooperativa, diz Meotti, entendendo ser a hora do associado participar de toda a atividade.

# Correção maior que valor real

O associado da Cotrijuí que pegou o seu boleto para dar uma olhada no valor da sua cota-capital, vai ter uma agradável surpresa. Além do valor integralizado ano passado, através do desconto no produto comercializado, vai encontrar o seu capital corrigido, como vem acontecendo desde o exercício de 1979, quando foi introduzido o sistema de correção e nominação do capital dos associados na cooperativa.

A cota-capital, na verdade, tem sido tema de muita discussão e provocação, inclusive, algum descontentamento entre o quadro social. Mas o que acontece, na opinião do diretor presidente da Cotrijuí, Oswaldo Meotti, é que a maioria dos associados ainda não conhece muito bem a mecânica de correção do capital integralizado dentro da cooperativa. As dúvidas começam a surgir do momento em que o associado pega o seu boleto e não vê a correção do capital registrada no dia-a-dia. É sobre a correção, por uma questão de custos, não sai ao final da liquidação de cada produto, "mas ela permanece armazenada em computador, onde também é gravada a inflação e o BTN — Índice do Tesouro Nacional — do ano.

**EXEMPLOS** — Se um produtor liquida a sua soja, ou o leite, por exemplo, em final do mês de maio, a cota-capital descontada do produto é transformada no BTN daquele dia. Só não fazemos o pagamento em fins de maio, porque esse procedimento implica em muitas despesas. Então, se torna mais econômico e, inclusive operacional para a cooperativa, um lançamento único, feito ao final de cada ano. É claro que, se o associado pedir demissão em meados de maio, o seu capital será corrigido na hora da liberação. Neste caso, deixa claro, não se espera o final do ano.

A correção foi creditada no dia 31 de dezembro de 1989. A Região Pioneira teve uma capitalização real de "ingresso de dinheiro", de 5 milhões, 138 mil e 600 cruzados, mas a correção aplicada no final do ano, atingiu 80 milhões, 189 mil e 250 cruzados novos. Em Dom Pedrito, o capital real do ano foi de 506 mil, 153 cruzados novos e as correções chegaram a 15 milhões, 803 mil e 807 cruzados novos. A Regional de Mato Grosso do Sul teve 11 milhões, 99 mil e 675 cruzados novos de capitalização real e 87 milhões, 813 mil e 487 cruzados novos de correção monetária. O acumulado da Cotrijuí — associado pode ver Caderno de Balanço, página 11 — no período de 89 foi de 18 milhões, 744 mil e 429 cruzados novos. A correção monetária atingiu 192 milhões, 436 mil, 545 cruzados novos.

A correção, como o associado pode observar, é muitíssimo maior que o capital real integralizado, destaca Meotti, avisando que a correção é feita a partir do dia da integralização. Não é percentual do ano todo. Se integralizado, por exemplo, no dia 15 de agosto, o seu capital será corrigido a partir deste dia, explica. Mas apesar da correção feita em cima do capital integralizado, esse ainda não chega a atingir 15 por cento do valor do patrimônio da cooperativa, hoje avaliado em 1 bilhão, 441 milhões, 648 mil e 502 cruzados no-

vos. Isto significa, segundo o diretor presidente da Cotrijuí, que a cooperativa, para continuar saldando suas dívidas e realizando investimentos, "necessita da capitalização do seu quadro social." Ela não pode abolir a capitalização, volta a enfatizar.

**NOVA MECÂNICA** — Mas, considerando as reivindicações do quadro social, a direção e Conselho de Administração da Cotrijuí, decidiram por uma nova mecânica de capitalização na cooperativa, a ser adotada, em caráter experimental, e apenas na Regional Pioneira a partir desta safra de soja. Essa nova mecânica, ressalta Meotti, leva a própria cooperativa a reduzir seus custos internos, pois até aqui vínhamos partindo de um preço do produto e descontando desse preço as taxas de capital e Funrural. A idéia é, com a experiência que já vem sendo colocada em prática nos cooperados de suínos, partir de um preço de mercado.

Sobre o preço de mercado a Co-

trijuí vai antecipar uma distribuição de resultados de 2 por cento na conta capital. Ou seja: se até ao momento ela cotava o preço da saca de NCz\$ 200,00, por exemplo, descontando 2,5 por cento de Funrural, a cooperativa vai passar a cotar NCz\$ 200,00 mais uma bonificação de 2 por cento. Só que os NCz\$ 200,00 vão para a conta corrente do associado e, "é um dinheiro dele", assegura Meotti. Mas os NCz\$ 4,00 que representam os 2 por cento, é também dinheiro do associado, mas vai parar na conta capital.

É claro que esta nova mecânica vai implicar em mudanças internas dentro da cooperativa "buscando reduzir custos." Estamos enxugando e dinamizando a máquina interna da cooperativa, aproveitando melhor sua estrutura de recebimento, transporte e escoamento — Terminal, diz garantindo que nesta safra a Cotrijuí pretende, inclusive, adquirir produtos de terceiros, de fora de sua área de atuação ou ainda, comercializar a produção armazenada

A cota-capital, um assunto polêmico entre o quadro social, supera o valor real integralizado dentro da cooperativa, mas continua representando apenas 15 por cento do valor do patrimônio da Cotrijuí. Nesta safra de soja o produtor associado vai contar com novidades e, inclusive, com uma espécie de bonificação sobre o produto comercializado com a cooperativa

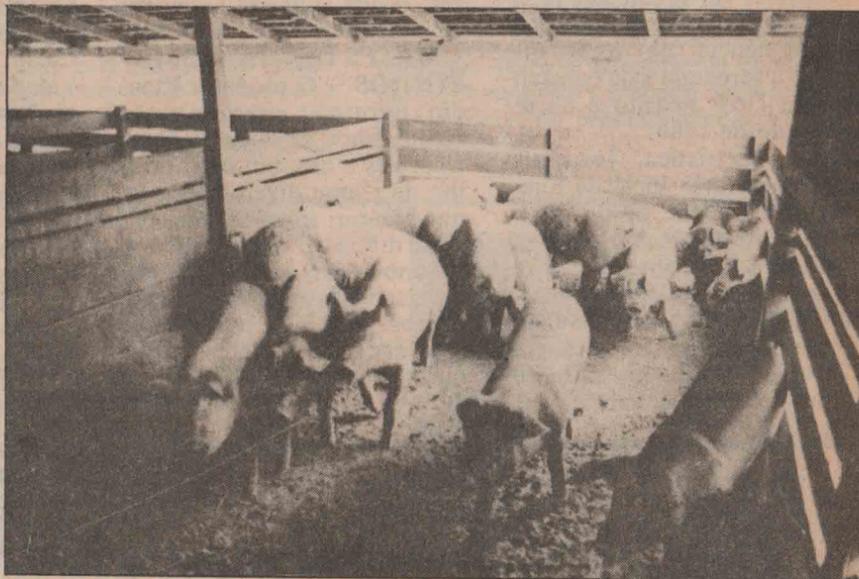
na propriedade do associado. É justo, que a cooperativa também tenha uma mecânica de comercialização para a produção desse associado.

Essa nova mecânica, no entender do diretor presidente, vem conciliar os interesses do pequeno, do médio e do grande produtor. Garante que o sucesso está diretamente relacionado com o volume de produção a ser recebida pela cooperativa nesta safra. É de um volume grande de produção recebida que vai resultar o sucesso desta capitalização. É de onde a cooperativa poderá diluir seus custos e repassar benefícios ao produtor na sua conta capital, diz ainda ressaltando que sobre o preço da pedra, para a soja, o associado não terá desconto de capital mas sim acréscimo. Dentro de alguns dias, a Cotrijuí estará colocando à disposição do seu quadro social, folhetos explicativos. Os associados encontrarão nestes folhetos todas as orientações e explicações relacionadas com a comercialização da sua safra de soja.

## SUÍNOS

# Cooperado tem novas regras

Participantes do programa têm agora acesso a bonificação sobre o preço do dia e sobre a carcaça



Número de matrizes

Determinante para o acesso às duas bonificações

Desde o início do mês de fevereiro o programa cooperado de suínos da Cotrijuí Pioneira está funcionando com novas regras. As mudanças são resultantes das reivindicações levantadas pela Comissão Regional dos Produtores de Suínos, principalmente no que diz respeito a bonificação sobre o preço do animal recebido pelo produtor. A primeira novidade do programa está no fato de que agora, o produtor tem um acesso diferenciado aos benefícios, dependendo da situação em que ele se enquadra, ou seja: será considerado pré-cooperado, quando tiver na propriedade até três criadeiras do tipo carne e cooperado, quando trabalhar com quatro ou mais matrizes deste tipo.

Quem explica as novas regras do programa é o engenheiro agrônomo João Klohn, supervisor da produção de suínos da Cotrijuí Pioneira. Segundo ele, apesar das condições básicas de classificação, aquele produtor que for exclusivamente terminador, poderá eventualmente ser considerado cooperado, caso realize um contrato com a Cooperativa, para um lote de no mínimo 30 animais. Se o lote ficar abaixo desse número, ele passa então como pré-cooperado. As duas categorias, no entanto, recebem atendimento clínico igual, enquanto a assistência técnica fica restrita aos cooperados, ou àquele produtor interessado que demonstrar potencial de produção superior a sua estrutura.

**MUDANÇA DE PREÇOS** — A novidade do programa, contudo, está na bonificação sobre o preço, onde as duas

categorias recebem um acréscimo de dois por cento sobre o valor do dia. Os cooperados, porém, têm oportunidade de receber uma bonificação de cinco por cento sobre a carcaça, quando esta apresenta um peso máximo de 70 a 75 quilos e uma espessura máxima de toucinho de três centímetros na última vértebra lombar. Esta bonificação, aliás, é de acordo com o agrônomo, o melhor termômetro do produtor para que saiba se a produção anda bem, devendo, por isso, ganhar a bonificação sobre a maioria do lote entregue à Cooperativa.

Outra novidade no programa é quanto a entrega da ração, que passou a ser levada diretamente da fábrica até a propriedade e podendo ser adquirida pelo produtor em compra à vista ou a prazo. No segundo caso, a correção é feita pelo BTN fiscal acrescida de 3,5 por cento de juros. Para a compra de reprodutores, o financiamento é o mesmo para as duas categorias.

**ENTREGA** — Na entrega do lote, os animais passam por uma classificação que inicia na saída da propriedade e é completada no frigorífico, onde é verificado se ele se enquadra nos critérios de bonificação de carcaça. "É necessário que o animal cumpra os dois requisitos", acentuou João Klohn, dizendo ainda que aquele produtor não participante do programa cooperado não receberá os dois por cento embutidos no preço e nem os cinco por cento da carcaça, independente do número de matrizes que criar.

VERÃO

# Apostando na soja

A lavoura do arroz foi reduzida em 80 por cento no município de Dom Pedrito. Plantados apenas cinco mil hectares. A lavoura de soja ultrapassou 20 mil hectares, podendo render mais de 600 mil sacos

Levantamento feito pelo IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — veio apenas confirmar o que todos sabiam: a queda sensível na área cultivada de arroz, este ano, no Rio Grande do Sul. Segundo o IBGE, a redução alcança 17,36 por cento em relação à safra de 1988/89. A esperança agora é de que o rendimento das lavouras reduzam, de alguma maneira, o prejuízo da área plantada no Estado.

No entanto, há regiões onde a diminuição das áreas cultivadas são muito maiores. Em Dom Pedrito, por exemplo, município localizado na região da Campanha, mal se alcançou uma área de cinco mil hectares de lavoura, o que representa apenas 20 por cento da lavoura arrozeira tradicional do município.

Dom Pedrito, que desde muitos anos tem no arroz o forte de sua economia agrícola, cultivando lavouras que sempre superaram vinte mil hectares, viu-se este ano reduzido a uma área mínima, por consequência da seca, que vem se tornando uma constante em Dom Pedrito e na região, desde 1986.

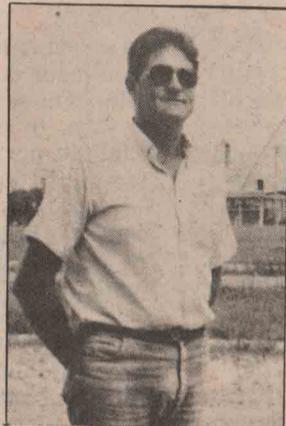
Estatística levantada pelo escritório local da Emater, mostra que desde 1986, quando o fenômeno da seca passou a ser constante, a lavoura arrozeira vem sendo reduzida. O plantio de 1986/87, segundo a Emater, alcançou 25 mil hectares. Na safra seguinte reduziu-se para 24 mil,

e em 1988/89 caiu para 21.400 hectares. Mas a grande queda aconteceu nesta safra, com os cinco mil hectares mencionados.

**ESPERANÇA É A SOJA** — Para quem conseguir plantar, há uma expectativa de rendimento de cinco mil quilos por hectare, que é muito bom. Infelizmente, para quem não levou um só grão de semente à terra, o prejuízo é total. A esperança de salvação da economia do município está agora concentrada na soja, cuja área de lavoura, segundo a Emater, aumentou de 20 mil hectares para 22 mil.

E para quem depositava pouca esperança nessa cultura, devido a permanência da seca, respirou mais aliviado com a chegada das chuvas, a partir de 10 de fevereiro. Mas, a alegria não pode ser total. A presença da lagarta, em grande quantidade, transformou-se em outra dor de cabeça para os agricultores, obrigando o uso de agrotóxicos nas lavouras, o que aumenta os custos de produção.

**UMA ESTRADA DE ESPINHOS** — O produtor Cláudio Bernardi, presidente do Núcleo de Criadores de Gado Charolês e membro do Conselho da Carne da Cotrijuí, diz que plantar, torna-se cada vez mais difícil. É uma aventura, é como andar, com pés descalços, sobre uma estrada de espinhos, queixa-se o produtor. Ele chega a antecipar que quem conseguiu plantar até pode se dar bem. Mas a maio-



Cláudio Bernardi

ria não plantou, devido aos problemas já conhecidos.

Para ele, que foi eleito membro da Comissão da Carne da Cotrijuí, a grande saída para a região da Campanha está mesmo na pecuária. Quanto ao arroz, que é irrigado, tudo bem, quando houver disponibilidade de água. Mas os demais cultivos, diz Bernardi, torna-se cada vez mais difícil apostar neles.

**O TROCA-TROCA** — Para o agricultor Leoni Corrêa Costa, produtor na região de Vaicaiquá, a adoção da prática do troca-troca da cooperativa, salvou muitos agricultores. Segundo ele, os bancos levaram os pequenos produtores na conversa do empréstimo, que não chegou nunca. A Cotrijuí, enfatiza Leoni, foi que deu um jeito, fornecendo semente e fertilizantes. Ele cultivou 50 hectares, entre soja, milho e sorgo, numa lavoura que estava destinada a ficar



Lavoura de arroz

Apenas 5 mil hectares de planta no município de Dom Pedrito

em repouso este ano.

Com muitos outros agricultores aconteceu o mesmo, diz ele. E afirma que normalmente acontece dos agricultores ficarem sem adiantamento de VBC. Quando o dinheiro é escasso — assegura — os bancos atendem primeiro os maiores produtores. A sobra é que fica para os pequenos. Na cooperativa não. Ali as quantidades são divididas proporcionalmente às necessidades de cada um, finaliza.

**CHUVA SALVOU A LAVOURA** — Para Pedro Afonso S. Pereira, membro da Comissão da Carne e conselheiro da cooperativa, a chuva, se não salvou totalmente a lavoura — visto que as plantas do cedo foram perdidas — deu um alento para as culturas do tarde.

A mesma coisa é dita pelo agrônomo Jorge Peres, coordenador do Departamento Técnico da Regional de Dom

Pedrito. A lavoura está bem. O problema é a lagarta, no caso da soja. Mas estamos providenciando o combate, e tudo ficará sob controle, tranquiliza o técnico. Para ele, o município colherá entre 600 a 650 mil sacas do produto.

## COMISSÃO DA CARNE

# Cotrijuí atenta para a pecuária

O país prepara-se para colocar em oferta, no mercado mundial, de 500 a 600 mil toneladas de carne bovina no decorrer deste ano, ao lado de uma intenção de aumentar o consumo per capita interno, para o mínimo de 25 quilos. Essas perspectivas são parte de intenções reveladas há pouco, pelo presidente do Conselho Nacional de Pecuária de Corte, João Carlos Meirelles, aos representantes de 110 países na última reunião da Comissão Internacional da Carne, em Genebra, conforme a imprensa noticiou.

A Cotrijuí, atenta para os bons fados dessas perspectivas, procura adequar-se às circunstâncias de uma nova realidade nesse importante mercado, para não ser pega de surpresa. A criação da Comissão da Carne, que tem a coor-

denação do agropecuarista Valter José Pötter, da Estância Guatambu, já é um indício de preparativos que visam conviver com esse futuro.

Nos últimos anos a pecuária bovina do município de Dom Pedrito tem acrescentado grandes melhoramentos em seus plantéis. A seleção de rebanhos, fruto de teste de fertilidade, entre muitos outros melhoramentos genéticos e de práticas de manejo, com maior sanidade dos rebanhos, tem colocado o município em destaque perante os criadores e zootecnistas de todo o país, e até dos países vizinhos.

A Comissão da Carne, constituída por pecuaristas eleitos, tem o objetivo de colaborar com a diretoria executiva, ao nível de assessoramento técnico, visando melhorar cada vez mais esse im-

portante segmento da economia pedritense.

A Comissão da Carne, no dizer do vice-presidente da Regional, Oscar Vicente Silva, vai se constituir em mais um elo na corrente de união cooperativa que congrega os associados da Cotrijuí. Tanto quanto as demais comissões — grãos e lã — vem somar-se ao esforço "que estamos fazendo para sobressair da crise que, principalmente por consequência da seca que tem castigado Dom Pedrito nos três últimos anos, trouxe grandes dificuldades para o município", disse Oscar Silva.

São os seguintes os componentes da Comissão da Carne: Valter José Pötter (coordenador). Titulares: José Ivo Zart, José Quadros de Athaide, Pedro Afonso S. Pereira e Antonio Cândido da



Walter Pötter

Silva Neto. Suplentes: Cláudio Bernardi, Araci Barcellos, Glênio Xavier, Pascoal A. Brandi e Otaliz de Vargas Montardo.

## PECUÁRIA EM VÍDEO

- COMO CRIAR PEIXES
- COMO FAZER QUEIJOS
- DERIVADOS DO LEITE
- DOMA RACIONAL DE CAVALOS
- COMO FAZER UMA CAMPEÃ DE PISTA
- RANICULTURA PROCESSO DE CRIAÇÃO
- GADO CONFINADO CORTE E LEITEIRO
- INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL EM BOVINOS
- COMO FAZER PLANTIO DIRETO NA PALHA
- COMO FAZER SEU TRATOR PRODUIR MAIS
- TRANSFERÊNCIA DE EMBRIÕES EM BOVINOS
- PRODUÇÃO E INDUSTRIALIZAÇÃO DO LEITE
- COMO FAZER SUA COLHEITADEIRA PRODUIR MAIS
- COMO FAZER EMBUTIDOS E DEFUMADOS DE CARNE SUÍNA
- INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL E TRANSFERÊNCIA DE EMBRIÕES EM EQUINOS

CURSOS EM VÍDEO CASSETE

FONE: (011) 220-0977

TF THOMAS FATHER DO BRASIL  
UMA DIVISÃO DA POOL ASSOCIATION  
AGRODATA

R. Cons. Crispiniano, 398 - 8º and  
CEP 01037 São Paulo - SP

REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

# À espera de uma máxi

A lavoura de verão no Mato Grosso do Sul corre bem e a expectativa dos agricultores é de que o rendimento médio ultrapasse os 2.000 quilos por hectare. Com a safra quase garantida eles estão, agora, no aguardo das novas medidas a serem anunciadas pelo novo governo. A aposta é de uma desvalorização na moeda

Devido aos problemas ocorridos no passado, especialmente na comercialização da soja, que teve o preço achatado em função de uma grande defasagem cambial que persiste até hoje, muitos davam como uma significativa redução de área para esta safra. Mas apesar do aliado à generalizada falta de assistência oficial para custeio da lavoura, o produtor se virou como pode: planejando recursos próprios, reduziu o uso de adubo, trocou produto por inseticida e, no fim, na maioria dos casos, manteve a mesma área da safra anterior. Os dados do IBGE que realizou levantamentos em dezembro confirmam que o produtor plantou mais de um milhão e meio de hectares de soja nesta safra, o que representa um aumento de 10 por cento em relação ao ano anterior, levando-se em consideração o rendimento médio de 2.182 quilos por hectare - uma produção superior a 2 milhões e 500 mil toneladas.

Agora com a lavoura já em fase de colheita, o agricultor espera que o preço continue ajudando e com exceção de alguns casos isolados, São Paulo contribuiu mandando boas chuvas, afastando o temor de uma possível seca que chegou a ser temida na época do plantio, mas não comprometeu o rendimento das lavouras.

A esperança é que se tenha uma safra e uma comercialização melhores ainda, pois só assim o produtor poderá recuperar-se do estado de penúria em que se encontra. Para isso será necessário um desvalorização da moeda, o que aliás possivelmente será uma das primeiras medidas a serem tomadas pela equipe econômica do novo presidente. "Se não vier uma maior desvalorização, a coisa vai ficar pior do que no ano passado", diz Dorneles, associado da cooperativa em Rio Brilhante. Ela plantou nesta safra 150 hectares de soja e estima que o rendimento médio fique em torno de 45 sacas por hectare.

Roolon, assim como muitos produtores, também reduziu a aplicação de adubo em sua lavoura, usando apenas 30 por cento a menos por causa do preço do insumo, que na sua opinião está muito alto. Todos os produtores reclamam muito de preço, reclama, e o preço da soja está totalmente defasado, pois deveria custar 100 ou 150 por saca a mais do que o preço atual.

O associado de Dourados Floriano também se queixa dos preços baixos dos insumos e calcula que tiveram um aumento três vezes maior do que a soja. Assim ele apostou na cultura e aumentou em 300 hectares sua lavoura. Floriano, que juntamente com seus familiares plantou nesta safra 1600 hectares de soja e uma pequena área de milho para consumo próprio, espera colher de 40 a 45 sacas por hectare, ficando assim dentro da média dos anos

anteriores.

A quantidade de adubo foi reduzida na sua lavoura e o produtor conta que usou 60 por cento do necessário em áreas férteis, fazendo a aplicação normal apenas nas terras mais fracas. A lavoura de um modo geral, continua bem, vai bem e os ataques de lagartas ficaram dentro do previsto. Pelegrin, ao contrário de muitos produtores que precisaram aplicar inseticidas quatro vezes, só fez duas aplicações e conseguiu controlar a infestação. A ocorrência de percevejos, ressalta, é que foi mais cedo este ano, mas mesmo assim deu para controlar.

Na atividade a vida inteira, Pelegrin diz que não se lembra de uma época tão difícil para a agricultura, mas tem esperança que as coisas melhorem com o futuro governo. Para ele é preciso dar crédito ao novo presidente que está procurando se assessorar de pessoas competentes. O produtor acredita que a situação esteja um pouco melhor quando for comercializada a safra deste ano, pois um reajuste cambial será inevitável, conclui ele.

**BOAS CONDIÇÕES** - De um modo geral as lavouras do Estado têm apresentado um desenvolvimento satisfatório e se as condições climáticas permitirem, se terá uma safra excelente na região, tanto para a soja como para a segunda cultura mais importante: o milho. Este aliás, teve aumentos significativos de áreas em alguns municípios. Em Sidrolândia, por exemplo, onde o milho sempre mereceu destaque, a área com soja permaneceu a mesma da safra passada - 50 mil hectares - mas o milho teve um acréscimo de 10 mil hectares, passando a ocupar 40 mil hectares.

Mas além de ser uma lavoura já familiar ao agricultor, as condições de financiamento com 90 por cento do VBC para o médio produtor e o preço atual também influíram, pois a cotação do grão e da soja estão praticamente equiparados, ainda mais levando-se em consideração que o custo da lavoura de milho é mais baixo e rende em média o dobro de sacas por hectare se comparado à soja.

Alguns produtores de Sidrolândia, entretanto, têm enfrentado problemas com a seca, uma vez que as chuvas estão bastante localizadas. O Departamento Técnico daquela Unidade que acompanha os índices de precipitação pluviométrica confirma isto. Conforme levantamento feito até o dia 25 de janeiro, constata-se que no mesmo período do ano passado havia chovido 352 milímetros. Este ano, na mesma época, a precipitação havia atingido apenas a marca dos 155 milímetros.

A falta de chuva prejudicou também as lavouras de arroz de sequeiro em Rio Brilhante, pois a seca no início da safra comprometeu a produção e cerca de 40 por cento das lavouras se-



A lavoura do Mato Grosso do Sul

Apesar dos problemas iniciais, a expectativa de bons rendimentos

rão enquadradas no Proagro. O arroz de sequeiro foi uma cultura tradicional em Rio Brilhante, mas a redução do VBC neste ano causou uma diminuição sensível e se na safra passada foram plantados 15 mil hectares, neste a área caiu para cinco mil.

O milho, em compensação ganhou espaço e a sua área pulou dos seis mil em 89 para 12 mil hectares este ano. A cultura está em ótimas condições na região porque não faltou chuva nos períodos essenciais: a época da floração e na fase de enchimento do grão.

Por conta disto o rendimento médio deve aumentar e de acordo com estimativas do Departamento Técnico, a produtividade deve subir de três mil para 3.600 quilos por hectare nesta safra.

Para quem apostou no milho e vai conseguir uma boa produção, resta agora torcer para que a cotação do grão não tenha uma queda muito vertiginosa. Isto no entanto, é para muitos uma realidade que vai se confirmar quando entrar no mercado a colheita deste ano, pois a oferta do produto deve superar sua demanda.

## Fetag cria comissão da soja

Tendência é para mobilizar mais cedo



Ezídio Pinheiro

A defasagem do preço da soja em relação aos índices inflacionários mais as experiências sofridas com a retenção da política cambial no ano passado foram alguns dos aspectos discutidos durante encontro das oito regionais da Fetag, no dia 19 de fevereiro, em Ijuí, quando foi aprovada a formação de uma Comissão da Soja. Além dos presidentes de sindicatos e do presidente da Fetag, Ezídio Pinheiro, participou também o assessor econômico da Fecotrigo, Paulo Roberto da Silva.

De caráter permanente, a Comissão tem, segundo os sindicalistas o objetivo de estudar o mercado, orientar e organizar o trabalhador com vistas a uma melhor negociação de preços, via entendimento direto com as cooperativas e o Governo. "O importante é que os próprios produtores vão coordenar o trabalho", disse o presidente da Fetag, ressaltando ainda que os resultados do movimento realizado no ano passado levam o produtor a se mobilizar mais cedo.

Nessa primeira avaliação também saiu um alerta quanto as vendas antecipadas da soja, ocasionadas atualmente por causa do temor dos produtores diante das altas taxas de juros. De acordo com os participantes do encontro, o receio é válido, mas destacam que ainda é muito cedo para se ter uma avaliação exata do comportamento das lavouras e dos preços do produto. Paulo Roberto, por exemplo, salientou que a venda antecipada pode agravar a descapitalização do produtor, que teve uma queda na sua renda de 27 por cento durante a última década, enquanto a produção agrícola nacional cresceu 35 por cento no mesmo período. Nova avaliação sobre o setor deve sair em reunião marcada para o dia 19 de março.

# Lutando pelo salário cheio

Após um atraso de um ano e meio, aposentados rurais vão a Justiça para garantir a aposentadoria. Por enquanto, a única resposta é a determinação do Supremo Tribunal Federal para que o Congresso Nacional e o presidente da República se pronunciem em 30 dias

"Quem não tem um filho para se encostar fica mal". Esta frase bastante repetida no meio rural identifica bem a situação da velhice no campo e até hoje reflete as conseqüências de uma antiga questão, sempre presente à pauta de reivindicações e protestos do produtor. Os velhos pelo seu lado, sempre reclamaram do minguido soldo chamado de aposentadoria por invalidez ou por idade, ou das pensões de viuvez, assim como as mulheres engrossaram o coro de lutas exigindo o reconhecimento de seu trabalho, entre outras leis, através da aposentadoria.

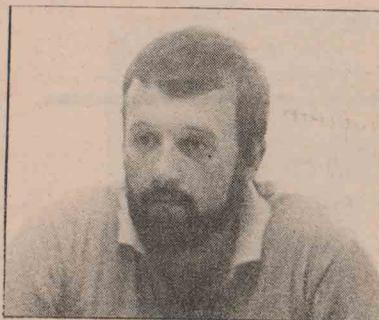
Com o atraso de meio século, a tal da lei da aposentadoria acabou complementada na Constituição promulgada em outubro de 88, mas como muitos desconfiavam, de forma capenga. Incluindo por meio do artigo 202, o direito da aposentadoria para o trabalhador rural com 60 anos e para a trabalhadora com 55 anos, que exerçam atividade em regime de economia familiar, foi ainda somado ao parágrafo 5º do artigo 201, que estabelece o salário benefício integral (mínimo inteiro), a Carta trouxe o direito, mas deixou em aberto a sua aplicação devido a prazos ambíguos previstos para sua regulamentação.

Em função dessa amarra, que estabelece ainda a especificação da lei previdenciária de acordo com os recursos disponíveis a lei da aposentadoria como tantas outras que ainda dependem do Congresso Nacional, provocou uma peregrinação a Brasília durante mais de um ano. As pressões

feitas pelos sindicatos, no entanto, se esvaziaram e todos os prazos foram esgotados, fazendo com que as entidades dos produtores tomassem uma outra atitude já utilizada por ocasião da anistia bancária, em janeiro do ano passado.

**AÇÕES COLETIVAS** — "Todos os prazos que demos ao Congresso, desde outubro de 88, não foram cumpridos", afirma o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, Júlio Gabbi, explicando os mais de 1600 processos sobre aposentadorias, já ajuizados. Fora estes casos também estão incluídos no rol de aposentados de Ijuí, cerca de 1500 mulheres com mais de 55 anos, que devem receber o salário benefício no momento em que o Supremo Tribunal Federal e o Congresso Nacional regulamentarem a lei.

Tanto pelo lado dos produtores como das lideranças sindicais a expectativa de regulamentação é a mesma, ou seja: com um pé atrás, principalmente em função da experiência que a história tem demonstrado. Apesar disso, todos esperam o resultado das ações para o primeiro semestre deste ano. "O prazo estabelecido para avaliação do Supremo Tribunal Federal e posteriormente para o Congresso Nacional é de dois meses", diz o advogado Noli Schorn, responsável pelo encaminhamento dos processos de aposentadorias dos municípios de Ijuí, Augusto Pestana, Ajuricaba, Santo Augusto e Catufpe. Ele salienta, no entanto, que o vínculo da lei à designação da



**Luiz Otonelli:**  
presidente do STR de Ajuricaba

fonte de recursos pode levar os aposentados a verem o dinheiro somente no próximo ano. Em todo caso, "o ano é político," ressalta o advogado.

De Tenente Portela, o secretário do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Gelson José Ferreri também acredita que a regulamentação deva sair o quanto antes, até porque como entende a assessoria jurídica da entidade cutista, a lei pode se tornar auto-aplicável, passados seis meses em que a papelada foi remetida ao órgão previdenciário da região. Com mais de 400 processos enquadrados nesta situação, o sindicalista estima que o total de aposentados ultrapassa a casa dos mil e 200, somados aqui os produtores de Tenente Portela e de Vista Gaúcha.

**SALÁRIO CORRIGIDO** — Mas se a regulamentação pode sair daqui a alguns meses, um outro ponto mais decisivo da aposentadoria deixa muitas dúvidas. É a correção do salário benefício que deveria ser pago aos produtores desde março de 88 e que, pelo volume dos já aposentados e das mulheres que adquiriram o "direito novo", faz crescer uma certa desconfiança, embora engrosse a pressão política de quem ainda espera receber um abono anual que cubra o que o governo deixou de pagar aos idosos em junho de 89. Naquele mês o salário mínimo passou para



**Gelson Ferreri:**  
secretário do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tenente Portela

NCz\$ 120,00, mas os aposentados receberam apenas NCz\$ 40,00.

Em Ajuricaba, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Luiz Otonelli mantém a expectativa de outras lideranças, porém acredita nessa vez a rigidez do governo vai ser bem maior devido ao desembolso dos valores atrasados. Além disso, Otonelli lamenta que a lei, de acordo com a sua expressão, possa deixar de atender aquelas pessoas que por alguma razão já cumpriram mais de 35 anos de trabalho na roça e hoje estão vivendo em outro tipo de atividade. Em casos como esses, o idoso pode ter muita dificuldade em conseguir a aposentadoria, seja pelo lado rural ou urbano.

O Congresso, contudo, deve definir este ano, avalia Otonelli, e, dependendo das próximas eleições, se vai querer de questionar a estrutura da regulamentação, como um mecanismo ambíguo que pode deixar a lei sem aplicação por muitos anos.

Mesmo assim, a mobilização pela aposentadoria é grande em todos os sindicatos, onde antigos produtores estão encaminhando o requerimento mediante a apresentação do bloco produtor ou carnê de pensão. As mulheres que já atingiram os 55 anos começam a inchar o volume de processos que ninguém quer deixar de ver, como é dito há vários anos por inúmeros produtores, "a lei sair do papel para ser aplicada na prática".

## Dinheiro deve vir até agosto, diz produtor

O bloco de produtor ou contrato de parceria é a garantia para a mulher encaminhar os papéis, repete uma das coordenadoras da Comissão Municipal de Aposentados de Tenente Portela, Dorotea da Rosa, 51 anos, aposentada há onze anos por viuvez e mãe de nove filhos. Atualmente morando na localidade de Barra do Guarita, onde também passou a ser costureira, Dorotea diz que se não fizesse isso teria problemas para sobreviver, já que há cinco anos teve que vender os sete hectares localizados em São Luis, depois de uma seca braba que dizimou a produção e deixou muitas dívidas.

Com o dinheiro comprou cinco hectares na Barra do Guarita para trabalhar com os filhos.

**PELOS DIREITOS** — "A espera é grande," reconhece a produtora, referindo-se a expectativa dos aposentados em receber um "salário cheio" para passar o mês e anunciando a possibilidade da aplicação da lei até agosto deste ano. Explica ainda que o direito da viúva não substitui a aposentadoria pela idade e lamenta que muitos idosos não possam nem encaminhar os papéis pela dificuldade de locomoção



**Armando e Edi:** se dependesse da aposentadoria...

até o sindicato.

Justificando a entrada na Justiça como a melhor forma para regulamentar a aposentadoria, já "que o governo só faz leis para iludir o povo," a produtora diz que as ações coletivas são fruto de uma longa espera, que se esgota em agosto: "se não sair até lá, vamos tomar outra atitude," afirma ela, evitando também o argumento de falta de recursos. "É só recolher o imposto certo das grandes empresas e comparar com as aposentadorias dos ex-presidentes."

**DINHEIRO PARA ÁGUA E LUZ** — O "salário cheio" de que fala dona



**Silvia Lamperth:**  
"é tanta demora que a gente até duvida".

Dorotea é lembrado por produtores como o casal Armando e Edi Gross, 66 e 62 anos, que há mais de um ano deixaram os 33 hectares em São Luis aos cuidados dos filhos e passaram a morar na cidade. Sem condições de saúde para capinar ou fazer um serviço pesado, eles não vivem em situação ruim, mas sabem que se dependessem da aposentadoria do seu Armando estariam mal. "O dinheiro só dá para a água e a luz," diz o produtor lembrando que "muitos passam até fome" e reclamando da demora do governo pa-



**Dorotea:** "se não vem em agosto vamos tomar outra atitude".

ra reconhecer um trabalho que iniciou aos 12 anos.

Para as mesmas tarifas de água e luz, a viúva Silvia Lamperth, 62 anos, também destina a sua aposentadoria. Ex-proprietária de 12 hectares na localidade de Pinhalzinho, ela e os nove filhos, foram obrigados a vender a terra para pagar as despesas com doença do marido, que há muito tempo já era aposentado por invalidez. Antes disso, no entanto, trabalhava como diarista, para depois, então, na cidade trabalhar como cozinheira de restaurante, até o momento em que apareceu o reumatismo e ela teve que se restringir a cuidar da casa.

"Quem trabalhou a vida inteira na roça tem que ganhar alguma coisa", fala a produtora considerando o salário mínimo integral que pode vir com a aplicação da lei, mas ao mesmo tempo desconfiando da situação. "Aprovada tá, mas faz tanto tempo que a gente duvida", resmunga, dizendo por fim que "do jeito que estamos era melhor ganhar uns três salários".

# Uma velha briga

**Encostados ou não em parentes, os produtores rurais enquadrados na lei da aposentadoria querem ver o direito aplicado na prática, logo, logo, mesmo que a quantia irrisória não dê para pagar umas despesas**

o salário, no Brasil, para a aposentadoria, já adquiriu um significado, o que dizer das pensões e aposentadorias baseadas nestes salários é pior ainda: o que fazer com a falta de um salário mínimo? Certamente, se todas as pessoas já se fizessem essa pergunta e não encontraram resposta, não seria uma exclamação de incredulidade.

Encostado ou não, o salário mínimo para a aposentadoria é altamente contestado por vários produtores idiosyncráticos mal ou bem "encostados" não sabem de repetir o quanto já trabalharam e o quanto pagaram de impostos e de contribuição para a Previdência Social, a mesma que alija até homens e mulheres do campo de receberem o que fosse o minguado meio salário combatido pelos seus protes-

## POUCO QUE FAZ FALTA —

Esses produtores que esperam ao final do mês, está o Armando Roginski, morador na Linha 24, município de Ajuricaba, onde aos seus 74 anos nunca conseguiu ter uma terra própria. Pai de duas filhas que moram afastadas, seu Armando vive meio de favor na terra do filho Júlio César Lena, em um baralho de duas peças, onde "não tem nem o que fazer", como ele mesmo salienta.

Impedido pelas doenças da idade de fazer alguma atividade que lhe trouxesse algum dinheiro extra, o velho também espera receber mais dinheiro na aposentadoria, mas pouco como a moeda nacional é tão desvalorizada. Sem nenhum rodeio ao falar "às vezes, até fome passo", o velho, meio atarantado em provar a situação de precariedade, busca em seus papéis e documentos um documento bancário em que está registrado o saldo de NCz\$ 50,00 resultado de uma poupança feita há dez anos.



Armando: até hoje sem roupeiro



Júlio Lena: "é quase nada mas eu mereço".

"Nessa idade a gente pouco se lambe", costuma dizer seu Júlio Lena, de 74 anos, que atualmente reside em Porto Velho, Rondônia, onde dois de seus filhos aderiram ao garimpo. Ele, no entanto, sempre vem a Ajuricaba, todos os anos, onde, depois de uma aventura mal-sucedida da venda dos seus 60 hectares, ainda lhe restam uns três hectares ocupados pela erva-mate, cultura a que mais se dedicou em sua vida.

Um pouco saudosos da terra na Linha 24 e da erva que lhe rendia até 20 mil quilos por ano, "sem nunca precisar do dinheiro dos bancos", o velho Lena se sente bem por causa da sua memória que lhe permite lembrar mui-

## Constituição Federal

Art. 201. § 5º — Nenhum benefício que substitua o salário de contribuição ou o rendimento do trabalho do segurado terá valor mensal inferior ao salário mínimo.

Art. 202. É assegurada aposentadoria, nos termos da lei, calculando-se o benefício sobre a média dos trinta e seis últimos salários de contribuição, corrigidos monetariamente mês a mês, e comprovada a regulamentação de reajustes dos salários de contribuição de modo a preservar seus valores reais e obedecidas as seguintes condições:

I — aos sessenta e cinco anos de idade, para o homem, e aos sessenta, para a mulher, reduzido em cinco anos o limite de idade para os trabalhadores rurais de ambos os sexos e para os que exerçam suas atividades em regime de economia familiar, neste incluídos o produtor rural, o garimpeiro e o pescador artesanal.

Algumas das reclamações dos produtores poderiam estar em enclausurado caso a lei fosse feita para ser aplicada após a sua promulgação. Como, pelo contrário, não é assim, os idosos e as mulheres ainda têm de brigar com o artigo 59 das disposições transitórias, que no seu parágrafo único diz que os planos da previdência podem ser aplicados aos poucos e ainda nos dezoito meses seguintes à sua aprovação. Esta, por sua vez, só sai se o novo Governo se preocupar em melhor distribuir os recursos arrecadados para a seguridade social, conforme estabelece o artigo 195. Portanto, a tal da aposentadoria pode sair este ano, pingada, como pode ficar no papel por muitos anos.

tas passagens da vida em família e do País, ainda que, como ele brinca, "a vida do pobre seja cheia de histórias desgraçadas".

Contando com boa saúde, Lena diz também que por sorte não lhe falta quase nada, embora "esse quase eu mereço", acentua o produtor se referindo a aposentadoria, e justificando a sua posição. "Enquanto alguns viviam na bagunça, eu já aos cinco anos estava derrubando lenha com meu pai". É por causa deste entendimento que o produtor tão logo soube da aprovação da lei foi atrás da "bagatela", embora o seu entendimento sobre a situação política e econômica do País, lhe faça duvidar que receba o dinheiro que já perdeu. "Do jeito que está o Brasil e com esse governo que vem por aí", fico satisfeito em passar a receber um salário inteiro, diz o velho Lena, torcendo para que ele próprio esteja errado.

**UMA ESPERA DE LONGOS ANOS** — Quem também não esquece os seus direitos como mulher e trabalhadora é a dona Vitória Manchini, de



Vitória: "quero a aposentadoria nem que for para comprar chinelo".

Rincão de Santa Catarina, Ijuí, que trabalha junto com o marido em 42 hectares. "O agricultor vive pagando dois por cento de tudo o que produz", diz ela, lembrando que sempre imaginou que um dia não só o homem, mas também a mulher teria o direito, já que ela "cuida do leite, da lavoura e ainda das panelas".

Comparando o valor do salário mínimo ao rendimento da sua produção de leite, a produtora diz que embora seja pouco, é bom que venha logo, "nem que seja para comprar um chinelo".

## Quando o quase nada se torna importante

Na propriedade de Henrique e Alzira Kieslich, 74 e 70 anos de idade, o que provoca reclamações mesmo é saber que mesmo inteiro, o salário-benefício não compra quase nada. Proprietários de 50 hectares em Alto da União, Ijuí, eles estão certos de que caso não tivessem "umas vaquinhas não saberiam como iria ser, porque as últimas safras de verão só tem um pouco de dinheiro, como agora no caso de uma atacada pela lagarta".

O dinheiro da aposentadoria, por isso, passa a ter um significado importante para as despesas da casa, gerando muitas reclamações diante da inflação que anda rondando os 100 por cento. "Há pouco

tempo eu pegava Cz\$ 40,00 e trazia dois sacos de compas para casa", diz o produtor, enquanto a mulher, fala que até hoje, mesmo com dificuldades "tira leite e vai buscar pasto e ainda não foi reconhecida como aposentada". Seu Henrique ainda cuida das lavouras e arranca milho, mas se depender de contratar alguém para um serviço fica sem saída, pois "teria que pagar no mínimo uns NCz\$ 50,00 cruzados ao dia que não serviria de nada ao peão", diz ele inconformado com a situação que o leva a pensar no arado de boi.

Dona Hilda Sauer, 80 anos e hoje moradora na rua 13 de Maio, Ijuí, vai um pouco mais longe: "Só



Henrique e Alzira: "se continuar desse jeito vamos voltar ao arado de boi".

não morri de fome porque o filho não deixou". Viúva há 22 anos e aposentada com 65 anos, ela diz que o meio salário "nunca deu e nunca dá". O que recebe todo mês serve para comprar uns remédios, explica a produtora que há alguns anos ainda pegava no trabalho de criação na propriedade em Alto da União.

Embora guarde uma experiência de dificuldades para receber a aposentadoria de viuvez, Dona Hilda espera receber logo a outra metade do mínimo. "Preciso demais do dinheiro", diz, mesmo sabendo que



Hilda Sauer: "só não passei fome porque o filho não deixou".

"pouca coisa a mais do que faz ou compra hoje poderia ser feita amanhã", afirma ela, reclamando que atualmente nem pode pagar alguém para limpar o terreno.

## Produção pode chegar a 2 milhões de toneladas

"No quinquênio que decorreu entre 1984 a 1989, a produtividade média da triticultura brasileira saiu de modestos 840 quilos por hectare para fixar em 1.658 quilos, aproximando-se das produtividades da Argentina, do Canadá e da Rússia, e ultrapassando a da Austrália. Os números demonstram, com evidência, que a auto-suficiência de nosso País na produção do cereal pode deixar de ser apenas uma ficção de perspectiva para se tornar realidade."

A declaração foi feita pelo diretor do Departamento de Comercialização do Trigo Nacional - CTRIN, Nilo Fensterseifer. No final de janeiro ele participou a convite do Instituto Agrônomo de Campinas, da VI Reunião da Comissão Centro-Sul Brasileira de Pesquisa de Trigo, em São Paulo, sendo um dos palestrantes.

Ele discorreu para um plenário constituído por mais de cem técnicos fitopatologistas e professores especializados na área, sobre os avanços já verificados na triticultura nacional e as perspectivas que nos levam a acreditar, já termos, praticamente, alcançado a desejada auto-suficiência. Mas ele estranha que precisamente quando começamos a obter os melhores resultados de regularidade de safras e produtividades médias ascendentes contínuas, o trigo tenha passado a "ser mal visto" por alguns técnicos e por autoridades ligadas à área da produção agrícola.

Fensterseifer reitera, com ênfase, que nos últimos cinco anos conseguimos duplicar a produção, sendo, hoje, superior aos 1.600 quilos por hectare. E o mais importante, enfatiza, é que, segundo os técnicos, dentro de um período máximo de mais cinco anos, voltaremos a dobrar novamente a produtividade.

**PRÓXIMA META** — Pelas nossas observações, baseados em números de produção e produtividade, mesmo que eventualmente sem um aumento de área cultivada, alcançaremos um rendimento de 3.000 quilos por hectare cultivado, a esse rendimento, colheremos 12 milhões de toneladas de trigo. Mas essa é uma perspectiva bastante modesta em termos de áreas de lavoura.

Está em estudos em Pelotas, pela Embrapa, uma pesquisa para cultura de trigo em planícies drenáveis, visando suceder o plantio de trigo em áreas típicas de arroz. Nilo Fensterseifer assegura que num mesmo espaço físico, em rodízio, vamos colher trigo no inverno e arroz no verão. Trata-se, sem dúvida, dum notícia alvissareira para um país que sonha com rendimentos de produção num cereal nobre como o trigo.

Mas a nossa previsão não pára aí, diz o técnico. Dentro desse mesmo raciocínio vamos pensar no ano de 2000. Até lá, estaremos cultivando cinco milhões de hectares a um rendimento mé-

*A afirmação é do diretor do Departamento de Comercialização do Trigo Nacional. Ao fazer uma avaliação da VI Reunião da Comissão de Pesquisa de Trigo, realizada em São Paulo, Nilo Fensterseifer traça possibilidades de auto-suficiência do Brasil e história as causas que determinaram o monopólio estatal da compra do cereal*

dio de 4.000 quilos por hectare. E essa previsão continua sendo realista, pois o Brasil é muito grande e vem despertando com bastante consciência para a cultura do trigo, como é fácil de verificar pelas estatísticas.

**20 MILHÕES DE TONELADAS** — Em 1986 o estado do Paraná cultivou 1.942 milhões de hectares; o Rio Grande do Sul 2.184 milhões; o Mato Grosso do Sul, em 1987, 426 milhões; São Paulo em 1986, 203 mil hectares; Santa Cata-

rina, em 1987 125 mil. O somatório disso dá quase 5 milhões de hectares, um número ainda modesto em termos de área cultivada.

E o que ainda nos dá maior estímulo, ressalta Nilo Fensterseifer, são nossas possibilidades em vista da produtividade. Relatórios de produtividade apresentados por técnicos, na VI Reunião da Comissão Centro-Sul Brasileira de Pesquisa, mostraram que há produtores que colheram nesta última safra, mais de 4.000 quilos por hectare. É cla-

ro que se tratam de números bem distantes da média nacional que servem muito bem como parâmetros de possibilidades gerais, a curto prazo.

Podemos atingir, com persistência, a média de 4.000 quilos por hectare. Com isso, produziremos 20 milhões de toneladas/ano de trigo, mesmo com apenas os cinco milhões de hectares atuais. No entanto, há evidência de que a área cultivada crescerá nos próximos anos.

Além dos estados já tradicionais produtores do Centro-Sul, cresce a produção, a cada ano, no Mato Grosso do Sul - e na Bahia - e em Minas Gerais - ambas com boas possibilidades de cultivo do cereal.

## Questão de honra

*A previsão do crescimento da cultura — área e produtividade — de trigo no Brasil, partindo do ano agrícola de 1989/90 até ao ano 2000, é a seguinte, em estudo feito pelo CTRIN:*

*Em 1989, para uma área cultivada de 3.355 mil hectares, colheremos 5.528 mil toneladas de trigo, acusando um rendimento médio de 1.648 quilos por hectare.*

*Em 1995, ao final do quinquênio, a previsão é que a área tenha alcançado quatro milhões de hectares, com produtividade média de três mil quilos, totalizando 12 milhões de toneladas. No ano 2000, final do outro quinquênio, a área a ser cultivada é prevista em cinco milhões de hectares e produtividade de quatro mil quilos, totalizando uma tonalidade de 20 milhões.*

*A previsão de área, por estado produtor, no ano 2000, é a seguinte: Paraná, 2.500 milhões de hectares; Rio Grande do Sul, 1.600 milhão; Mato Grosso do Sul, 500 mil; São Paulo, 200 mil e Santa Catarina, 200 mil. Total, cinco milhões de hectares.*

**O TRIGO NA ECONOMIA** — Mas Nilo Fensterseifer faz questão de lembrar que a referida meta, mesmo sendo plausível de ser alcançada e até ultrapassada em seus números de previsão, não se pode assegurar que venha a ser atingida. Ele considera que há óbices que entram o bom desenvolvimento de produção e até para que se estabeleça uma política dirigida ao setor que imponha medidas claras e definidoras para que os produtores se programem com tempo e convenientemente, para vencerem a batalha da produção.

A política nacional do trigo, em termos de produção e pesquisa, praticamente não existe. Eu diria, afirma o diretor do CTRIN, que o que há em funcionamento, e em bom funcionamento, é uma política de comercialização. Produz-

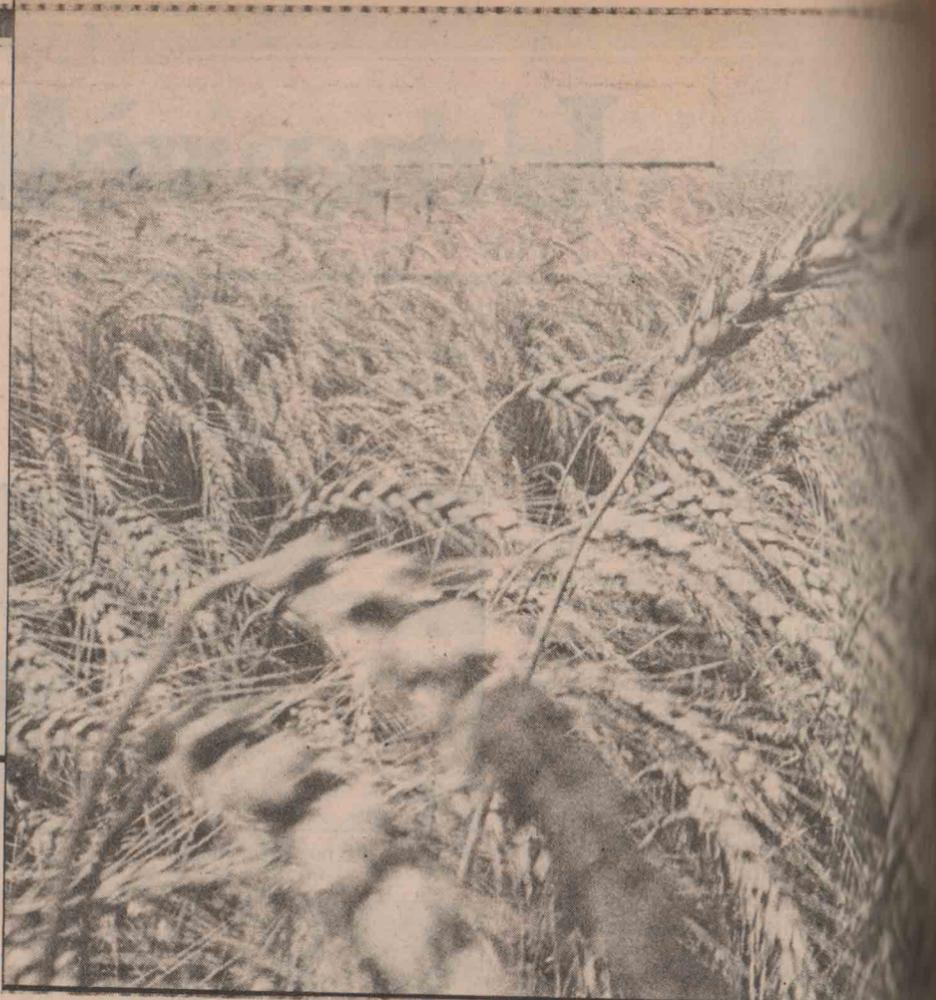
se trigo no Brasil muito mais pelo esforço e sacrifício, pela teimosia dos agricultores, do que pela ação de alguns setores responsáveis do governo. Como há, também, evidência de fitopatologia da planta pela ação e esforço dos técnicos e cientistas de nossos institutos, mas nunca como resultado de uma política traçada e perseguida pelos governos, não só deste governo, como dos anteriores.

A política que tem sido seguida, pelas dúvidas que suscitam e não raro, pelos argumentos distorcidos, deve ser objeto de profunda análise por quem efetivamente tem conhecimento da questão. Os tricultores, as cooperativas e os técnicos. É o trigo assunto de tal importância e significado na economia, que por vezes torna-se polêmico. Nem sempre nas discussões que se travam em torno dele prevalecem os interesses do País. Não raro, são os interesses subalternos que estão em jogo. Por vezes, as notícias que são veiculadas a respeito do trigo, por desinformação ou má fé de pessoas envolvidas, tendem a desinformar em vez de informar.

Nós do CTRIN que executamos a política de comercialização, por conta e risco da União, julgamos, com toda a convicção, que produzir trigo e dar auto-suficiência ao País, é uma questão de honra.

É preciso verificar — ressalta Nilo Fensterseifer — que nossa previsão de evolução e crescimento é das mais modestas em termos mundiais. Enquanto nós, hoje, temos uma produtividade média de 1.840 quilos/hectare (que foi recorde no ano passado no Rio Grande do Sul e a média nacional chegou aos 1.696 quilos/hectare), a França mostra uma produtividade média de 7.000 quilos por hectare.

Como se vê, nossa triticultura em comparação com a França é uma triste constatação. Precisamos lutar para mudar essa estatística pobre a que estamos relegados.





# Vendedora privilegiada

O fato curioso de tudo isso é que as evidências demonstravam, na área da pesquisa quer na realidade do campo produtivo, que estávamos na batalha da produção tritícola e se sabe ainda por quais razões ou não, o governo deixou de acreditar na capacidade dos nacionais para produzir cereal, estranha Nilo.

O Programa de Integração e Cooperação Econômica entre o Brasil e a Argentina, em seu Protocolo nº 2, que trata da importação de trigo, é a prova da desconfiança. Por esse Protocolo, ninguém, nenhum técnico ou produtor diretamente ligado a produção de trigo — nem mesmo o ministro da Agricultura — o governo do sr. Sarney aceitou compromissos, intermediados pelos ministros de Relações Exteriores dos dois países, para adquirir trigo argentino por cinco anos, a partir de 1987, nos seguintes volumes:

- 1987 — 1.375.000 t
- 1988 — 1.450.000 t
- 1989 = 1.550.000 t
- 1990 — 1.700.000 t
- 1991 — 2.000.000 t

Acceptar compromisso de tal natureza, por tão longo período e em volumes progressivos, já significava um

risco. No entanto, considerando o fato de haver sido assumido em 1986, em plena euforia do Plano Cruzado, até pode ter atenuantes. Mas o governo não parou aí. Apesar da surpresa que causou, cerca de um ano depois, em junho de 1987, e ao que parece, ainda sem consultar as partes diretamente interessadas, o governo brasileiro, através dos mesmos credenciados, assinou um Anexo ao Protocolo nº 2, pelo qual o Brasil comprometeu-se ampliar o prazo de validade do compromisso por mais dois anos, ao volume de dois milhões de toneladas métricas por ano.

— A Argentina, pelo Protocolo nº 2, ficou sendo um vendedor altamente privilegiado. E pelo Anexo I, mais ainda. O Protocolo é unilateral, pois só impõe compromisso ao Brasil, liberando a Argentina de maiores responsabilidades no fornecimento do produto, conforme se pode verificar no parágrafo 9 do mencionado Protocolo, que estabelece o seguinte:

Parágrafo 9 — “No caso em que a República Argentina não possa, por motivos de ordem climática, atender, no todo ou em parte, em qualquer ano, os compromissos de abastecimento estabelecidos no parágrafo 6, fará comunicação oficial, com antecipação, ao governo brasileiro, de forma a habilitá-lo a buscar fontes alternativas de abastecimento.”

— Já no primeiro ano a Argentina não chegou a cumprir o que foi conveniado. De 1,375 milhão de toneladas para o ano de 1987, embarcou somente 1.090.109 toneladas.

Deve ter dado boas razões ao governo brasileiro, para não cumprimento do Protocolo, pois em junho do mesmo ano, ambos os governos voltaram a encontrar-se, através dos respectivos ministros de Relações Exteriores (Roberto de Abreu Sodré e Jorge Sábato), quando assinaram o Anexo I ao Protocolo nº 2.

Esse documento, levando em conta o descumprimento de formas contratuais pelo governo argentino, pode ser considerado um primor de sarcástico humorismo. Diz o seguinte:

“Considerando a experiência altamente satisfatória da execução dos contratos correspondentes ao primeiro ano de compras do compromisso de abastecimento (de trigo) entre ambos países, acordados pelo prazo de cinco anos, e que finalizam em 1991 (...), decidem: estender o compromisso de compra, por parte do governo brasileiro, e de venda, por parte do governo argentino, previsto no parágrafo 6 do Protocolo nº 2 — Trigo — aos anos de 1992 e 1993, em volumes anuais fixos de 2.000.000 de toneladas métricas/ano. Ass. Roberto de Abreu Sodré — Jorge Sábato.

Nos anos seguintes — 1988 e 1989, a Argentina continuou reduzindo as remessas de trigo ao Brasil (ver tabela), fazendo bom uso das condições que lhe favorecem, e constantes da pauta do Protocolo nº 2 e seu Anexo nº 1.

# Ctrin: moralizando a comercialização

Sobre as propaladas mudanças que, vez por outra, surgem no noticiário de imprensa, fruto de declarações de políticos a respeito de privatização na comercialização do trigo, Fensterseifer diz que não tem nenhuma preocupação. Diz que para o CTRIN, órgão do Banco do Brasil, essas especulações não causam o menor efeito. O órgão continua trabalhando no cumprimento de suas tarefas, com a consciência de seu pessoal tranquila, na certeza de estar realizando um bom trabalho em prol dos triticultores e da economia nacional.



Nilo Fensterseifer: cumprindo suas tarefas

No entanto, ele faz questão de lembrar as causas geradoras de problemas, em diferentes épocas, que redundaram na criação da Comissão de Compra do Trigo Nacional (CTRIN), em 1962. Sobre esse assunto, diz Nilo, há uma vasta legislação constituída de portarias ministeriais e decretos-leis, que vêm de 1952 até 1981.

Todos sabem como era anárquica a situação da triticultura, na época. Trigo papel, perda de safras prontas por boicote ao trigo nacional, pressão de grupos, direcionada de países produtores, através de agentes subordinados nacionais, tudo no sentido de fazer crer que no Brasil não haveria condições ideais para produzir trigo.

Mas os técnicos brasileiros, graças a dedicação e esforços empreendidos, e a crença dos produtores, isolados ou através de suas cooperativas, começaram por inverter, inexoravelmente, o quadro. A partir do ano de 1985, depois de uma sucessão de safras frustradas, mas por consequência do lançamento de novas linhagens de sementes aptas aos nossos solos e clima (ver gráfico), a produção cresceu em dobro, chegando a triplicar nos anos seguintes.

**TRIGO NACIONAL ESTRANGEIRO** — A verdade é que a partir da safra de 1986 passou a se estabelecer uma espécie de competição entre o trigo nacional e o estrangeiro, com vantagens para o produto brasileiro.

No primeiro quinquênio da década — de 1980 a 1985 — o trigo importado reinou absoluto, conforme pode se

ver por este levantamento do próprio CTRIN,

	NAC	ESTR	TOTAL
1980	2.084	4.718	6.802 mil
1981	2.180	3.896	6.076 mil
1982	1.666	4.440	6.106 mil
1983	1.872	4.447	6.319 mil
1984	1.764	4.612	6.376 mil

A partir do ano de 1986 passou a haver uma total inversão nos volumes, predominando o trigo nacional de maneira progressiva, reduzindo-se, como consequência, o produto de procedência estrangeira.

	NACIONAL	ESTR	TOTAL
1985	1.794	4.339	6.133
1986	4.696	2.507	7.203
1987	4.071	2.626	6.697
1988	5.171	1.233	6.404
1989	5.741	1.123	6.864

Os volumes da produção nestes últimos cinco anos mostram, de forma inquestionável, um crescimento expressivo de produtividade, o que é bem mais significativo do que o simples crescimento por área cultivada. Foi o resultado do trabalho dos técnicos e pesquisadores que têm revelado novas variedades de plantas.

**A IMPORTÂNCIA DAS PESQUISAS** — A pesquisa agrônômica, respaldada no lastro de um trabalho contínuo, vem, ao longo do tempo, somando conquistas que já se sedimentaram em resultados de produção e produtividade. O mais significativo dessas pesquisas, sem o qual não se alcançaria os resultados que conhecemos, são as novas cultivares de trigo, de grande potencialidade produtiva e adaptação a nossos solos e clima. O potencial genético das novas variedades, mais o controle biológico de pragas, manejo adequado dos solos, controle de doenças e invasoras, mais a rotação de culturas, são a prova de que, finalmente, dominamos os conhecimentos necessários à produção do cereal em nível de auto-suficiência.

## TRIGO ESTRANGEIRO — IMPORTAÇÕES

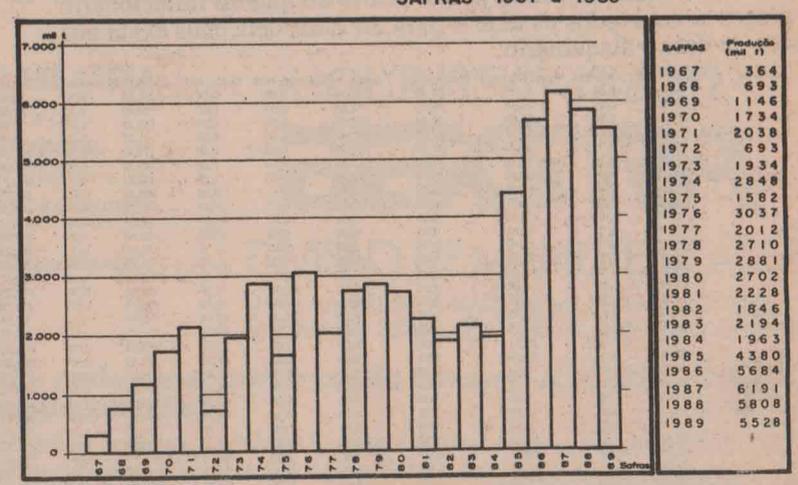
ANOS 1980 A 1989

(em toneladas)

	PROCEDÊNCIA				TOTAL	Preço Médio US \$/T. FOB
	ARGENTINA	CANADÁ	EST. UNIDOS	FRANÇA		
	1.146.413	1.850.426	1.856.388	— o —	4.853.227	173,65
	37.500	947.398	3.133.640	135.713	4.254.251	185,26
	253.990	1.475.660	2.800.618	62.802	4.593.070	168,97
	— o —	1.529.318	2.474.475	75.567	4.079.360	161,02
	777.210	1.432.341	2.407.467	— o —	4.617.018	150,00
	862.651	979.586	2.577.410	101.250	4.520.897	144,86
	704.652	822.430	612.208	26.250	2.165.540	109,60
	1.090.109	818.077	103.950	675.130	2.687.266	90,65
	944.262	3.487	— o —	5.337	953.086	103,70
	974.500	179.390	133.167	— o —	1.287.057	163,37

## AQUISIÇÕES DE TRIGO NACIONAL

SAFRAS 1967 a 1989



Descarga nos portos nacionais, por ano civil Banco do Brasil S.A. — CTRIN

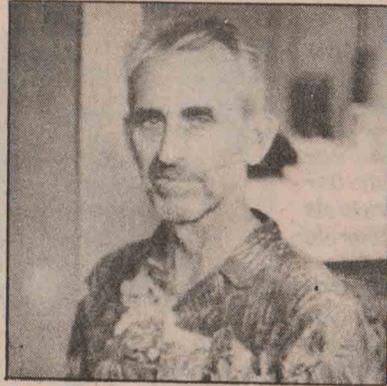
# Pagamento pode mudar, de novo

Quando não é o preço são os razos, quando não são estes é o preço incomodando. Assim é a situação do produtor de leite, que ainda convive com problemas históricos como o do frete dois ou a aplicação do leite excedente em determinadas épocas do ano. Nos últimos meses a dor de cabeça ficou por conta da forma de pagamento, estabelecida anteriormente com um prazo de 35 dias, sem correção nenhuma, e reduzido em até dez dias no ano passado.

A disparada da inflação, no entanto, fez com que o produtor continuasse brigando por uma forma mais justa de pagamento, de modo que ele compensasse as perdas inflacionárias. Em janeiro deste ano, após uma rodada de reuniões com a direção da Cotrijuí e com a CCGL, os produtores, através da sua comissão regional, aprovaram uma nova sistemática de pagamento, já utilizada em outras cooperativas. Em fevereiro, então, o pagamento foi quinzenal, com a parcela liberada pela CCGL, sendo imediatamente creditada na sua conta e passando a render juros.

**NOVA GRITARIA** — Mas o que parecia resolver o problema em pouco tempo se tornou mais um. Em funcionamento há apenas um mês, a nova sistemática já provocou uma série de reclamações. "A gritaria foi geral", diz o presidente da Comissão Regional dos Produtores de Leite da Cotrijuí Pioneira, Arno Beck, explicando que o fato de o produtor não aceitar a atual forma de pagamento se deve especialmente à situação econômica ocasionada pela inflação e as taxas de juros do momento.

"Alguns até reclamam que o



Arno Beck

gasto, como realmente se verifica, de duas viagens para receber o dinheiro é grande", salienta o produtor. O maior problema, contudo, afirma "é que a grande maioria não pode esperar pelos juros, porque também não pode comprar com juros", afirma seu Arno, referindo-se a outra medida aprovada em janeiro, que suspendeu as compras a prazo do cartão com isenção de juros, quando o produtor não tiver crédito.

As críticas dos produtores, segundo o presidente da comissão, estão baseadas em alguns cálculos realizados após a publicação da última inflação.

Em janeiro o pagamento foi até razoável, comenta seu Arno, "mas agora, os 15 dias de juros que o produtor ganha empatam com o valor que ele receberia caso recebesse apenas um pagamento no dia 10". Essa posição dos produtores será avaliada em reunião marcada para o próximo dia nove, no CTC, em Ijuí, a partir da qual deve sair a decisão de como fica o sistema de pagamento, inclusive com a possibilidade de volta aos prazos anteriores.

## Preços do leite

De acordo com a política de ajuste ao preço do leite determinada pelo Governo Federal, o produto, a partir do dia 16 de fevereiro ficou com os seguintes preços:

Para o produtor	
Leite tipo consumo.....	NCz\$ 8,54/litro
Leite tipo indústria.....	NCz\$ 8,51/litro
Leite excesso até 20 por cento da cota.....	NCz\$ 7,68/litro
Leite excesso acima de 20 por cento da cota.....	Libre negociação
Leite ao consumidor.....	
	NCz\$ 14,00/litro

A Cotrijuí Pioneira está operando com o mesmo preço do leite que exceder 20 por cento ao preço de NCz\$ 7,68 o litro.

## O custo de usar as máquinas

Muitos produtores já devem andar pensando na lavoura de inverno, programando a área a ser plantada, a quantidade de semente, adubo e herbicidas a serem usados. Embora ainda pareça cedo, pois a soja nem foi colhida, é bom, de qualquer forma, o produtor ir se prevenindo e, inclusive, programar as próprias despesas com o uso do trator, arado e até automotriz, entre outras. A tabela abaixo, com valores de início de fevereiro — o produtor deverá fazer alguns ajustes, já que frente ao quadro inflacionário os preços sobem todos os dias — para ter uma idéia mais exata dos gastos de usar o maquinário.

Num	Máquina/Equipamento	Depreciação	Seguro	Manut./Reparos	Combustível	Custo H/T	Custo H/A	Custo H/E	Custo T/H	Hs/Hora	Custo/Ha
001	Trator	44,02	0,39	31,07	21,48	96,96	0,00	0,00	96,96	0,00	0,00
002	Trator	51,22	0,45	36,16	25,06	112,89	0,00	0,00	112,89	0,00	0,00
003	Trator	52,42	0,46	37,00	26,64	118,53	0,00	0,00	118,53	0,00	0,00
004	Trator	63,63	0,56	44,91	32,22	141,32	0,00	0,00	141,32	0,00	0,00
005	Trator	78,58	0,69	55,47	42,98	177,71	0,00	0,00	177,71	0,00	0,00
006	Trator	85,71	0,76	60,50	46,54	193,52	0,00	0,00	193,52	0,00	0,00
020	Automotriz	300,00	2,82	225,20	50,12	0,00	579,34	0,00	579,34	0,90	643,71
021	Automotriz	313,60	2,94	235,20	53,70	0,00	605,44	0,00	605,44	0,90	672,71
027	Arado	15,33	0,06	6,81	0,00	0,00	0,00	22,21	140,73	0,48	293,19
028	Arado	19,35	0,08	8,60	0,00	0,00	0,00	26,92	146,55	0,48	306,31
030	Grade aradora	32,40	0,13	14,40	0,00	0,00	0,00	46,93	165,45	1,06	156,08
031	Grade aradora	36,40	0,14	16,40	0,00	0,00	0,00	53,43	171,96	1,06	162,23
032	Grade niveladora	22,96	0,09	10,20	0,00	0,00	0,00	33,25	151,78	1,59	95,46
033	Grade niveladora	27,27	0,11	12,12	0,00	0,00	0,00	39,50	158,03	1,59	99,39
034	Subsolador P	7,58	0,03	3,37	0,00	0,00	0,00	10,97	129,50	0,76	170,39
035	Subsolador T	10,76	0,04	4,78	0,00	0,00	0,00	15,59	134,11	0,93	419,09
036	Semeadeira adubadeira	34,38	0,13	19,10	0,00	0,00	0,00	53,61	172,14	1,77	97,25
037	Semeadeira adubadeira	36,10	0,14	20,05	0,00	0,00	0,00	56,29	174,82	1,77	98,77
038	Plantadeira D	45,85	0,18	25,31	0,00	0,00	0,00	71,04	189,56	0,93	203,83
039	Plantadeira D	50,06	0,19	27,81	0,00	0,00	0,00	78,05	196,58	0,93	211,38
040	Distribuidor calcário	18,05	0,07	10,03	0,00	0,00	0,00	28,13	146,68	0,96	157,72
041	Distribuidor calcário	23,46	0,09	13,04	0,00	0,00	0,00	36,59	155,11	1,55	100,97
042	Terraceador B astrita	11,92	0,05	5,30	0,00	0,00	0,00	17,26	135,78	0,37	366,97
043	Terraceador Base larga	23,21	0,09	10,32	0,00	0,00	0,00	33,62	155,15	0,22	691,59
044	Capinadeira mecânica	8,32	0,03	3,70	0,00	0,00	0,00	12,06	130,58	1,24	106,31
045	Pulverizador Jacto	32,49	0,13	14,44	0,00	0,00	0,00	47,06	165,58	1,64	100,96
046	Pulverizador Jacto	57,51	0,22	25,56	0,00	0,00	0,00	83,29	201,81	1,64	123,05
047	Atomizador Jacto	29,16	0,11	12,98	0,00	0,00	0,00	42,23	160,76	1,64	98,02
048	Carreta agrícola	14,63	0,06	5,16	0,00	0,00	0,00	19,89	130,38	1,33	104,05

# COLUNA do LEITE

Coordenação: João Carlos Schiffer — méd. veterinário  
Alaor José Daltrozo — tecnólogo em cooperativismo

## RESERVAS PARA O INVERNO

Os produtores que lidam com leite ou mantêm na propriedade um pequeno plantel de gado de corte e que não fizeram silagem de milho ou de aveia, precisam ficar alertas e se precaverem contra os dias magros de inverno. Se ainda dispõem de algum excedente de alimento na propriedade, a recomendação do departamento técnico da Cotrijuí, Regional Pioneira é para que procurem fazer, através da fenação, alguns estoques destes volumosos. Poderiam ser utilizados, no caso, sobras de bermuda, milheto, capim elefante e sorgo. É importante destacar aos produtores que o peso perdido pelas vacas leiteiras, durante os meses de inverno, por falta de alimento, se traduz em atraso na reprodução e perdas irrecuperáveis na produção.

## COLETA A GRANEL

O caminhão tanque de coleta a granel da CCGL, em experiência nas linhas de coleta de leite da Cotrijuí, tem demonstrado que o sistema está sendo aprovado. Depois de ter passado por Ijuí, Ajuricaba e Santo Augusto, o caminhão encontra-se em Tenente Portela. Alguns freiteiros, que conheceram o sistema, estão até se candidatando à compra de tanques para fazerem o transporte do leite a granel na região, área de atuação da Cotrijuí.

## APARELHO PARA AUXILIAR INSEMINAÇÃO

Está sendo lançado um aparelho que determina o período da ovulação de vacas, indicando o momento mais apropriado para fazer a inseminação artificial. De fabricação americana — Empresa Estrogeniz do Colorado —, com o nome de Estron, o aparelho tem dois eletrodos que, quando colocado em contato com a vagina da vaca, além de indicar se o animal é portador de cistos foliculares, infecções, entre outros problemas, ainda mostra se a vaca está prenha entre 18 e 21 dias. Este aparelho vai possibilitar que, num futuro bem próximo, se faça inseminação artificial nos animais com 95 por cento de chances de acerto.

## SOJA NA ALIMENTAÇÃO DE TERNEIROS

O departamento técnico da Cotrijuí, Pioneira, chama a atenção dos produtores para o risco do uso da soja na alimentação de terneiros em fase de aleitamento. Muitas vezes, procurando economizar os 3 ou 4 litros de leite que deveriam ser fornecidos aos terneiros recém nascidos, os produtores acrescentam na dieta dos animais a soja, uma proteína mais barata. Acontece que esta leguminosa apresenta fatores antinutricionais. Se fornecida a terneiros até a idade de desmame, prejudica seu desenvolvimento. O resultado desta alimentação pode se manifestar através de reações alérgicas, atrofia nas vilosidades intestinais, entre outros problemas. Da proteína da soja, apenas 55 por cento é digestível. Já a proteína encontrada no leite é 93 por cento digestível. Esta é a razão pela qual, não é aconselhável, pelo menos até a quinta semana, fornecer alimentos à base de soja. Ela só deverá ser fornecida após o desmame dos animais.

## REUNIÃO DA COMISSÃO DO LEITE

A Comissão Regional de Produtores de Leite da Cotrijuí, Pioneira, volta a se reunir no próximo dia 9 de março. A reunião acontece no Centro de Treinamento da Cotrijuí e entram na pauta do dia, assuntos relacionados com a atividade. Os produtores também vão aproveitar a oportunidade para conhecerem as estruturas e o trabalho desenvolvido na atividade leiteira pelo CTC.

## DESCORNA EM GADO LEITEIRO

A descorna é uma prática essencial para o gado leiteiro, pois o manejo destes animais quase sempre é feito em lugares com pouco espaço, evitando, desta forma, que eles se machuquem ou machuquem seus tratadores. Vacas aspadas, quando o rebanho é alimentado em cochos coletivos, tomam todo o espaço, não deixando os demais animais chegarem perto para comerem. Existem três tipos de descorna: a química, a quente e a cirúrgica. Na química se coloca um produto no botão córneo do animal já nas três primeiras semanas de idade. A descorna quente é feita quando o animal já tem o botão córneo saliente. Corta-se o mesmo e queima-se o restante com ferro em fogo. A cirúrgica se faz em animais adultos, usando-se fio-serra de aço. A recomendação técnica insiste na descorna dos animais em qualquer idade, pois esta prática é de muita valia para o manejo do gado.

## FINANCIAMENTO DE FORRAGEIRAS E INSUMOS

Encontram-se abertas as inscrições para financiamento de sementes de forrageiras e insumos no sistema troca por litros de leite. Produtores que tiverem interesse em financiar forrageiras no sistema troca-troca — levam a semente e os insumos e pagam com a produção — deverão procurar o departamento técnico da Cotrijuí, Unidade da qual estão ligados. O programa prevê o financiamento parcelado. Ou seja: o produtor pode pagar o financiamento em quatro vezes, mas em litros de leite.

## LEITE CONDENADO

Tem-se observado, neste verão, a condenação, via Ministério da Agricultura — órgão responsável pela fiscalização do leite — de leite por alta acidez. O leite ácido não pode ser aproveitado por nenhum segmento da indústria, acarretando em prejuízos para o bolso do produtor menos avisado. O leite pode se tornar ácido por vários fatores: falta de higiene na ordenha; alimentação à base de fibras — este tipo de alimentação causa a acidez metabólica —, alimentação mal conservada e a mamite. Todos estes fatores estão diretamente relacionados com o calor do verão. Entre as causas citadas, é importante destacar a mamite, uma doença que inflama o úbere das vacas leiteiras. A mamite mais comum, pode ser detectada pelo próprio produtor, que já de antemão, nem entrega a produção. Mas também existe um outro tipo de mamite, a subclínica. Esta, além de não ser detectada pelo produtor, não altera o leite do animal. Por esta razão, é importante que, a cada 15 dias, seja feito teste nos animais. O produtor deve se conscientizar de que, além dos prejuízos econômicos diretos, o animal perde, em função da mamite, sua capacidade produtiva. Vale a pena lembrar que o leite de uma vaca doente é suficiente para estragar o leite produzido por vários animais.

# Consciência política

Fecotrigo analisa atual estrutura de representatividade do sistema e define posicionamento frente ao novo governo

Extensa pauta de assuntos de natureza política e econômica foi levada a debate no IX Seminário Estadual do Sistema Fecotrigo, em Cruz Alta, nos dias 25 e 26 de janeiro, tendo por local a Fundação Fecotrigo, com a presença de mais de 100 pessoas, entre técnicos, autoridades e cooperativistas.

Os objetivos do seminário tiveram em vista definir o posicionamento do Sistema Fecotrigo frente ao novo governo da República; analisar a atual estrutura de representação do cooperativismo gaúcho e estabelecer normas de ação da entidade, em relação ao ICMS.

Segundo Odacir Klein, presidente da Fecotrigo, os objetivos do seminário foram atingidos, pois as posições colocadas, tanto nas comissões técnicas, como em plenário, foram aprovadas.

Como medidas emergenciais colocadas no Seminário, disse que a Fecotrigo lutará por uma revisão da política cambial do governo, ante a grande defasagem cambial, que é admitida pela Funcex em 30 por cento, mas que no entanto é superior a esses índices. Para Odacir Klein, as perdas sofridas pelos produtores desde a decretação do Plano Verão, em janeiro de 1989, resultou numa sangria de divisas da ordem de 1,4 bilhão de dólares.

A Fecotrigo reivindicará também junto ao futuro governo federal a garantia de

recursos suficientes para o crédito de comercialização dos produtos da nova safra de verão. Informações da Secretaria do Tesouro Nacional estimam uma disponibilidade de apenas NCz\$ 9,23 bilhões, quando a necessidade é de aproximadamente NCz\$ 19 bilhões, adverte Odacir.

Mas o problema principal não se restringe a esta defasagem entre o volume de recursos necessários e o disponível, ressalta o presidente da Fecotrigo. O que os produtores mais temem é a concretização de algo que está sendo anunciado nos bastidores oficiais, em Brasília. Ou seja: que ante a explosão inflacionária, os juros agrícolas subam a 30 ou 36 por cento, mais o IPC. A Fecotrigo lutará pela manutenção da taxa atual, que é IPC mais 12 por cento, enquanto não ficar estabelecida, em definitivo, a correção em valor igual ao aumento do preço dos produtos agrícolas.

Considerando o fato de que a agricultura sofre uma relação muito desvantajosa entre os preços recebidos pe-

los produtores e aqueles pagos pelos insumos, máquinas e equipamentos em geral, a Fecotrigo insistirá junto ao novo governo para que seja implantada uma política capaz de corrigir essa distorção, que vem inviabilizando a agricultura, reclama Odacir Klein.

Em relação ao trigo, promete promover forte campanha pela retomada da meta da auto-suficiência na produção. Diz que a Fecotrigo vai mostrar à nação que a medida representaria uma economia ao país de 325 milhões de dólares, sem contar os benefícios indiretos, como empregos, dinamização do parque industrial de maquinaria agrícola, transportes, indústria, circulação, etc., tudo dentro da chamada economia de escala.

**AÇÃO POLÍTICA** — O vice-presidente da entidade, Rui Polidoro Pinto, fez considerações políticas, pois entende que o cooperativismo, como sistema precisa introjetar-se para dentro de si mesmo e despertar para uma conscientização madura em termos de seu real posicionamento no universo da sócio-economia nacional, e com sua estatura ideológica devidamente definida. Isso, para ele, não vem ocorrendo. Ou, pelo menos, não vinha ocorrendo nos limites do Rio Grande do Sul, até o advento do Seminário de Cruz Alta.

Polidoro considera que o IX Seminário também foi importante por ter colocado em questionamento assunto relacionado como "neutralidade." Ele acha que neutrali-

dade nada mais é do que discriminação política, e que isso não deve continuar. Para ele, cooperativismo é pura ação política — pois trata da convivência e do inter-relacionamento de pessoas. Portanto, barrar-lhes a ação de natureza política é, de certa forma, conter o impulso de afetividade que é o amálgama da filosofia cooperativista. Concorde que as cooperativas não se agreguem a partidos, mas que, sem dúvida, devem fazer política, pois que políticos são seus atos. E espera que as lideranças mais expressivas do meio se disponham a disputar cada vez mais, cargos de natureza política, pois "é preciso ter cooperativistas políticos que defendam a causa do sistema na Câmara Federal e no Senado da República," enfatiza Polidoro Pinto.

## SÓ UMA BALANÇA SERÁ CAPAZ DE PESAR MILHARES DE TONELADAS DE SOJA, ARROZ OU MILHO.

## A QUE ESTIVER FUNCIONANDO.

### PLANO BEXTRA DE REVISÃO PRÉ-SAFRA:

- Revisão, regulagens e consertos de **Balanças de todas as marcas.**
- Profissionais altamente especializados.
- Garantia dos serviços prestados durante toda a safra.
- Atendimento em 24 horas em qualquer ponto do Estado.

LIGUE (0512) 42-6802

## BEXTRA

DIVISÃO DE MANUTENÇÃO

UMA EMPRESA ASSOCIADA AO GRUPO DHB  
Rua Augusto Severo, 634 - CEP 90.240 - Porto Alegre

**A colheita de sua safra não pode parar por causa da Balança. A BEXTRA divide com você o peso desta responsabilidade.**

São clientes BEXTRA: • Brasilit • Deprec • Springer • Azulejos Cecria • Azulejos Eliane • Cicade • Frigorífico Extremo Sul • Incobrasa • General Motors • Bosch • 3M • Ultra Fértil • Batavo • Fras-le, entre outros.

## O ICMS

Constituindo-se na questão três das proposições do Seminário, o assunto ICMS mereceu muitos debates até de natureza acalorada. Vários grupos estudaram o assunto. A conclusão final, por unanimidade, foi a seguinte:

- A Fecotrigo, com o apoio das cooperativas filiadas, deve continuar exercendo pressão junto à Secretaria da Fazenda do estado do Rio Grande do Sul, até a obtenção total do tratamento fiscal solicitado.

- Ficou estabelecido o prazo de 30 dias para que a Fecotrigo proceda a análise e acompanhe as reivindicações já encaminhadas à Fazenda.

- Na hipótese de não vir a ser ampliada a concessão fiscal — já que apenas três produtos foram contemplados até agora — as cooperativas filiadas ao sistema Fecotrigo suspenderão o pagamento do imposto referente àquelas operações que caracterizarem a cumulatividade do ICMS.

As proposições de que trataram os itens um e dois do temário do Seminário serão levadas ao conhecimento do novo governo, tão pronto seja empossado, durante audiência a ser solicitada pelo presidente da Fecotrigo.

Mais uma vez o baculovírus mostrou que, se bem conduzido e aplicado na hora exata, dá resultados. Não só puxa os custos da lavoura para baixo, como também poupa o meio ambiente e a saúde dos agricultores de riscos com intoxicações



Algumas lavouras de soja ficaram bastante desfolhadas...  
... em razão do ataque intenso da lagarta

## Prática bem sucedida

Quem este ano aplicou o baculovírus anticarsia no combate a lagarta *Anticarsia Gemmatalis* na hora exata, não tem do que se arrepender. Eliminou o lagartado que infestava a lavoura a um custo reduzido e ainda por cima não colocou a sua saúde em risco. Agora, aquele agricultor menos avisado, que resolveu dar um tempo porque apostou num controle natural, se viu pequeno para matar as lagartas e ainda salvar a plantação de prejuízos maiores. Quem ainda arriscou usar o inseticida biológico, mesmo meio tarde, teve de tocar veneno em cima, pois não havia tempo para esperar o efeito do vírus.

Esta safra de verão vai ficar guardada na lembrança dos agricultores da região não só pela intensidade da infestação, mas principalmente, pela época do aparecimento das lagartas nas lavouras. Ela só apareceu bem no tarde, quando o agricultor não esperava mais a visita inoportuna da praga. O adiantado da lavoura, a maioria em fase de floração e algumas até granando, levou muitos agricultores a debandarem rumo a cidade em busca de inseticidas químicos.

É claro que as consequências dessa debandada atrás de venenos não odiam ser piores. O custo da lavoura dobrou e o meio ambiente elevou ainda mais seu nível de contaminação. Em Arroio Bonito e no Rincão dos Müller, em Augusto Pestana, a mortandade de peixes era um exemplo de que muitos agricultores ainda não aprenderam que o maquinário não deve ser abastecido e muito menos lavados em riachos. A visita de muitos agricultores também contou por um fio. Só o Hospital de Caridade de Ijuí registrou, nas duas últimas semanas de fevereiro, a internação, por intoxicação com agrotóxicos, de cinco agricultores. Quatro deles eram do interior de Ajuricaba. Em Augusto Pestana, a situação ainda foi mais séria: seis agricultores intoxicados buscaram atendimento no Hospital São Francisco, onde permaneceram internados.

**CONSCIENTIZAÇÃO** — Para Mauro Stein, agrônomo da Cotrijuí na unidade de Ijuí, a tecnologia do uso do baculovírus anticarsia no combate a lagarta da soja não só é viável como vem sendo adotada, a cada ano, por um número cada vez maior de agricultores. Apesar dos problemas ocorridos nesta safra, observa o agrônomo, o nível de conscientização dos agricultores da re-

gião em relação a eficiência do inseticida biológico no controle da lagarta vem aumentando. Ele aponta como responsáveis por esse avanço, não apenas os resultados obtidos a nível de campo, mas também a preocupação dos agricultores em relação ao uso indiscriminado de agrotóxicos nas lavouras.

A conscientização adquirida ao longo de quase 10 anos de baculovírus anticarsia na região, está levando, forçosamente, o agricultor aprender a usar o controle biológico, já que a prática envolve alguns procedimentos que podem influir diretamente no resultado final. Visitas diárias às lavouras e contagem das lagartas, dos percevejos e dos inimigos naturais existentes, já é meio caminho andado e basta apenas o agricultor se valer da famosa e batida "batida de pano". Esse procedimento é importante porque vai ajudar o agricultor a determinar o momento exato e ainda quantificar o número de pragas e inimigos naturais existentes em cada metro quadrado de lavoura, reforça o Mauro.

A hora exata de entrar com o baculovírus anticarsia na lavoura, principalmente em soja de porte médio e de boa área foliar, é determinada por uma destas batidas de pano. Basta encontrar até 40 lagartas pequenas — de menos de 1,5 centímetro de comprimento — e de 8 a 10 lagartas grandes, para o agricultor agir. Também é preciso ficar atento para o nível de desfolhamento, de 30 por cento até a floração e 15 por cento após. Essa é a hora correta, diz o agrônomo, que volta a insistir na necessidade de visitas diárias à lavoura.

A aplicação do vírus na hora errada quase sempre implica em problemas. Ou o agricultor segura as pontas e aguenta os prejuízos causados pela ação da lagarta, como aconteceu com parte da lavoura da dona Jeni Werworm, ou corre para a cidade e compra veneno para jogar em cima. Este fato, aliás, foi uma das razões que levou muitos agricultores a terem problemas com o baculovírus nesta safra e que, em resumo, tem a ver com a contagem das lagartas existentes na lavoura. Por não usar a "batida de pano", o agricultor não teve como determinar o número de lagartas. Usou o baculovírus e, logo em seguida, para não ter quebra de produção, teve de recorrer ao inseticida químico, diz o agrônomo. O Mauro também não recomenda a aplicação do baculovírus numa lavoura

sem lagartas, já que neste caso não existe controle preventivo. O vírus só age na lagarta por ingestão. Além de suscetível à radiação solar, a sua duração sobre as folhas é muito pequena.

**LAGARTA PRETA** — Além do ataque de lagartas ter aparecido bem no tarde, quando a maioria dos agricultores de outras regiões do Estado já haviam aplicado veneno nas suas lavouras mais de uma vez, ele trouxe uma novidade: a lagarta preta. Na verdade, segundo o Mauro, a lagarta preta é uma transformação da lagarta *Anticarsia Gemmatalis*. Essa transformação só ocorre quando existe alta população, como aconteceu nesta safra, da lagarta verde. Como a lagarta preta é mais resistente ao vírus, levando em torno de 8 a 10 dias para parar de comer, em vez dos quatro, o agricultor precisou tomar muito cuidado.

Mas como evitar a transformação da lagarta comumente chamada de verde em lagarta preta ou rajada?, indagam os agricultores. A resposta está nas mãos dos próprios agricultores. Basta eles segurarem a infestação ao nível de 40 lagartas pequenas por metro quadrado. Se o agricultor fizer a aplicação do inseticida biológico dentro deste nível de infestação determinado pela pesquisa, dificilmente vai enfrentar problemas de alta população de lagartas na sua lavoura, insiste Mauro. Além do aparecimento da lagarta preta, Mauro ainda cita como fatores que atrapalharam o efeito do baculovírus na lavoura, a falta de chuva por um período de 20 dias e a lagarta falsa-medideira. Este tipo de lagarta não sofre a ação do baculovírus, alerta. O seu controle só pode ser feito com inseticidas químicos.

**CUIDADOS** — Embora o ataque de lagartas tenha passado e nenhum agricultor quer ouvir falar em outra infestação nesta safra, o Mauro continua insistindo em alguns cuidados que devem ser tomados. Eles valem para qualquer época e podem garantir o sucesso do controle biológico. Recomenda só usar lagartas contaminadas em boas condições. Se a lagarta estocada apresentar uma coloração escura, recomenda a análise do produto. Em caso de dúvidas, o agricultor pode reforçar a dosagem. Em vez das 70 lagartas recomendadas, ele poderia usar 100. Outro conselho de Mauro: observar a hora da aplicação. O sol quente e o vento desativam o baculovírus.

## BACULOVÍRUS



Roque Dalla Rosa  
Conclusões positivas

## A experiência que deu certo

O seu Roque Dalla Rosa, apesar da inexperiência, foi ligeiro no combate a lagarta da soja neste verão. Quando deu para contar 60 lagartinhas "das bem pequenas" e algumas maiorzinhas, ele deu de mão no estoque de lagartas contaminadas, coletadas no ano passado na lavoura de um conhecido e resolveu fazer uma experiência em dois dos cinco hectares de planta. Não passou em toda a área porque teve de trabalhar com um pulverizador manual. O resultado não podia ser melhor: em 12 dias as lagartas começaram a morrer e dois dias depois ele fez uma vistoria e não encontrou mais lagartas vivas. No restante da área, de três hectares, ele foi obrigado a passar veneno.

Esse foi o primeiro ano que o seu Roque lidou com o baculovírus. Mas já sabia do resultado, por ter observado algumas lavouras ainda no ano passado. Tanto gostei do efeito que guardei umas doses e decidi que esse ano ia fazer uma experiência, diz ele, que também cultiva mais 10 hectares em sociedade com um irmão. Lamenta ter sido obrigado a usar veneno no resto da área. Se tivesse um trator, poderia ter coberto toda a área em um só tempo. Tinha economizado dinheiro e a saúde, avalia.

Na área maior, onde planta com o irmão, eles aplicaram o baculovírus dois dias depois, "mas o ataque era o mesmo". Utilizaram um trator e 200 litros de água por hectare. A lagarta já tava num porte maior e levou mais tempo para morrer, conta o seu Roque. O Ildo já estava ficando assustado, mas mesmo assim resolveu seguir o conselho do agrônomo da Cotrijuí, o Mauro, e segurou mais dois dias e deu certo. Não precisou correr atrás de veneno. **CONCLUSÕES** — Da experiência com o uso do inseticida biológico no controle da lagarta da soja, o seu Roque já pode tirar algumas conclusões e até emitir alguns conselhos para aqueles agricultores que ainda hoje não acreditam na eficiência da prática. Viu na prática que o agricultor não pode tirar o olho da lavoura e muito menos esperar a lagarta crescer. Não precisa contar 40 lagartas por metro quadrado para fazer a aplicação. Se aplicado em tempo, é uma solução econômica e que não prejudica o meio ambiente e nem a saúde dos agricultores, diz seu Roque, que já armazena no congelador quantidade de lagartas contaminadas suficientes para cobrir uns 15 hectares de lavoura.

# A saúde em primeiro lugar



Sigmar Jung e Alberto Rossetto  
Pouco desfolhamento na lavoura

O seu Sigmar Augusto Jung, proprietário de 32 hectares de terra na localidade de Linha Santo Antônio, instrutor de Augusto Pestana, é um dos muitos agricultores da região que hoje não tem mais dúvidas quanto aos resultados que se pode alcançar com o baculovírus no combate a lagarta da soja. Ele fez a primeira experiência no ano passado, num pedaço de lavoura e deu bem. Coletou lagartas mortas e guardou para serem usadas na lavoura deste verão. No primeiro ataque, nem precisou em se tocar para a cidade comprar veneno. Tirou as lagartas do controlador e aplicou em toda a lavoura de soja, de pouco mais de 25 hectares.

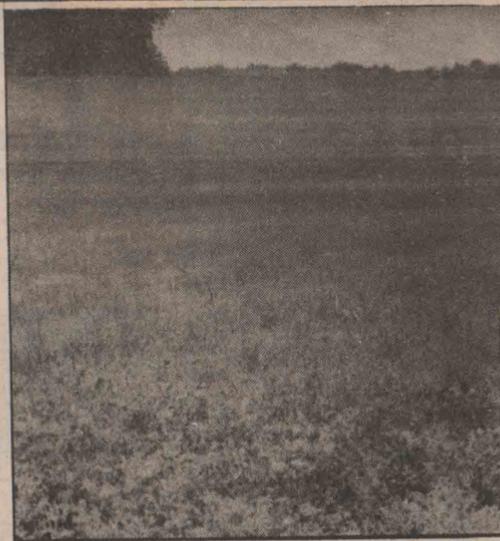
"Este ano só usei o baculovírus para acabar com a lagarta da soja", conta o agricultor que, mesmo às voltas com um ataque intenso "e meio fora de época", não pensou duas vezes e tão pouco deu ouvido aos conselhos dos vizinhos. "A lavoura fervia de lagartas. Tinha mais de 200 por metro quadrado, conta o seu Sigmar que, para aplicar o baculovírus na lavoura, utilizou um pulverizador com pistola. Ele só acha que poderia ter aplicado o baculovírus uns dois dias antes, "mas de qualquer forma, tive ótimos resultados. Não gastei dinheiro com venenos e nem coloquei em risco a minha saúde e nem a da minha família".

**DOSAGEM DUPLA** — O agricultor utilizou, durante a aplicação do baculovírus, 200 litros de água por hectare

e uma dosagem reforçada de lagartas contaminadas. Em vez das 50 lagartas recomendadas, usei 100. Achei que o ataque era grande demais, explica. Aplicou o vírus numa sexta-feira e, em 10 dias, não tinha mais nenhuma lagarta viva na lavoura. Esperei pelo efeito com paciência e tenho certeza que valeu a pena, reforça. Num pedaço pequeno de lavoura, ele deu um tempo para as lagartas crescerem um pouco. Depois aplicou o baculovírus de onde tirou, dias depois, 7,5 quilos de lagartas contaminadas, dosagem suficiente para controlar as pragas de 350 hectares de lavoura. A vizinhança não deixou por menos e levou outro tanto de lagartas mortas.

O ataque foi tão grande, principalmente nesta área onde retardou a aplicação do vírus que, segundo o seu Sigmar, era possível encontrar até 50 lagartas mortas penduradas nas folhas da soja. Para facilitar o trabalho de coleta dos bichinhos mortos, ele utilizou um carrinho de mão. Passava o carrinho no meio da lavoura e batia os galhos de soja em cima. Em pouco mais de hora juntamos 2,5 quilos de lagartas contaminadas, conta o agricultor.

**SAÚDE EM PRIMEIRO LUGAR** — Para o seu Sigmar, mais importante que a economia, é a saúde que pode ser poupada com o uso do baculovírus. Essa é a economia maior que um agricultor pode tirar pelo simples fato de não aplicar veneno na lavoura, adian-



Jeni Werworn, foto ao lado  
Atraso na aplicação, causou desfolhamento intenso na lavoura

ta, dizendo ser contra o uso de qualquer produto agrotóxico na lavoura. Há muitos anos não usa herbicidas para controlar as ervas daninhas e lamenta que, ainda hoje, muitos agricultores estejam estragando sua saúde por teimosia. Vi muito agricultor aplicando veneno com pulverizador costal e sair da lavoura encharcado. E o pior é que o resultado nem sempre é satisfatório, lamenta.

Para aquele agricultor que ainda hoje não acredita na idéia, seu Sigmar sugere uma pequena experiência "em um canto de planta". Os demais conselhos do agricultor ficam por conta dos cuidados na hora da aplicação do baculovírus. O agricultor não pode ter pressa. Tem que andar devagarinho e molhar muito bem a soja, que o vírus se desenvolve melhor com a umidade. Entende que se hoje a maioria dos agricultores adotasse a prática do baculovírus, "daqui uns 10 anos, ninguém mais ia precisar de veneno para matar a lagarta da soja, pois os inimigos naturais iam poder se desenvolver na lavoura".



## Confiança, apesar do prejuízo

Que o baculovírus faz efeito, não tenho mais dúvidas. A experiência que fiz neste ano me deu esta certeza. Só é preciso aplicar na hora exata, diz a Jeni Werworn, referindo-se a experiência que fez neste verão usando o baculovírus em lugar do veneno para combater a lagarta da soja em parte da lavoura. Nesta primeira experiência, a Jeni não se deu de toda muito bem. Teve alguns problemas, mas mesmo assim continua apostando na prática como uma solução que não só é boa para o bolso, como também e principalmente, para a saúde.

A Jeni começou a sua experiência aplicando baculovírus em 25 hectares de um total de 70 hectares de lavoura de soja localizados na Linha 4 Oeste, em Ijuí. No restante da área ela teve de aplicar veneno porque a soja estava granando e o ataque de lagartas era intenso. Algumas doses tinha guardado em casa. O restante conseguiu com a Emater. O resultado só não foi melhor, porque o ataque além de intenso, "apareceu meio que de repente". Além disso, ela não soube determinar a hora exata de aplicação, e a lagarta, até o baculovírus fazer efeito, teve tempo de fazer um estrago na área que pode chegar a 25 por cento de perdas, caso não chova o suficiente para a lavoura se recompor. Pelo que aprendi neste ano, já sei que o baculovírus tem que ser aplicado logo que aparecerem as primeiras lagartas, diz ela, já programando para a próxima lavoura, caso a lagarta volte a atacar a soja, repetir a experiência em toda a área. Não é tanto pelo dinheiro que se economiza, mas muito mais pela saúde que se poupa e que depois não tem volta, afirma.

**SEM VOLTAR ATRÁS** — Mesmo que a lavoura tenha sofrido um desfolhamento de quase 80 por cento, a Jeni não voltou atrás. Aguentou firme e não usou veneno nesta área. Sabia que a lagarta ia morrer. Era só esperar o vírus começar a fazer efeito sobre as lagartas, como realmente aconteceu alguns dias depois, observa. Com muitas doses estocadas, e entendendo ser o baculovírus a solução para diminuir um pouco o nível de intoxicação dos próprios agricultores e do meio ambiente, a Jeni está prometendo, para o próximo ano, ser um pouco mais cuidadosa. "Quero usar o baculovírus na época certa."

## Lições para o ano

Os Tiecher se viram pequenos para controlar a lagarta da soja deste ano. Como a lavoura era grande, eles não tiveram outra saída senão recorrer ao uso de veneno antes que o estrago da lagarta compromettesse toda a lavoura, já em fase de florescimento e granadação. Para vencer toda a área apenas com o baculovírus dentro do tempo certo, ficou difícil. O estrago poderia ser grande até que começasse o efeito, conta o Ênio que, juntamente com o pai, o seu Olinto e mais o irmão Nildo José plantaram 100 hectares de soja em Alto da União, interior de Ijuí.

Ano passado os Tiecher controlaram a lagarta da soja usando o baculovírus complementado com um inseticida biológico. Mas neste ano, como o tempo era escasso e o ataque intenso, eles tiveram tempo de usar baculovírus em apenas 10 hectares de lavoura. No restante, conta o Ênio, usamos inseticida químico, mas em dosagem menor. Em vez dos 800 ml recomendados, eles aplicaram apenas 250 ml por hectare. E, apesar de constatar alguns desfolhamentos na lavoura, "mas sem grandes comprometimentos," o Ênio está satisfeito com resultado obtido. O nosso custo com o uso de veneno na lavoura ficou reduzido em 50 por cento, diz, entendendo que até uma economia de 70 por cento já é válida. Usar menos veneno na lavoura já é um grande negócio, reforça.

**LIÇÕES** — O Ênio reconhece que, pela lição tirada no ano passado, com o

uso do baculovírus no combate da lagarta, ele deveria ter começado a aplicação logo no início do ataque.

Mas como o ataque deste ano aconteceu meio fora de época, tentamos segurar um pouco, pensando que ele pudesse controlar naturalmente. A infestação cresceu muito rápido e o tempo ficou curto para usar inseticida biológico em toda a área.

Apesar de se mostrar um grande defensor do baculovírus como uma prática eficiente e sem riscos para a saúde e o meio ambiente o Ênio se mostra meio cauteloso em usar o inseticida biológico numa lavoura com alta concentração de lagartas. Ainda penso que neste caso, existe um grande risco e, se o produtor não tomar cuidados, ele pode ter prejuízos, observa reconhecendo muitas vantagens na sua aplicação. Hoje o produtor está muito mais conscientizado. Ele não quer saber muito de usar veneno.

**80 POR CENTO** — A idéia do seu João Borkenhagen, do seu Godofredo, o pai e do Nildo, o cunhado, era de, neste ano, não mexer em veneno. Pretendiam só usar o baculovírus, caso houvesse necessidade. Mas os planos



Ênio Tiecher  
Conscientização é grande



João Borkenhagen  
Só vantagens

do seu João, do seu Godofredo e do Nildo furaram diante de um ataque intenso e inesperado de lagartas na lavoura. Gastaram os estoques do inseticida biológico em 80 por cento dos 110 hectares de lavoura plantados em Itá, interior de Ijuí, mas tiveram de usar veneno em cima. A soja estava granando e a infestação da lagarta medeira nos deixou preocupados, diz o seu João contando que a família já lida com o baculovírus há quatro anos. Ano passado aplicamos em toda a lavoura.

O que falta para o agricultor, critica o seu João, é paciência. O baculovírus não tem o mesmo efeito imediato de um veneno, mas controla a lagarta com a mesma eficiência. Ao apontar as vantagens de se usar o baculovírus, ele cita o inimigo natural "que vai poder continuar na lavoura desempenhando o seu papel". Quando o agricultor deixar de ser imediatista em relação a resultados, ele vai poder largar o veneno de mão. Mas dá um conselho: o olho do dono na lavoura é muito importan-

# O exemplo de Santa Catarina

Conhecer a organização e o sistema das cooperativas de crédito de Santa Catarina. Esta foi a razão da visita de representantes das cooperativas de crédito da Senacoop e BNCC de Mato Grosso do Sul



A comitiva sul-matogrossense em ...  
... intercâmbio com cooperativas de crédito de Santa Catarina

Com o apoio financeiro do Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Cooperativismo de Crédito - Procred, foi realizado no mês de dezembro o primeiro intercâmbio entre dirigentes e técnicos do cooperativismo sul-matogrossense com as cooperativas de crédito rural de Santa Catarina. O grupo composto pelo tesoureiro da Credirio, pelos presidentes das cooperativas de crédito rural do Mato Grosso do Sul e por técnicos da Senacoop e do BNCC, visitou a Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina - Ocesc, a Cocecrer e o BNCC locais e também a Credicanoinhas, cooperativa de crédito rural ligada à cooperativa de produção do município de Canoinhas, e a Credinorte, cooperativa de crédito rural da Coopernorte de Mafra.

Baseado no modelo cooperativista pioneiro do Rio Grande do Sul, o catarinense floresceu e buscou seus próprios caminhos. Hoje é tido como exemplo a ser seguido e prova disso são as constantes visitas que recebe de outros Estados onde começa a surgir o crédito rural. Esse desenvolvimento, entretanto, só tem sido possível graças a uma conjunção de fatores como a participação dos associados na vida da sua cooperativa e à perfeita integração existente entre os órgãos que representam o sistema como a própria Ocesc, a Senacoop, a Cocecrer e o BNCC.

Um passo fundamental para a viabilização das cooperativas de crédito rural, segundo Milton Dalago da Ocesc e um dos coordenadores do intercâmbio, tem sido o apoio das cooperativas de produção. Elas forneceram as condições iniciais para o funcionamento das credi's, cedendo local, funcionários e assistência técnica, prossegue confirmando assim, a tese hoje aceita com unanimidade, de que a cooperativa de crédito

deve necessariamente estar ligada a uma de produção.

Atualmente Santa Catarina conta com 17 cooperativas singulares - em torno de 12 mil associados - de crédito rural e uma Central - a Cocecrer - fundada em 1986 mas que começou a operar dois anos mais tarde. A implantação da Cocecrer foi um processo lento conforme Dalago, porque houve um trabalho intenso de conscientização com os associados das singulares, mas as próprias cooperativas sentiram essa necessidade vendo-a como uma forma de aumentar o poder de barganha. Além disso a cooperativa central proporcionou ainda outros benefícios como a padronização de todo sistema de cooperativismo de crédito rural.

Para o presidente da Credicanoinhas, Alfredo Scultetus, a união das cooperativas de crédito rural só vai beneficiar o agricultor e ele vai mais longe sugerindo inclusive, a criação de uma entidade que reúna todas as cooperativas de crédito do Pafs. Scultetus preside uma das cooperativas de crédito rural mais antigas do estado, lembrando que a Credicanoinhas foi fundada em 1984, começou a funcionar no ano se-

guinte, mas somente passou a liberar recursos para seus associados em 1986. O seu quadro social é composto atualmente por 1.194 associados, que já foram beneficiados no final do exercício de 88 com a distribuição das sobras, pois cerca de 15 por cento do valor das taxas cobradas nos financiamentos foram devolvidas aos cooperativados.

A outra cooperativa visitada durante o intercâmbio foi a Credinorte em Mafra, e que é uma das mais novas cooperativas de crédito rural do Estado. Ligada a Coopernorte que possui cerca de três mil associados, a cooperativa de crédito foi fundada em julho de 88 mas iniciou suas operações em maio do ano passado e conta atualmente com 453 associados. Em proporção ao número de associados da cooperativa de produção, chama a atenção o reduzido quadro social da cooperativa de crédito, mas o gerente da Credinorte explica que o ingresso está sendo limitado devido a própria estrutura da cooperativa, que ainda é bastante tímida. Mas mesmo com pouco tempo de funcionamento, continua ele, foi possível liberar financiamentos a cerca de 10 por cento dos associados para o custeio desta safra de verão.

Tendo em vista que as

oito cooperativas de crédito rural criadas junto a cada unidade da Cotrijuf no Mato Grosso do Sul entraram em funcionamento ainda no mês de janeiro, o objetivo do intercâmbio de proporcionar um conhecimento mais amplo sobre o sistema, foi totalmente cumprido, uma vez que os presidentes das credis puderam ver na prática a operacionalização das mesmas e dirimir suas dúvidas com relação ao assunto.

Na avaliação feita pelo grupo, o intercâmbio foi extremamente positivo, apesar da curta duração do evento e pela falta de um contato mais efetivo com os produtores rurais associados às cooperativas de crédito rural. A comitiva sul-matogrossense foi composta pelos presidentes da Credilândia: Paulino Stralio; da Credimara; Germano Bellan; da Credibon: Nercy Soares dos Santos; da Credidourada: Frederico Stefanello; da Crediita: Darci Bender; da Credirural: Antônio Rubim; da Credipan: Ângelo Pavanelo; pelo tesoureiro, da Credirio: Darci Alcécio e pelos técnicos da Senacoop: Oswaldo Cáceres da Silva e Sydnei Ferreira de Almeida, e do BNCC, Domingos Garde Filho.

## Organização e eficiência

Mas além do cooperativismo de crédito rural, o sistema demonstra a mesma vitalidade em outros segmentos e hoje Santa Catarina conta com um cooperativismo bastante diversificado e atuante, representado através das 171 cooperativas singulares que congregam 300 mil associados. Ou seja, mais de um milhão de pessoas considerando-se os dependentes, o que representa cerca de um quarto da população do Estado envolvida direta ou indiretamente no cooperativismo.

Os principais segmentos são representados pelo cooperativismo agropecuário, de eletrificação rural, de crédito, de consumo, escolar, de trabalho e pelas cooperativas habitacionais. O setor mais expressivo é o de produção que congrega mais de 80 mil associados nas 42 cooperativas e é responsável por aproximadamente um milhão de toneladas de milho, soja, arroz e trigo, o que corresponde a 25 por cento da produção estadual. Merece destaque ainda o setor de eletrificação rural, representado por 35 cooperativas e que beneficia cerca de 112 mil associados consumidores.

Para manter a organização e eficiência do sistema, o cooperativismo catarinense conta com o apoio da Ocesc, da Senacoop, e do BNCC, além do Instituto Técnico das Cooperativas - ITEC, órgão criado em 1975 pelas próprias cooperativas para prestar-lhes assessoria. Atualmente o ITEC presta serviços para aproximadamente 50 cooperativas, revela Geci Pungan, coordenador do Instituto, atendendo todos os segmentos cooperativistas nas áreas de auditoria, tributação, administrativa e de gerenciamento.

### IDEAL PARA:

- Construção de silos aéreos, trincheiras e subterrâneos
- Cobertura e proteção das colheitas.
- Impermeabilização de açudes.
- Construção de galpões provisórios.
- Além de outras aplicações.

**itap**

São Paulo - SP - Cep 05346  
Av. Marechal Mário Guedes, 77  
Tel.: (011) 268-2122  
Telex: 11 81808 - 11 81949 - 11 82154  
Fax: (011) 819-3977

Bauru - SP - Cep 17100  
R. Batista Carvalho, 4-33  
Conj. 1 - andar A  
Tel.: (0142) 32-2294  
Telex: 142 465

Rio de Janeiro - RJ - Cep 20021  
Av. Augusto Severo, 156 - s/104 - Lapa  
Tel.: (021) 221-2728  
Telex: 21 22243

Belo Horizonte - MG - Cep 30170  
R. Maltas Cardoso, 11 - c/204  
Tel.: (031) 335-0043  
Telex: 31 1533

**Inesa S.A.**

Salvador - BA - Cep 43700  
Via Periférica, 4312  
Tel.: (071) 594-8877  
Telex: 71-2385

QUALIDADE E PRODUTIVIDADE

  
LEGÍTIMA LONA PLÁSTICA 200  
**Terreiro**  
COM ESTABILIZ 531

# Apoio aos pequenos

O município de Ajuricaba já conta, desde janeiro, com a sua Cooperativa de Crédito Rural. É a 63ª implantada no Estado

O cooperativismo de crédito no Rio Grande do Sul nasceu modestamente em 1982 com o objetivo, a longo e médio prazos, de colocar à disposição do setor primário gaúcho, principalmente dos associados das cooperativas de produção, um mecanismo que lhes possibilitasse fazer com que os recursos que são gerados pela produção primária, passassem a ser administrados pelos próprios agricultores. Desta forma, Ademar Schardong, presidente da Central de Cooperativas de Crédito do Rio Grande do Sul, resumiu, durante a solenidade de instalação da Crediaju, de Ajuricaba, os objetivos das cooperativas de crédito do Estado.

O ato de instalação da Cooperativa de Crédito Rural de Ajuricaba Ltda aconteceu no dia 19 de janeiro e contou ainda com as presenças do diretor presidente do Grupo Cotrijuf, Oswaldo Meotti; do vice-presidente da Cotrijuf na Regional Pioneira, Celso Sperotto; do prefeito municipal de Ajuricaba, Deniz Espedito Serafini; do presidente da Crediaju, Paulo Ottonelli; do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Luiz Ottonelli; do presidente do Sindicato Rural, Edemar Fridrich; do gerente da Unidade da Cotrijuf em Ajuricaba, Auri Hoff; de gerentes de bancos, conselheiros e representantes da Cotrijuf e agricultores do município e região.

**A 63ª DO ESTADO** — A Crediaju é a 63ª cooperativa do Sistema Integrado de Crédito Rural a ser instalada no Estado desde 1982. "Mas a Crediaju não veio para ser utilizada como um argumento de que outras instituições financeiras não tenham espaços no desenvolvimento do município, deixou claro Ademar Schardong, procurando dar ênfase ao fato de que as cooperativas de crédito rural vieram para somar dentro da atual conjuntura que se estabeleceu no País e que esbarra na falta de recursos para financiar o setor. O Governo Federal não tem mais dinheiro para suportar o financiamento agropecuário," avisou.

Mais adiante, reconheceu que já não existem mais dúvidas de que tudo será feito para que se implante no País uma economia de mercado, onde cada segmento deverá ser mais produtivo, mais competente, mais racional, assumindo seu próprio risco. Disse ainda que este era o momento dos agricultores bancarem um novo risco, assim como já aconteceu há 30 anos atrás, por ocasião da instalação das cooperativas de produção. Agora chegou o momento de se tomar uma nova decisão: a de assumirem o risco de montar as suas próprias instituições financeiras.

**UMA IDÉIA** — Ao comparar o sistema financeiro com o cooperativismo de crédito, Ademar Schardong lembrou que este último representa apenas uma idéia. Não estamos aqui inaugurando mais uma agência bancária no município de Ajuricaba. Estamos aqui implantando mais uma idéia que até pode ser enterrada por algum tempo, como já o fez o Banco Central em 1964, mas que, a qualquer momento pode ressurgir com toda a sua força. Mas alertou que o cooperativismo de crédito, mesmo como idéia, precisa ser muito bem assimilada pelos agricultores, pois entende que a época do paternalismo já acabou. Não podemos mais esperar que os outros façam o trabalho por nós, disse ainda, convidando os agricultores presentes à solenidade de instalação da Crediaju a darem sua parcela de sacrifício para que o sistema cresça e possa atingir os seus objetivos. O cooperativismo de crédito rural deve ser usado no sentido de buscar o desenvolvimento econômico e social do município e da região, disse ainda o presidente da Cocecrer, parabenizando a nova diretoria da Crediaju pelo empenho da sua instalação e também a direção e associados da Cotrijuf pelo apoio e incentivo que vêm dando ao sistema, principalmente em sua área de atuação.

**PROBLEMAS** — Os nossos proble-

mas precisam ser resolvidos por nós mesmos, disse o diretor presidente da Cotrijuf, Oswaldo Meotti, reforçando as palavras do presidente da Coce-

crer. Se nós geramos economia, geramos riqueza e recursos, por que então não fazer com que esses recursos girem dentro do próprio meio em que foi produzido?, indagou, lembrando ao mesmo tempo que, historicamente, este papel já vem sendo desempenhado pelas próprias cooperativas de produção, especialmente a Cotrijuf. Com os recursos excedentes aplicados em conta corrente por alguns agricultores, a cooperativa vem podendo socorrer outros agricultores em dificuldades.

Foi graças a esta filosofia adotada pela maioria das cooperativas de produção, segundo o presidente da Cotrijuf, que os agricultores puderam continuar plantando trigo e soja em 1989, quando o crédito para a lavoura ficou escasso. Como saída para esta situação, Meotti não vê outro caminho que não passe pelo cooperativismo. É no sistema cooperativista, seja de crédito ou de produção, que vamos encontrar a solução para os nossos problemas, diz ele, apostando numa captação ainda maior de recursos oriundos da produção primária. O nosso cooperativismo deveria reter recursos não para financiar parcialmente uma lavoura de inverno ou de verão, mas para custear os investimentos necessários para que possamos, daqui algum tempo, produzir não apenas 70 milhões de toneladas de grãos, mas 100 milhões.

**AMENIZAR** — Paulo Ottonelli, presidente da Crediaju lembrou um pouco da luta dos agricultores de Ajuricaba no sentido de se levantar no município uma cooperativa de crédito rural. Foi

Na solenidade de inauguração: a palavra do presidente Paulo Ottonelli convidando os agricultores a participarem da nova cooperativa



## A diretoria

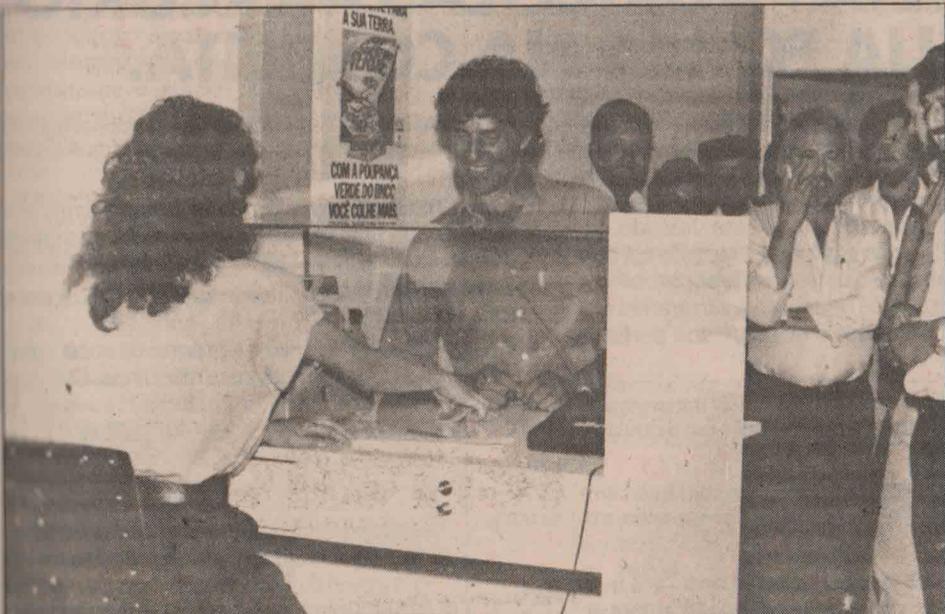
Além de Paulo Ottonelli, eleito presidente, integram ainda a diretoria da cooperativa de Crédito Rural de Ajuricaba Ltda, Valfrides Alves de Souza, como diretor administrativo e Elvio Luiz Bandeira como diretor de crédito rural. O conselho de administração está constituído por Daniel Fischer, Leonides Dallabrida e Miguel Sapiezinski. Na suplência, Enir Bandeira, Francisco Eugênio Dallabrida e Jaime Braz Sperotto. O conselho fiscal foi formado pelos agricultores Alcides José Bandeira, Edgar Freier e Edgar Prauchner, que contam com o apoio dos suplentes Floriano Jorge Breitembach, Germani Wiegert e Juarez Antônio Torquetti.

uma luta mais de quatro anos, iniciada por um grupo de agricultores preocupados com o problema de falta de recursos para os minis e pequenos agricultores, falou o presidente da Crediaju ressaltando as dificuldades iniciais para se avançar com a idéia e apoio dado pela Cotrijuf.

A instalação da Crediaju em Ajuricaba, segundo Paulo Ottonelli, foi um grande passo, mas o seu crescimento está diretamente relacionado com o apoio e a participação de seus associados. Só vamos conseguir alcançar o objetivo de fazer da Crediaju uma grande casa de crédito no município, se realmente pudermos contar com a participação dos agricultores.

Para o prefeito Deniz Espedito Serafini, a instalação da Crediaju em Ajuricaba representava a materialização de uma idéia que começou há quatro anos atrás. É a idéia do agricultor voltando-se para seus interesses mais imediatos e, a cooperativa de crédito rural é o grande passo da integração capital e trabalho. O capital gerado pelo agricultor, disse ainda o prefeito, será desenvolvido para a própria massa trabalhadora.

A Crediaju está funcionando junto aos escritórios da Cotrijuf, unidade de Ajuricaba. Conta atualmente com 35 sócios fundadores, mas este número segundo estimativas feitas pelo presidente Paulo Ottonelli, deverá se elevar para 200 dentro dos próximos meses.



Valfrides Alves de Souza  
Um dos primeiros associados a fazer depósito na Crediaju



COTRIEXPORT

CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

PARA SEGUROS DE:

INCÊNDIO - VEÍCULOS - VIDA - ACIDENTES PESSOAIS - RESIDENCIAIS E OUTROS

Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513 - Fone 332-2400 - ramal 364

Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342

- 5º andar - Fone 33-50-32

# Os avanços da área



Os pesquisadores Leopoldo Baudet e Silmar Peske  
Curso de atualização aos técnicos da Cotrijuf, em Maracaju

Os engenheiros agrônomos Silmar Peske e Leopoldo Baudet, professores da Universidade Federal de Pelotas do Rio Grande do Sul na área de Tecnologia de Pós-Colheita, estiveram recentemente na Cotrijuf em Maracaju para proferir palestra aos produtores de sementes e para ministrar um curso de atualização aos integrantes da equipe técnica da cooperativa. Ambos são pesquisadores e professores especialistas em sementes, prestando inclusive consultoria para alguns organismos internacionais nessa área.

Durante a palestra foram abordadas as principais novidades quanto à produção e armazenamento de sementes e na produção de forrageiras. Silmar Peske lembrou que uma dessas novidades já é conhecida por alguns agricultores. Recentes pesquisas, continua, comprovaram que a aplicação de óleo na semente de soja a torna mais resistente para o plantio, isso porque a semente é fraca e como é semeada normalmente em épocas de muita chuva, isso acaba prejudicando seu desenvolvimento, causando uma grande perda de nutrientes. Com a aplicação do óleo antes da semeadura ela estará mais resistente à umidade do solo e se desenvolverá com vigor.

Também na área de forrageiras, culturas com grande importância na região, o professor disse que estudos revelaram novas técnicas a serem utilizadas. Se as sementes de brachiária, por exemplo, forem colhidas úmidas, a sua produção se toma dez vezes maior do que quando colhidas secas, e a sua qualidade também aumenta significativamente. Quando se colhe sementes secas, exemplifica Peske, obtém-se 100 quilos por hectare, mas se a mesma semente for colhida úmida, é possível colher 1000 quilos por hectare. Para fazer isso, entretanto, é necessário que a semente seja secada artificialmente, e o pesquisador afirma que com a tecnologia hoje disponível, através dos modernos secadores, essa prática é perfeitamente viável.

Outro avanço tecnológico na área, continuam eles, é o teste de PH, onde em apenas meia hora pode-se saber se a semente está viva ou morta. O teste mais rápido que se tinha anteriormente, diz Leopoldo Baudet, levava um dia para dar o resultado. Este tipo de teste normalmente é feito em laboratório pelos técnicos da cooperativa, mas pode também ser utilizado na lavoura.

**AUTO-SUFICIÊNCIA NA PRODUÇÃO** — A pesquisa e

a adoção de novas técnicas tem contribuído para aumentar a eficiência da agropecuária em vários países, inclusive no Brasil, apesar dos pesares. Esse desenvolvimento fica visível quando se analisa o setor agrícola e em especial a indústria de sementes, que é uma das únicas genuinamente nacionais, dentro do segmento rural. Hoje, comenta Silmar Peske, o país além de produzir praticamente a totalidade de sementes utilizadas em larga escala como o milho, a soja e o arroz, exporta sementes de soja para o México e alguns países da África, além de exportar também sementes de forrageiras para a Colômbia, Venezuela, Peru e para a África. As únicas sementes que ainda não são produzidas no Brasil são as de hortaliças, que devido as condições climáticas, precisam necessariamente ser importadas.

Peske considera ainda que o país pode exportar mais sementes, mas entende que para isso é preciso evoluir e alterar a atual política que só permite a exportação de sementes fiscalizadas e não de sementes certificadas. Para quem é leigo no assunto, o professor explica que a semente fiscalizada é como se fosse uma partida de futebol, onde o produtor é o jogador e também o árbitro, ao passo que com relação a semente certificada, o produtor seria apenas o jogador e a arbitragem estaria a cargo de alguém imparcial.

Essa alteração seria importante, pois cresceriam as chances para o país ampliar seu mercado consumidor externo, graças a uma credibilidade maior que o produto teria lá fora. Mesmo assim o agrônomo avalia a produção nacional com um bom padrão de qualidade.

Ambos os pesquisadores fazem ainda questão de ressaltar a importância da utilização de sementes de boa qualidade, pois assim o produtor conseguirá uma boa produtividade e mais segurança, uma vez que terá menos problema com a ocorrência de plantas invasoras e menos doenças na sua lavoura. Mas eles concordam que para reduzir custos, nem sempre as normas corretas são seguidas ao pé da letra e Peske estima por exemplo, que de 10 a 20 por cento das lavouras de sementes que deveriam ser replantadas, não o são exatamente em função disso. Mesmo assim o pesquisador acha que a produção de sementes dá um bom retorno financeiro ao agricultor, principalmente quando ele tem ao seu lado uma estrutura que lhe permite isso.

Essa estrutura existe na cooperativa e a Unidade de Beneficiamento de Sementes — UBS de Maracaju surpreendeu o professor Baudet, que não esperava encontrar equipamentos tão sofisticados e adequados à armazenagem de sementes, e não de grãos como é o mais comum. Para ele, o sementeiro de Maracaju in-

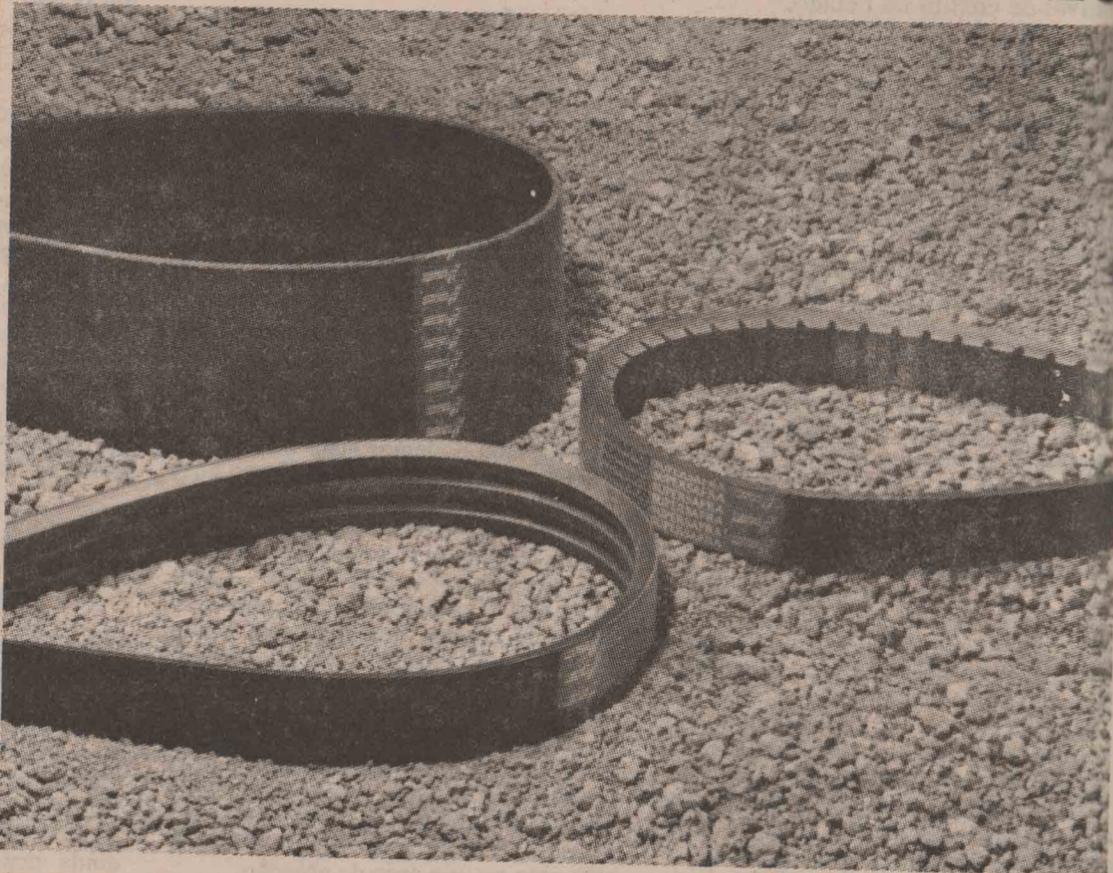
corporou os avanços tecnológicos às condições ideais de frio para o armazenamento de sementes. Baudet salientou ainda que com a infra-estrutura disponível é possível alcançar a auto-suficiência na produção de sementes para toda a região.

Mas se na UBS a se-

mente está guardada comanda o figurino, o mesmo não acontece quando ela vai para a propriedade do produtor. É aí que reside um sério problema, afirma Peske, pois no Estado onde predomina um clima tropical, sem dúvida a semente que está armazenada a um temperatura de aproximadamente 20 graus centígrados, será prejudicada se permanecer estocada com 35 ou mais graus.

Não se tem dados a respeito, mas com certeza essa alteração de temperatura pode influir e comprometer o ciclo produtivo do grão, por isso a recomendação é que o produtor retire sua semente da UBS o mais próximo possível da época em que realizar o plantio, conclui Silmar Peske.

## VEM AÍ UMA SUPERSAFRA.



### CORREIAS AGRÍCOLAS MERCÚRIO. SUA FORÇA NA COLHEITA.

O Brasil trabalhou muito por uma supersafra, uma grande produção. Mas ainda tem uma nova tarefa pela frente: conseguir colher tudo o que plantou e obter o máximo em rendimento. No que depender da Mercúrio, esse desafio já está vencido. A Supersafra das Correias Agrícolas Mercúrio vai dar vida nova para suas máquinas e uma supercolheita para você. São 5 tipos de correias, em aramid ou poliéster, todas disponíveis em diversos perfis e dimensões:

• **AGRIMERCO:** Tem grande resistência transversal e núcleo indeformável. Especial para tração em máquinas colheitadeiras.

• **"V" ESPECIAL SUPER:** Construída somente com materiais nobres, apresentou excelente desempenho em testes laboratoriais e de campo.

• **PLANA SEM FIM:** Apresenta alta resistência à tensão e flexão, além de elevada estabilidade dimensional e adesão entre os seus componentes.

• **SEXTAVADA:** Tem capacidade de acionar dois sistemas simultaneamente. É também indicada em casos onde são necessárias grandes deflexões.

• **MULTIFLEX:** Proporciona transmissão uniforme, sem sobrecarregar uma única correia, apresentando portanto melhor absorção de choque por sobrecarga.

Fique preparado para a supersafra com as Correias Mercúrio.

Elas estão sempre em uma loja perto de você. Aproveite e dê essa força para suas máquinas. Com certeza elas vão lhe devolver em dobro.



Via Anhangüera, km 55,5 - Jundiá - SP  
PABX (011) 437-1311 - Telex (11) 79875

## CAMPO GRANDE

# A primeira grande Feira Internacional da Soja

De 10 a 18 de março, Campo Grande vai sediar o maior evento já dedicado exclusivamente à cultura de soja — a 1ª Grande Feira Internacional da Soja — Gransoja. A feira acontecerá no Centro de Exposições Albano Franco e contará com a presença de todas as empresas ligadas à produção, comercialização e pesquisa de soja do Estado do país e também com a participação de outros países.

Mas além da simples exposição de produtos, a Gransoja tem programada também diversas palestras com especialistas nos vários segmentos da soja. Já estão confirmadas a presença de Karsten Mahlmann — presi-

dente da Bolsa de Chicago; Hoseas Horkness — presidente da Sparks Commodities, uma das maiores empresas norte-americanas de assessoria e informação agrícola; Manoel Coelho de Miranda — pesquisador do Instituto Agrônomo de Campinas — IAC — que vai falar sobre cultivares de soja para o Brasil Central e também a participação de pesquisadores da Embrapa.

A Gransoja, que é promovida pela revista Executivo Rural, vai servir de palco ainda para a criação da Associação Nacional de Soja e para a posse do novo presidente da Associação de Produtores de Sementes — Abrasem.

## Triticale em debate

De 1º a 5 de outubro, o Centro Nacional de Pesquisa de Trigo — CNPT — unidade da Embrapa de Passo Fundo, realiza o Segundo Simpósio Internacional de Triticale. O CNPT conta com o apoio, para realização do Simpósio, do Centro Internacional de Melhoramento de Milho e Trigo — CIMMYT e da Associação Internacional de Triticale. Além de discutir e disseminar os conhecimentos sobre a cultura, proporcionando uma oportunidade de aproximar e integrar especialistas de todo o mundo, este segundo Simpósio, que já conta com 160 trabalhos inscritos — também tem por objetivo dar continuidade ao primeiro encontro internacional sobre a cultura realizado na Austrália.

Durante os cinco dias, autoridades internacionais na cultura do triticale estarão apresentando palestras e sessões de painéis. As discussões vão acontecer em torno de assuntos como taxonomia e classificação; citogenética; genética e melhoramento; hibridação; produção e experiência de produtores; alimentação humana e patologia; gemoplasma e coleções; práticas culturais; qualidade e química; nutrição, animal e economia e comércio, entre outros.

160 trabalhos já estão inscritos para participar do Simpósio e 170 pesquisadores garantiram sua presença, representando países como Argentina, Austrália, Bélgica, Brasil, Alemanha Ocidental e Alemanha Oriental, Bulgária, Canadá, Chile, Inglaterra, Espanha, França, Grécia, Itália, Japão, México, Holanda, Noruega, China, Portugal, África do Sul, Estados Unidos, União Soviética, entre outros.

Estão convidados para participar dos debates a serem realizados durante a apresentação das palestras e sessões, além de pesquisadores, professores e alunos de cursos de pós-graduação envolvidos com a cultura do triticale.

## Feijão: uma alternativa para sucessões culturais

Márcio Luiz Cichelero Agrônomo da Cotrijuí no CTC/MS

O melhoramento constante do solo e as seleções em soja e milho de cultivares adaptadas a plantios antecipados, fazem com que haja a necessidade de aproveitamento das condições ambientais da lavoura.

A cultura do feijão vem ganhando espaços nestas sucessões culturais, pois é uma cultura insensível ao foto-período, apresenta moderada resistência à seca, adaptação e plantios de outono, boa produtividade e rápido retorno econômico. Outra vantagem é a de sua adaptação a cultivos solteiros e consorciados.

Em consórcio, o feijão da seca é plantado após o dobramento e/ou colheita do milho, trazendo as seguintes vantagens:

- maior uso da terra;
- melhor uso de mão-de-obra;
- maior resistência a pragas e doenças;
- conservação do solo;
- microclima mais favorável ao feijoeiro;
- utilização de práticas culturais renováveis;
- estabilidade econômica.

No sistema solteiro, o feijão deve ser plantado após o milho, viabilizando assim a adoção de sucessões culturais que apresentam bons resultados técnicos e econômicos, apresentando as seguintes vantagens:

- maior uso da tecnologia;
  - uso de adubações adequadas;
  - uso de sementes melhoradas;
  - facilidade na execução das práticas culturais;
  - melhor controle de pragas e doenças;
  - uso de populações e espaçamentos adequados;
  - facilidade de colheita;
  - maior produtividade da cultura;
  - maior retorno econômico.
- Deve-se empregar prioritariamente as tecnologias que dêem

maior retorno econômico. Neste aspecto, a escolha da cultivar é muito importante, pois é sobre ela que recai o potencial da lavoura. Para a escolha da cultivar é preciso tomar alguns cuidados, tais como:

- a adaptação ao sistema de cultivo; exigência de adubação;
- resistência ou tolerância a pragas e doenças;
- facilitar os tratos culturais;
- produtividade;
- aceitação do mercado consumidor.

Para plantios destinados ao Mato Grosso do Sul, São Paulo e Paraná dar preferência a cultivares do grupo **Carioca** e a plantios destinados ao Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul à do grupo **Preto**.

Cultivares recomendados para plantio no Mato Grosso do Sul — 89/90 — quadro abaixo:

GRUPO	CICLO (DIAS)		HÁBITO DE CRESCIMENTO
	Floração	COLHEITA	
<b>CARIOCA</b>			
Carioca	49	92	prostrado
Carioca 80	52	100	semi-prostrado
Carioca 80 SH	52	100	semi-prostrado
<b>PRETO</b>			
FT 120	49	91	ereto
Rio Tibagi	51	105	ereto
<b>CORES</b>			
Ouro 201	49	92	semi-prostrado
Jalo	43	85	prostrado

— Para solos com acidez tóxica e em consórcios, utilizar preferencialmente a cultivar Carioca.  
— Em solos melhorados utilizar preferencialmente as cultivares Carioca e Carioca 80 SH.  
— Dos grupos Cores e Preto plantar preferencialmente a Ouro e a FT 120.

A época de plantio mais adequada na região Centro-Sul do MS entre 15 de fevereiro a 15 de abril, sendo preferencial o mês de março. Muita atenção deve ser dada ao preparo do solo, a fim de que haja um bom leito de semeadura, facilitando o estabelecimento da cultura.

O sistema de preparo do solo depende dos seguintes fatores:

- existência ou não de camada compactada sub-superficial;
- níveis de acidez e fertilidade do solo;
- incidência de ervas daninhas.

nhas.

Tendo-se condições ótimas, dar preferência ao sistema de plantio direto, pois mantém a estrutura do solo, a água disponível para a cultura por mais tempo, a cobertura do solo, diminuindo o seu aquecimento; aumenta o teor da matéria orgânica e diminui a erosão.

Não encontrando condições para adotar o plantio direto, usar de preferência o cultivo mínimo, que consiste em:

- 1 escarificação + 1 grade niveladora, ou;
- 1 grade pesada + 1 grade niveladora.

A adubação de base é indicada pela análise de solos, sendo aplicada na operação de plantio, preferencialmente 15 cm abaixo e ao lado da semente, onde coloca-se todo o fósforo e potássio recomendados e

1/3 do nitrogênio total. Aos 30 dias do plantio aplicar os 2/3 restantes da adubação nitrogenada que deve ser de preferência incorporada ao solo. Deve-se semear de 12 a 15 sementes por metro linear num espaçamento 0,5 m nas entrelinhas, o que dá uma densidade de 200.000 pl/ha. Porém, pode-se adotar plantios em linhas duplas espaçadas de 0,4 m x 0,6 m nas entrelinhas, criando-se assim barreiras físicas à disseminação de pragas e doenças. No plantio inocular a semente com o Rhizobiun Phaseolira para que haja boa nodulação.

### SINDICATO DOS TRABALHADORES CHIAPETTA/RS

#### PREVISÃO ORÇAMENTÁRIA PARA O EXERCÍCIO DE 1990

Aprovada em Assembléia Geral Ordinária realizada no dia 12 de dezembro de 1988, nos seguintes termos:

CONTAS	P/CONTA DA C. SINDICAL	P/CONTA DA R. PRÓPRIA	TOTAL
<b>RECEITAS</b>			
Renda Tributária	20.000,00	—	20.000,00
Renda Social	—	110.000,00	110.000,00
Renda Patrimonial	—	110.000,00	110.000,00
Renda Extraordinária	—	300.000,00	300.000,00
<b>Total da Receita</b>	<b>20.000,00</b>	<b>520.000,00</b>	<b>540.000,00</b>
<b>DESPESAS</b>			
Administração Geral	4.000,00	220.000,00	220.000,00
Assistência Social	12.000,00	33.000,00	45.000,00
Outros Serv. Sociais	4.000,00	20.000,00	24.000,00
Assistência Técnica	—	40.000,00	40.000,00
<b>Total do Custeio</b>	<b>20.000,00</b>	<b>313.000,00</b>	<b>333.000,00</b>
Aplicação de Capital	—	207.000,00	207.000,00
<b>Soma</b>	<b>20.000,00</b>	<b>520.000,00</b>	<b>540.000,00</b>

Chiapetta/RS, 12 de dezembro de 1988  
 Oromir Dietrich — Presidente  
 Alfredo Blass  
 Tesoureiro  
 Mário Zambenedetti  
 CRC/RS 22.514 — CIC 080.510.200-06

Os problemas sentidos pelo pequeno agricultor, a diversificação, a falta de organização, foram alguns dos problemas constatados pelos estagiários franceses durante os três meses e meio que estiveram na região

# A experiência dos franceses

Organização, trabalho em conjunto e melhor acompanhamento da tecnologia recomendada pela pesquisa. Estas são constatações levantadas pelos três estagiários franceses Chantal Deniau, Damien Pamaudeau e Stephan Guérin, a respeito dos problemas vividos pelos agricultores da região. Os três estagiários, vindos do Pays de La Loire, oeste da França, passaram três meses e meio na Cotrijuí, oportunidade em que puderam conhecer não só a cooperativa e toda a sua estrutura organizacional, como também conviver com alguns agricultores da região para melhor conhecer o tipo de agricultura praticada. Além da Pioneira e da Regional de Dom Pedrito, os franceses também conheceram o Mato Grosso do Sul, visitando agricultores associados da Cotrijuí nas unidades de Dourados, Maracaju, Campo Grande, Bonito e Jardim.



Damien, Stephan e Chantal  
Três meses em meio a agricultores brasileiros

Chantal, Damien e Stephan integravam a cooperativa formada por 15 jovens franceses filhos de agricultores que chegaram ao Brasil em meados de outubro passado para realizar estágios em cooperativas de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A vinda dos agricultores franceses ao Brasil faz parte do Programa Franco-Brasileiro de Cooperativas, em andamento já há dois anos e que teve início a partir da assinatura de um convênio entre a Confederação Francesa de Cooperativas Agrícolas, a Senacop e a Organização das Cooperativas do Brasil.

Dos 15 jovens, cinco permaneceram no Rio Grande do Sul: três na Cotrijuí, um na Copatrigo de Getúlio Vargas e outro na Cooperativa de Languiru, em Teutônia. Chantal, de 24 anos, é técnica superior em contabilidade e economia agrícola; Damien, 20 anos, além de filho de agricultor é também técnico agrícola com especialização em mecanização e Stephan, 25 anos, agricultor e técnico agrícola. O estágio na Cotrijuí e em propriedades rurais da área de atuação da cooperativa encerrou no dia 16 de fevereiro, mas o intercâmbio terá continuidade com a ida de agricultores associados da Cotrijuí para a La Cana, a cooperativa francesa gêmea da Cotrijuí e de onde vieram os três jovens franceses. A viagem dos brasileiros para a França está prevista para o início de abril.

**O AGRICULTOR** — Para Chantal, além do agricultor da região cuidar da propriedade num regime familiar, ele não dispõe de informações e muito menos de formação necessária para poder administrar com eficiência a sua propriedade. A propriedade não tem as características de uma empresa, como acontece na França, resume ela. O Damien complementa a constatação da Chantal dizendo que o ideal seria que os agricultores trabalhassem de forma mais organizada, reunindo suas terras numa pequena empresa. Essa união, segundo ele, daria suporte para que os agricultores pudessem trabalhar inclusive com redução de custos e uma maior folga de recursos. O dinheiro que cada um gastaria na compra de um trator, por exemplo, poderia ser aplicado na atividade desenvolvida na propriedade, sugere. O maquinário da empresa poderia ser um só, observa surpreso com a preocupação dos agricultores da região, "mesmo aqueles de poucos hectares" em adquirir tratores ou caminhões. Me parece que seria bem mais operacional se a cooperativa ou alguma empresa particular realizasse o transporte da produ-

ção, critica Damien lembrando o tempo de ociosidade destas máquinas. É um dinheiro que poderia ser aplicado à suinocultura ou até na lavoura.

A falta de formação dos agricultores é um dos problemas que tem atrapalhado o avanço da agricultura na região na opinião de Stephan. Na França, por exemplo, onde a agricultura tem uma outra história e está alguns anos na frente da brasileira, todo o agricultor que quiser trabalhar na terra, tem de apresentar uma certa formação adquirida através de cursos especializados. Mas nesta região do Estado, onde pudemos conviver com alguns agricultores, a situação é bastante diferente, observa, fazendo uma ressalva para o Mato Grosso do Sul, onde encontrou agricultores empresários e melhor informados.

Segundo Stephan, o agricultor da região não só não escuta como também não executa os conselhos técnicos. A soja é a única exceção, diz ele, criticando a falta de atenção e a tecnologia empregada na atividade animal, "muito atrasada e com sérios problemas fitossanitários". A crítica do Stephan é exemplificada com uma situação assistida pelo francês a campo e que mostra muito bem em que pé se encontra a atividade. Disse que o agricultor, pensando em reduzir custos na hora de formular a ração dos animais, não se acanha em utilizar os ingredientes recomendados em menor quantidade. Ele tenta reduzir custos sem olhar para o rendimento final, observa, dizendo ter constatado em algumas propriedades suínos serem alimentados com laranja e melancia. Entende que o agricultor poderia ser mais racional se misturasse a um concentrado, soja, milho ou trigo, "produtos que existem na propriedade". Esta mistura daria uma ração mais equilibrada, salienta.

Para o Stephan, parte deste atraso tem a ver, não só com a falta de formação do agricultor, como também com a descapitalização vivida pela atividade no Brasil. Entende que esta situação tem levado o agricultor, principalmente desta região, a buscar pontos de equilíbrios em outras atividades, "sem almejar uma especialização", destaca. Para a Chantal, o agricultor não merece ser crucificado porque vem diversificando as suas atividades. Entende que esta é a saída encontrada para lutar contra a falta de dinheiro e a baixa remuneração da produção agrícola. O agricultor brasileiro não está tendo dinheiro para investir em qualquer uma das atividades que vem praticando, ob-

serva lembrando que na França, após a Segunda Guerra, os agricultores "muito empobrecidos" viveram uma situação semelhante. E foi na diversificação que eles encontraram solução para o problema e puderam chegar ao nível de especialização que se encontram hoje, reflete. Entretanto, a política agrícola praticada pelo governo, alguns anos atrás e que, de certa forma, pode ser responsabilizada pela atual situação dos agricultores.

Já o Stephan é mais direto quando analisa a questão da diversificação das atividades numa propriedade. Na França, destaca, quem se preocupa com a diversificação das atividades são as cooperativas. O agricultor só cuida da produção.

**A COTRIJUÍ** — Surpreso com o tamanho da Cotrijuí e a heterogeneidade de seu quadro social, Chantal Damien e Stephan confes-

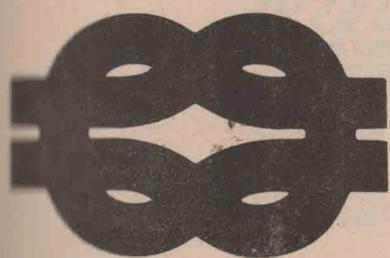
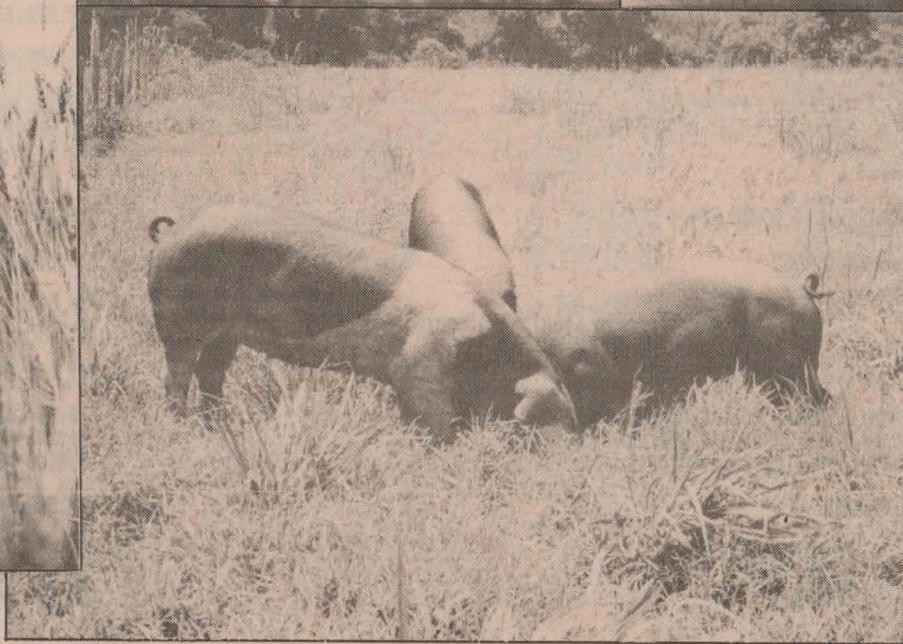
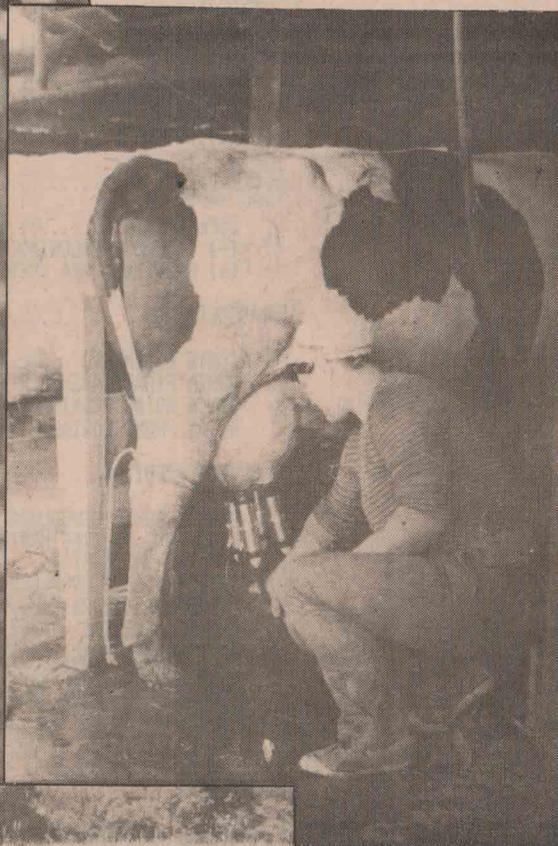
sam que não esperavam encontrar uma cooperativa "tão paternalista em relação aos seus associados, se posicionando sempre ao lado do pequeno agricultor". Esta postura é muito bonita, ressalta Chantal, mas pode levar a cooperativa a perder espaços no mercado na hora de competir com outras empresas. Entende que a Cotrijuí "e esta é uma questão sentida também em outras cooperativas brasileiras", se preocupa demais com o quadro social, deixando de investir em comercialização e agroindústria. Uma cooperativa nunca pode esquecer que também é uma empresa, diz ainda, elogiando, por outro lado o trabalho desenvolvido pelo departamento técnico junto aos agricultores.

**O BRASIL** — Um país com muita miséria, salários baixíssimos, inflação elevada, mas que não deixa de fazer festa, jogar futebol e pular o carnaval. Esta imagem os jovens franceses estão levando do Brasil. Pelas suas potencialidades, o Brasil poderia estar em melhor situação econômica, constatou a Chantal. É um país com grandes recursos naturais, um clima excelente, mas que não tem organização, diz ela ainda criticando o famoso "jeitinho brasileiro". Aqui, tudo pode ficar para amanhã. Mas gostou do relacionamento entre patrão e empregados. Na França, as relações entre um diretor e o quadro funcional de uma empresa, são muito frias.

**A MULHER** — A situação vivida pela mulher deixou os franceses impressionados. Não entendem como uma mulher pode cuidar da casa, dos filhos e ainda ajudar na lavoura e tratar dos animais sem ter o poder de decisão. A mulher apenas executa as tarefas e, infelizmente, se sente feliz com isso, diz Chantal, responsabilizando a falta de formação e de informação por este tipo de comportamento. Ela não questiona a sua situação e também nunca parou para pensar sobre o assunto, critica.

Enquanto a mulher rural brasileira fica na propriedade, trabalhando ao lado do marido, sem ser de fato uma agricultora, na França ela prefere trabalhar fora de casa. Quando fica na propriedade, é considerada uma agricultora, com direito, inclusive, de poder participar do conselho da sua cooperativa. Mas aqui no Brasil, esta situação vem passando de mãe para filha. A jovem fica na propriedade à espera de um marido para continuar servindo", destaca a estagiária francesa, que também é filha de agricultores, proprietários de 50 hectares de terra.

# Caderno de Balanço



COTRIJUI

DEMONSTRAÇÕES  
CONTÁBEIS EXERCÍCIO  
ENCERRADO EM  
31.12.89

**COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA.  
BALANÇO PATRIMONIAL**

**ATIVO**

CONTAS	EXERCÍCIO 31 / 12 / 89	SALDO EXERCÍCIO ANTERIOR 31 / 12 / 88
CIRCULANTE .....	650.626.663,30	38.273.044,01
DISPONIBILIDADES .....	8.968.283,48	1.527.017,67
BENS NUMERARIOS .....	1.521.636,61	116.715,23
DEPOSITOS BANCARIOS A VISTA .....	4.037.671,98	306.365,29
TITULOS VINCULADOS AO MERCADO ABERTO .....	3.408.974,89	1.103.937,15
CLIENTES .....	28.564.125,78	5.436.742,30
DUPLICATAS .....	32.659.240,48	6.124.014,00
(-) TITULOS DESCONTADOS .....	3.761.352,76	628.233,97
(-) PROVISAO PARA CREDITO LIQUIDACAO DUVIDOSA .....	333.761,94	59.837,73
ASSOCIADOS .....	205.884.659,68	7.452.151,53
CONTA MOVIMENTO .....	120.526.090,86	3.587.595,49
CONTA FINANCIAMENTO REPASSE .....	75.110.977,65	3.139.936,48
CONTA NOTAS PROMISSORIAS .....	9.739.835,31	672.093,45
NOTAS PROMISSORIAS - INSUMOS E SACARIA .....	507.755,86	52.526,11
OUTROS CREDITOS .....	90.746.692,29	4.201.447,11
BANCOS CONTA VINCULADA .....	0,00	115.748,95
TITULOS E VALORES MOBILIARIOS .....	0,00	1.417.784,31
NOTAS PROMISSORIAS .....	59.821.363,58	3.585,00
ANTECIPACAO A FORNECEDORES .....	13.761.251,79	1.771.907,72
CHEQUES EM CORRANCA .....	784.673,73	118.283,90
ADIANTAMENTO DE VIAGEM .....	54.854,38	4.059,29
CREDITOS DE FUNCIONARIOS .....	3.981.446,83	213.436,30
CREDITOS COM COOPERATIVAS E CENTRAIS .....	63,44	113.235,20
CREDITOS DE ARMAZENAGEM .....	8.988.711,42	219.366,45
CREDITOS FISCAIS .....	693.842,34	2.957,08
OUTROS .....	2.660.484,78	221.102,83
ESTOQUES .....	270.319.220,63	19.400.507,55
DESPESAS DIFERIDAS .....	46.143.681,44	255.177,85
DESPESAS FINANCEIRAS .....	30.583.002,47	17.814,73
SAFRA DE LA EM ANDAMENTO .....	595.217,33	198.273,36
OUTRAS .....	14.965.461,64	39.089,76
REALIZAVEL A LONGO PRAZO .....	22.170.456,83	1.540.098,44
ASSOCIADOS .....	10.760.586,03	929.205,05
CONTA FINANCIAMENTO .....	11.230.976,66	965.301,03
(-) PROVISAO PARA CREDITO LIQUIDACAO DUVIDOSA .....	470.390,63	36.095,98
OUTROS CREDITOS .....	11.409.870,80	610.893,39
EMPRESAS CONTROLADAS E COLIGADAS .....	10.260.964,13	566.212,23
INVESTIMENTOS A REALIZAR .....	521.745,89	44.199,78
DEPOSITOS RESTITUIVEIS .....	627.160,78	481,38
PERMANENTE .....	1.441.648.502,54	84.817.145,03
INVESTIMENTOS .....	80.151.008,24	2.094.294,59
IMOBILIZADO .....	1.361.393.845,46	82.722.940,44
DIFERIDO .....	103.648,84	0,00
<b>TOTAL DO ATIVO .....</b>	<b>2.114.445.622,67</b>	<b>124.630.287,48</b>

## PASSIVO

CONTAS	EXERCÍCIO 31 / 12 / 89	EXERCÍCIO 31 / 12 / 88
CIRCULANTE .....	592.282.386,49	34.087.029,99
ASSOCIADOS .....	219.761.887,43	12.529.013,25
SAFRAS A LIQUIDAR .....	109.347.447,59	5.781.814,92
SAFRAS A PAGAR .....	64.483.597,65	578.216,97
CONTA MOVIMENTO .....	45.930.842,19	6.168.981,26
FINANCIAMENTOS .....	210.170.188,28	17.239.598,54
OBRIGACOES .....	24.086.673,00	923.861,66
TRIBUTARIAS .....	12.425.532,11	469.405,13
SOCIAIS .....	6.464.047,42	270.544,83
COM PESSOAL .....	5.197.093,47	243.911,70
OUTROS DEBITOS .....	130.263.637,78	3.394.556,54
FORNECEDORES .....	42.571.595,59	2.195.681,34
COMPROMISSOS APROPRIADOS .....	26.324.385,22	774.853,87
ANTECIPACAO DE CLIENTES .....	54.506.639,00	128.917,17
MERCADORIAS A ENTREGAR .....	6.804.538,02	294.952,48
COOPERATIVAS CENTRAIS .....	56.479,95	151,68
EXIGIVEL A LONGO PRAZO .....	157.586.046,35	6.832.824,82
FINANCIAMENTOS .....	154.175.315,45	5.844.739,07
EMPRESAS CONTROLADAS/COLIGADAS .....	1.829.224,46	837.965,31
OUTROS (ASSOCIADOS INATIVOS) .....	1.581.506,44	150.120,44
RECEITAS EXERCICIO SEGUINTE .....	4.728.445,89	176.405,98
SAFRAS DE LA EM ANDAMENTO .....	1.425.253,60	175.563,43
ENCARGOS FINANCEIROS .....	3.303.192,29	842,55
PATRIMONIO LIQUIDO .....	1.359.848.743,94	83.534.026,69
CAPITAL SOCIAL .....	223.195.166,02	12.014.191,47
SUBSCRITO .....	279.528.264,40	14.922.030,36
A REALIZAR .....	(56.449.963,64)	(3.024.704,15)
REALIZADO POR FINANCIAMENTO .....	116.865,26	116.865,26
RESERVAS DE CAPITAL .....	1.078.315.038,46	69.690.415,51
CORRECAO MONETARIA CAPITAL .....	13.779.777,10	619.193,60
RESERVAS DE EQUALIZACAO .....	750.515.505,80	50.738.487,51
RESERVAS DE SOBRAS INFLACIONARIAS .....	311.998.314,99	18.332.734,40
RESER.DE INVEST.A REALIZ. ....	2.021.440,57	0,00
RESERVAS DE SOBRAS .....	55.390.039,37	1.755.528,51
FUNDO DE DESENVOLVIMENTO .....	11.771.928,94	744.170,13
FATES .....	31.575.874,94	288.160,15
FUNDO DE RESERVA .....	12.042.235,49	723.198,23
SOBRAS ACUMULADAS .....	2.948.500,09	73.891,20
SOBRAS LIQUIDAS DO EXERCICIO .....	2.948.500,09	73.891,20
<b>TOTAL DO PASSIVO .....</b>	<b>2.114.445.622,67</b>	<b>124.630.287,48</b>

IJUÍ, RS, 31 DE DEZEMBRO DE 1989

OSWALDO OLMIRO MEOTTI  
PRESIDENTE  
CPF. 028504780-91

WALTER FRANTZ  
SUPERINT.REG.PIONEIRA  
CPF. 078976040-20

CELSONI ROLIVAR SPEROTTO  
VICE-PRES.REG.PIONEIRA  
CPF. 012990670-49

LOTARIO BECKER  
SUPERINT.REG.MATO GROSSO  
CPF. 065308690-34

NEDY RODRIGUES BORGES  
VICE-PRES.REG.MATO GROSSO DO SUL  
CPF. 00519773-34

EDUARDO A. P. MENEZES  
SUPERINT.REG.D.PEDRITO  
CPF. 096023300-82

OSCAR VICENTE SILVA  
VICE-PRES.REG.D.PEDRITO  
CPF. 00850670-15

CARLOS GILBERTO KRAUSE  
TECNICO CONTABIL  
CPF. 093433010-04  
CRC RS 31357



# DEMONSTRAÇÃO DE SOBRAS E PERDAS — GERAL

	31.12.89 NCZ\$	31.12.88 NCZ\$
RECEITA OPERACIONAL BRUTA .....	969,516,111.92	82,367,551.62
(-) IMPOSTO FATURADO .....	47,966,253.31	2,336,173.16
(-) DEVOLUCOES .....	21,342,062.98	1,819,680.27
RECEITA LIQUIDA .....	900,207,795.63	78,211,698.19
(-) CUSTO DE VENDAS .....	711,785,141.02	61,601,363.57
RESULTADO OPERACIONAL BRUTO .....	188,422,654.61	16,610,334.62
(-) DESPESAS COM VENDAS .....	12,583,941.00	821,782.08
(-) DESPESAS COM PESSOAL .....	44,427,014.59	2,681,702.63
(-) DESPESAS GERAIS .....	50,711,791.04	3,426,070.53
(+) RESULTADO EQUIVALENCIA PATRIMONIAL .....	24,937,552.72	62,661.74
RESULTADO OPERACIONAL ANTES DOS ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDOS E EFEITOS INFLACIONARIOS .....	105,637,460.70	9,681,189.64
(-) ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDOS .....	51,109,096.68	7,643,945.57
(-) JUROS E VARIACOES MONETARIAS PASSIVAS .....	319,558,695.51	22,008,697.55
(+) RECEITAS FINANCEIRAS .....	237,980,330.76	10,527,104.08
(+) SALDO CREDOR CORRECAO MONETARIA .....	30,469,268.07	3,837,647.98
RESULTADO ANTES DO IMPOSTO DE RENDA E CONTRIBUICAO SOCIAL .....	54,528,364.02	1,974,164.87
PROVISAO CONTRIBUICAO SOCIAL .....	26,435.47	2,655.78
PROVISAO PARA IMPOSTO DE RENDA .....	79,306.38	9,959.15
RESULTADO DO EXERCICIO .....	54,422,622.17	1,961,549.14
DESTINACAO DO RESULTADO		
RESERVAS DE SOBRAS INFLACIONARIAS .....	23,358,919.65	1,628,009.78
FATES - OPERACOES COM TERCEIROS .....	229,149.62	24,207.46
FATES - EQUIVALENCIA PATRIMONIAL .....	24,937,552.72	0.00
RESERVAS DE SOBRAS		
FUNDO DE RESERVA ( ART. 66 -A- 20 % ) .....	1,179,400.03	94,144.69
FATES ( ART. 66 -A- 30 % ) .....	1,769,100.06	141,217.02
SOBRAS A DISPOSICAO DA A G O .....	2,948,500.09	73,891.20

IJUI, RS, 31 DE DEZEMBRO DE 1989

<p><i>[Signature]</i> OSWALDO OLMIRO MEOTTI PRESIDENTE CPF. 028504780-91</p> <p><i>[Signature]</i> WALTER FRANTZ SUPERINT. REG. PIONEIRA CPF. 078976040-20</p>	<p><i>[Signature]</i> CELSO BOLIVAR SPERDITO VICE-PRES. REG. PIONEIRA CPF. 012998670-49</p> <p><i>[Signature]</i> LUIZARIO BECKER SUPERINT. REG. MATO GROSSO CPF. 065308650-34</p>	<p><i>[Signature]</i> NEDY RODRIGUES BORGES VICE-PRES. REG. MATO GROSSO DO SUL CPF. 005497730-84</p> <p><i>[Signature]</i> EDUARDO A. P. MENEZES SUPERINT. REG. D. PEDRITO CPF. 076823300-82</p>	<p><i>[Signature]</i> OSCAR VICENIE SILVA VICE-PRES. REG. D. PEDRITO CPF. 008518670-15</p> <p><i>[Signature]</i> CARLOS GILBERTO KRAUSE TECNICO CONTABIL CPF. 093483010-04 CRC RS 31357</p>
--	--	--	---

## DEMONSTRAÇÃO DE SOBRAS E PERDAS EXERCÍCIO 1988

### 01 — REGIÃO PIONEIRA

01.01 - TRIGO INDUSTRIA	
RECEITAS .....	145.000.008,32
VENDAS .....	141.933.650,20
ARMAZENAGEM .....	3.066.358,12
CUSTOS E DESPESAS .....	143.327.188,14
CUSTOS DE VENDAS .....	138.654.835,00
DESPESAS GERAIS .....	4.307.775,29
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO .....	364.577,85
<b>R E D I T O .....</b>	<b>1.672.820,18</b>

01.02 - TRIGO SEMENTE	
RECEITAS .....	3.120.020,12
VENDAS .....	1.477.307,38
TRANSFERENCIAS .....	1.624.712,74
CUSTOS E DESPESAS .....	3.472.412,75
CUSTOS DE VENDAS .....	1.492.640,36
CUSTOS DE TRANSFERENCIAS .....	1.923.183,47
DESPESAS GERAIS .....	639.298,14
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO .....	(482.709,22)
<b>R E D I T O .....</b>	<b>229.607,37</b>

<b>SOJA INDUSTRIA</b>	
RECEITAS .....	181.343.346,08
VENDAS .....	125.894.125,85
TRANSFERENCIAS .....	55.449.220,23
CUSTOS E DESPESAS .....	181.015.267,16
CUSTOS DE VENDAS .....	150.171.212,10
CUSTOS DE TRANSFERENCIAS .....	52.007.254,84
DESPESAS GERAIS .....	10.571.367,08
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO .....	(31.734.566,86)

R E D I T O ..... 328.078,92

<b>SOJA SEMENTE</b>	
RECEITAS .....	30.906.640,76
VENDAS .....	10.637.288,80
TRANSFERENCIAS .....	20.269.351,96
CUSTOS E DESPESAS .....	30.695.221,41
CUSTOS DE VENDAS .....	6.970.703,27
CUSTOS DE TRANSFERENCIAS .....	12.054.035,51
DESPESAS GERAIS .....	1.075.320,78
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO .....	10.595.161,85

R E D I T O ..... 211.419,35

<b>MILHO INDUSTRIA</b>	
RECEITAS .....	10.417.921,89
VENDAS .....	4.890.512,71
TRANSFERENCIAS .....	5.527.409,18
CUSTOS E DESPESAS .....	9.955.287,38
CUSTOS DE VENDAS .....	3.520.522,75
CUSTOS DE TRANSFERENCIAS .....	3.621.193,82
DESPESAS GERAIS .....	1.758.535,47
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO .....	1.055.035,34

R E D I T O ..... 462.334,51

<b>FEIJAO PRETO</b>	
RECEITAS .....	574.112,87
VENDAS .....	143.076,96
TRANSFERENCIAS .....	431.035,91
CUSTOS E DESPESAS .....	565.940,63
CUSTOS DE VENDAS .....	93.597,45
CUSTOS DE TRANSFERENCIAS .....	305.840,73
DESPESAS GERAIS .....	32.077,10
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO .....	134.425,35

R E D I T O ..... 8.172,24

<b>ARROZ</b>	
RECEITAS .....	304.801,27
VENDAS .....	23.612,88
TRANSFERENCIAS .....	281.188,39
CUSTOS E DESPESAS .....	281.122,87
CUSTOS DE VENDAS .....	17.044,02
CUSTOS DE TRANSFERENCIAS .....	196.375,30
DESPESAS GERAIS .....	90.107,78
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO .....	(22.404,23)

R E D I T O ..... 23.678,40

<b>SORGO</b>	
RECEITAS .....	674.067,91
VENDAS .....	55.962,07
TRANSFERENCIAS .....	618.105,84
CUSTOS E DESPESAS .....	591.686,82
CUSTOS DE VENDAS .....	26.319,01
CUSTOS DE TRANSFERENCIAS .....	140.637,98
DESPESAS GERAIS .....	223.091,80
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO .....	201.638,03

R E D I T O ..... 82.381,09

<b>CEVADA</b>	
RECEITAS .....	756.562,31
VENDAS .....	208.103,94
TRANSFERENCIAS .....	548.458,37
CUSTOS E DESPESAS .....	741.448,65
CUSTOS DE VENDAS .....	169.885,36
CUSTOS DE TRANSFERENCIAS .....	323.632,86
DESPESAS GERAIS .....	60.549,64
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO .....	187.380,79

R E D I T O ..... 15.113,66

<b>LINHACA</b>	
RECEITAS .....	12.039,11
VENDAS .....	2.735,00
TRANSFERENCIAS .....	9.304,11
CUSTOS E DESPESAS .....	11.351,89
CUSTOS DE VENDAS .....	1.793,76
CUSTOS DE TRANSFERENCIAS .....	8.967,75
DESPESAS GERAIS .....	590,38

R E D I T O ..... 687,22

<b>COLZA</b>	
RECEITAS .....	63.213,67
VENDAS .....	17.486,00
TRANSFERENCIAS .....	45.727,67
CUSTOS E DESPESAS .....	59.828,69
CUSTOS DE VENDAS .....	8.280,66
CUSTOS DE TRANSFERENCIAS .....	39.414,88
DESPESAS GERAIS .....	1.692,18
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO .....	10.440,97

R E D I T O ..... 3.384,98

<b>01.12 - FORRAGEIRAS</b>	
RECEITAS .....	3.555.210,12
VENDAS .....	2.437.693,47
TRANSFERENCIAS .....	1.117.516,65
CUSTOS E DESPESAS .....	2.951.103,88
CUSTOS DE VENDAS .....	1.056.347,21
CUSTOS DE TRANSFERENCIAS .....	547.837,15
DESPESAS GERAIS .....	1.681.203,39
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO .....	(334.283,87)

R E D I T O ..... 604.106,24

<b>01.13 - HORTIGRANJEIROS</b>	
RECEITAS .....	5.247.555,17
VENDAS .....	1.030.333,02
TRANSFERENCIAS .....	4.217.222,15
CUSTOS E DESPESAS .....	5.168.871,96
CUSTOS DE VENDAS .....	1.043.928,26
CUSTOS DE TRANSFERENCIAS .....	3.053.057,17
DESPESAS GERAIS .....	752.117,13
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO .....	319.769,40

R E D I T O ..... 78.683,21

<b>01.14 - AVEIA</b>	
RECEITAS .....	1.095.526,68
VENDAS .....	1.026.285,93
TRANSFERENCIAS .....	69.240,75
CUSTOS E DESPESAS .....	1.017.570,46
CUSTOS DE VENDAS .....	527.093,43
CUSTOS DE TRANSFERENCIAS .....	74.733,77
DESPESAS GERAIS .....	340.383,59
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO .....	75.359,67

R E D I T O ..... 77.956,22

<b>01.15 - OUTROS GRAOS</b>	
RECEITAS .....	607.856,70
VENDAS .....	259.905,24
TRANSFERENCIAS .....	347.951,46
CUSTOS E DESPESAS .....	536.977,17
CUSTOS DE VENDAS .....	177.985,31
CUSTOS DE TRANSFERENCIAS .....	233.696,71
DESPESAS GERAIS .....	216.948,80
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO .....	(91.653,65)

R E D I T O ..... 70.879,53

<b>01.16 - BOVINOS DE CORTE</b>	
RECEITAS .....	3.437.888,29
VENDAS .....	789.815,34
TRANSFERENCIAS .....	2.648.072,95
CUSTOS E DESPESAS .....	3.411.765,01
CUSTOS DE VENDAS .....	1.269.030,08
CUSTOS DE TRANSFERENCIAS .....	1.999.876,62
DESPESAS GERAIS .....	81.755,88
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO .....	61.102,43

R E D I T O ..... 26.123,28

<b>01.17 - LAS E FRUTOS DO PAIS</b>	
RECEITAS .....	110.366,19
VENDAS .....	81.805,98
TRANSFERENCIAS .....	28.560,21
CUSTOS E DESPESAS .....	155.164,10
CUSTOS DE VENDAS .....	69.784,52
CUSTOS DE TRANSFERENCIAS .....	28.176,98
DESPESAS GERAIS .....	57.202,60

R E D I T O ..... (44.797,91)

<b>01.18 - LEITE</b>	
RECEITAS .....	28.440.390,20
VENDAS .....	28.440.390,20
CUSTOS E DESPESAS .....	28.134.157,02
CUSTOS DE VENDAS .....	26.339.468,72
DESPESAS GERAIS .....	1.794.688,30

R E D I T O ..... 306.233,18

<b>01.19 - SUINOS</b>	
RECEITAS .....	15.382.585,40
VENDAS .....	8.564.695,33
TRANSFERENCIAS .....	6.817.890,07
CUSTOS E DESPESAS .....	22.540.785,03
CUSTOS DE VENDAS .....	7.403.650,61
CUSTOS DE TRANSFERENCIAS .....	6.772.387,44
DESPESAS GERAIS .....	99.624,56
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO .....	8.265.122,42

R E D I T O ..... (7.158.199,63)

<b>01.20 - FABRICA DE OLEO</b>	
RECEITAS .....	20.279.124,62
VENDAS .....	11.961.185,71
TRANSFERENCIAS .....	8.317.938,91
CUSTOS E DESPESAS .....	20.228.255,72
CUSTOS DE VENDAS .....	9.340.899,23
CUSTOS DE TRANSFERENCIAS .....	7.844.641,35
DESPESAS GERAIS .....	1.714.712,45
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO .....	1.328.002,69

R E D I T O ..... 50.868,90

01.21 - FABRICA DE RACAO		01.28 - SEMEN	
RECEITAS .....	12.325.739,51	RECEITAS .....	153.100,00
VENDAS .....	8.161.845,92	VENDAS .....	121.700,00
TRANSFERENCIAS .....	4.163.893,59	OUTRAS .....	31.400,00
CUSTOS E DESPESAS .....	12.229.507,10	CUSTOS E DESPESAS .....	134.600,00
CUSTOS DE VENDAS .....	6.188.595,56	CUSTOS DE VENDAS .....	61.100,00
CUSTOS DE TRANSFERENCIAS .....	3.724.508,11	DESPESAS GERAIS .....	75.500,00
DESPESAS GERAIS .....	1.640.205,17	ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO ...	(2.000,00)
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO ...	676.200,26		
R E D I T O .....	96.230,41	R E D I T O .....	18.510,00
01.22 - ERVA MATE		01.29 - SACARIA	
RECEITAS .....	1.065.404,19	RECEITAS .....	783.540,00
VENDAS .....	390.158,68	VENDAS .....	171.060,00
PRESTACAO DE SERVICOS .....	675.245,51	TRANSFERENCIAS .....	611.677,00
CUSTOS E DESPESAS .....	886.900,76	CUSTOS E DESPESAS .....	755.707,00
CUSTOS DE VENDAS .....	9.970,68	CUSTOS DE VENDAS .....	150.347,00
CUSTOS DE TRANSFERENCIAS .....	303.262,30	CUSTOS DE TRANSFERENCIAS .....	583.733,00
DESPESAS GERAIS .....	528.859,33	DESPESAS GERAIS .....	21.700,00
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO ...	44.808,45		
R E D I T O .....	178.503,43	R E D I T O .....	27.750,00
01.23 - MOINHO		01.30 - D.A.M.S.	
RECEITAS .....	227.925,46	RECEITAS .....	3.859.794,00
PRESTACAO DE SERVICOS .....	227.925,46	PRESTACAO DE SERVICOS .....	3.553.999,00
CUSTOS E DESPESAS .....	196.622,58	OUTRAS .....	305.795,00
DESPESAS GERAIS .....	196.622,58	CUSTOS E DESPESAS .....	5.234.374,00
		DESPESAS GERAIS .....	3.749.500,00
R E D I T O .....	31.302,88	ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO ...	1.484.709,00
01.24 - CEREALISTA		R E D I T O .....	(1.374.579,00)
RECEITAS .....	12.715.474,66	01.31 - OUTROS PRODUTOS	
VENDAS .....	11.155.752,75	RECEITAS .....	2.628.900,00
TRANSFERENCIAS .....	1.559.721,91	VENDAS .....	2.352.222,00
CUSTOS E DESPESAS .....	11.878.923,02	TRANSFERENCIAS .....	44.157,00
CUSTOS DE VENDAS .....	5.113.604,05	OUTROS .....	232.526,00
CUSTOS DE TRANSFERENCIAS .....	687.898,26	CUSTOS E DESPESAS .....	2.073.653,00
DESPESAS GERAIS .....	5.236.243,88	CUSTOS DE VENDAS .....	603.776,00
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO ...	841.176,83	CUSTOS DE TRANSFERENCIAS .....	60.234,00
R E D I T O .....	836.551,64	DESPESAS GERAIS .....	1.409.641,00
01.25 - FRIGORIFICO		R E D I T O .....	555.252,00
RECEITAS .....	17.031.770,17	RESULTADO OPERACIONAL DA REGIAO .....	2.128.650,00
VENDAS .....	12.165.684,77	01.32 - PROVISAO P/CREDITO DE LIQUIDACAO DUVIDOSA	(504.843,00)
TRANSFERENCIAS .....	4.866.085,40	REVERSAO .....	0,00
CUSTOS E DESPESAS .....	16.862.428,38	(-) FORMACAO .....	(504.843,00)
CUSTOS DE VENDAS .....	8.526.758,58	01.33 - PROVISAO CONTRIBUICAO SOCIAL	
CUSTOS DE TRANSFERENCIAS .....	3.505.856,84	OPERACOES C/TERCEIROS (LOJAS/MERCADOS)	(12.279,00)
DESPESAS GERAIS .....	4.829.812,96	01.34 - PROVISAO PARA IMPOSTO DE RENDA	
R E D I T O .....	169.341,79	OPERACOES C/TERCEIROS (LOJAS/MERCADOS)	(36.837,00)
01.26 - INSUMOS		01.35 - FATES	
RECEITAS .....	74.406.262,14	RESUL. OPERAC. C/ 3os (LOJAS/MERCADOS)	(85.953,00)
VENDAS .....	45.919.814,08	R E S U L T A D O D A R E G I O N A L .....	1.488.737,00
TRANSFERENCIAS .....	28.486.448,06	01.36 - RESERVAS DE SOBRAS	
CUSTOS E DESPESAS .....	72.816.598,29	FUNDO DE RESERVA .....	(297.747,00)
CUSTOS DE VENDAS .....	31.449.730,91	FATES .....	(446.621,00)
CUSTOS DE TRANSFERENCIAS .....	19.434.751,25	RESULTADO LIQUIDO DA REGIAO .....	744.368,00
DESPESAS GERAIS .....	8.852.122,01		
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO ...	13.079.994,12		
R E D I T O .....	1.589.663,85		
01.27 - LOJAS E MERCADOS			
RECEITAS .....	124.483.720,19		
VENDAS .....	69.330.678,52		
TRANSFERENCIAS .....	55.153.041,67		
CUSTOS E DESPESAS .....	121.533.435,75		
CUSTOS DE VENDAS .....	35.280.679,51		
CUSTOS DE TRANSFERENCIAS .....	44.353.260,92		
DESPESAS GERAIS .....	27.589.348,70		
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO ...	14.310.146,62		
R E D I T O .....	2.950.284,44		

## 02 — REGIÃO RIO GRANDE

02.01 - TERMINAL		02.02 - CANTINA	
RECEITAS .....	13.262.284,43	RECEITAS .....	328.886,09
VENDAS .....	1.701.130,27	VENDAS .....	240.945,33
PRESTACAO DE SERVICOS .....	11.142.266,94	TRANSFERENCIAS .....	87.940,76
EVENTUAIS .....	418.887,22	CUSTOS E DESPESAS .....	326.142,62
CUSTOS E DESPESAS .....	13.167.806,83	CUSTOS DE VENDAS .....	206.238,56
CUSTOS DE VENDAS .....	1.540.050,87	CUSTOS DE TRANSFERENCIAS .....	32.990,15
DESPESAS GERAIS .....	15.430.397,63	DESPESAS GERAIS .....	86.913,91
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO ...	(3.802.641,67)		
R E D I T O .....	94.477,60	R E D I T O .....	2.743,47

02.03 - COLONIA FERIAS	
RECEITAS .....	167.386,54
VENDAS E HOSPEDAGEM .....	138.732,49
OUTRAS .....	28.654,05
CUSTOS E DESPESAS .....	123.598,60
CUSTOS DE VENDAS .....	6.568,95
DESPESAS GERAIS .....	117.029,65
<b>R E D I T O .....</b>	<b>43.787,94</b>

RESULTADO OPERACIONAL DA REGIAO .....	141.009,9
02.04 - PROVISAO P/CREDITO DE LIQUIDACAO DUVIDOSA	(2.029,9)
REVERSAO .....	1.167,0
(-) FORMACAO .....	(3.196,0)
02.05 - PROVISAO CONTRIBUICAO SOCIAL - OPERACOES C/TERCEIROS - TERMINAL .....	(8.600,2)
02.06 - PROVISAO PARA IMPOSTO DE RENDA OPERACOES C/ TERCEIROS (TERMINAL) .....	(25.802,3)
02.07 - FATES	
RESULTADO OPERACOES REGIONAL RIO GRANDE	(104.576,8)

RESULTADO LIQUIDO DA REGIAO ..... 0,0

## 03 — REGIÃO DOM PEDRITO

03.01 - TRIGO INDUSTRIA	
RECEITAS .....	2.087.796,43
VENDAS .....	2.087.796,43
CUSTOS E DESPESAS .....	2.290.184,81
CUSTOS DE VENDAS .....	2.086.752,53
DESPESAS GERAIS .....	203.432,28
<b>R E D I T O .....</b>	<b>(202.388,38)</b>

03.08 - SORGO	
RECEITAS .....	481.286,44
VENDAS .....	271.222,40
TRANSFERENCIAS .....	210.064,04
CUSTOS E DESPESAS .....	468.887,51
CUSTOS DE VENDAS .....	178.790,08
CUSTO DE TRANSFERENCIAS .....	134.873,10
DESPESAS GERAIS .....	221.974,95
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO .....	(66.750,62)
<b>R E D I T O .....</b>	<b>12.398,93</b>

03.02 - TRIGO SEMENTE	
RECEITAS .....	154.204,13
VENDAS .....	133.363,90
TRANSFERENCIAS .....	20.840,23
CUSTOS E DESPESAS .....	104.496,45
CUSTOS DE VENDAS .....	61.752,18
CUSTO DE TRANSFERENCIAS .....	20.840,23
DESPESAS GERAIS .....	21.904,04
<b>R E D I T O .....</b>	<b>49.707,68</b>

03.09 - FORRAGEIRAS	
RECEITAS .....	883.645,47
VENDAS .....	621.768,42
TRANSFERENCIAS .....	261.877,05
CUSTOS E DESPESAS .....	631.226,35
CUSTOS DE VENDAS .....	458.007,12
CUSTO DE TRANSFERENCIAS .....	234.774,78
DESPESAS GERAIS .....	361.564,16
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO .....	(423.119,71)
<b>R E D I T O .....</b>	<b>252.419,12</b>

03.03 - SOJA INDUSTRIA	
RECEITAS .....	7.190.516,05
VENDAS .....	3.361.262,78
TRANSFERENCIAS .....	3.829.253,27
CUSTOS E DESPESAS .....	7.088.855,90
CUSTOS DE VENDAS .....	3.649.344,69
CUSTO DE TRANSFERENCIAS .....	4.157.803,20
DESPESAS GERAIS .....	976.945,75
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO .....	(1.695.237,74)
<b>R E D I T O .....</b>	<b>101.660,15</b>

03.10 - HORTIGRANJEIROS	
RECEITAS .....	387.778,90
VENDAS .....	248.934,08
TRANSFERENCIAS .....	138.844,82
CUSTOS E DESPESAS .....	420.259,19
CUSTOS DE VENDAS .....	173.052,79
CUSTO DE TRANSFERENCIAS .....	131.154,92
DESPESAS GERAIS .....	116.051,48
<b>R E D I T O .....</b>	<b>(32.480,29)</b>

03.04 - SOJA SEMENTE	
RECEITAS .....	2.071.030,74
VENDAS .....	1.142.470,76
TRANSFERENCIAS .....	928.559,98
CUSTOS E DESPESAS .....	1.923.195,66
CUSTOS DE VENDAS .....	970.474,96
CUSTO DE TRANSFERENCIAS .....	793.539,67
DESPESAS GERAIS .....	159.181,03
<b>R E D I T O .....</b>	<b>147.835,08</b>

03.11 - LAS	
RECEITAS .....	3.709.527,99
VENDAS .....	3.696.711,94
TRANSFERENCIAS .....	12.816,05
CUSTOS E DESPESAS .....	3.092.385,52
CUSTOS DE VENDAS .....	2.029.848,25
CUSTO DE TRANSFERENCIAS .....	12.816,05
DESPESAS GERAIS .....	607.187,06
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO .....	442.534,16
<b>R E D I T O .....</b>	<b>617.142,47</b>

03.05 - MILHO	
RECEITAS .....	788.522,10
VENDAS .....	540.692,75
TRANSFERENCIAS .....	247.829,35
CUSTOS E DESPESAS .....	785.720,03
CUSTOS DE VENDAS .....	458.476,50
CUSTO DE TRANSFERENCIAS .....	216.968,16
DESPESAS GERAIS .....	199.450,11
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO .....	(89.174,69)
<b>R E D I T O .....</b>	<b>2.802,02</b>

03.12 - FRUTOS DO PAIS	
RECEITAS .....	260.597,10
VENDAS .....	214.786,57
TRANSFERENCIAS .....	45.810,53
CUSTOS E DESPESAS .....	138.779,47
CUSTOS DE VENDAS .....	117.827,33
CUSTO DE TRANSFERENCIAS .....	27.590,60
DESPESAS GERAIS .....	106.472,27
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO .....	(113.110,73)
<b>R E D I T O .....</b>	<b>121.817,63</b>

03.06 - FEIJAO PRETO	
RECEITAS .....	230.913,42
VENDAS .....	78.324,02
TRANSFERENCIAS .....	152.589,40
CUSTOS E DESPESAS .....	406.311,77
CUSTOS DE VENDAS .....	115.240,67
CUSTO DE TRANSFERENCIAS .....	231.174,24
DESPESAS GERAIS .....	48.067,40
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO .....	11.829,46
<b>R E D I T O .....</b>	<b>(175.398,35)</b>

03.13 - FRIGORIFICO	
RECEITAS .....	24.963.294,21
VENDAS .....	16.789.787,86
TRANSFERENCIAS .....	8.173.506,35
CUSTOS E DESPESAS .....	29.965.429,02
CUSTOS DE VENDAS .....	13.913.186,24
CUSTO DE TRANSFERENCIAS .....	6.552.156,99
DESPESAS GERAIS .....	4.761.597,64
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO .....	4.738.488,15
<b>R E D I T O .....</b>	<b>(5.002.134,81)</b>

03.07 - ARROZ	
RECEITAS .....	54.524.897,67
VENDAS .....	35.228.128,32
TRANSFERENCIAS .....	19.296.769,35
CUSTOS E DESPESAS .....	52.459.532,63
CUSTOS DE VENDAS .....	22.022.671,11
CUSTO DE TRANSFERENCIAS .....	17.186.197,72
DESPESAS GERAIS .....	9.488.138,99
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO .....	3.762.524,81
<b>R E D I T O .....</b>	<b>2.065.365,04</b>

03.14 - SUINOS	
RECEITAS .....	802.206,64
VENDAS .....	540.093,78
TRANSFERENCIAS .....	262.112,86
CUSTOS E DESPESAS .....	924.810,19
CUSTOS DE VENDAS .....	454.164,86
CUSTO DE TRANSFERENCIAS .....	215.064,06
DESPESAS GERAIS .....	190.549,17
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO .....	65.032,10
<b>R E D I T O .....</b>	<b>(122.603,55)</b>

15 - FABRICA DE RACAQ	
RECEITAS.....	982.501,26
VENDAS.....	900.503,19
TRANSFERENCIAS.....	81.998,07
CUSTOS E DESPESAS.....	928.856,11
CUSTOS DE VENDAS.....	345.573,18
CUSTO DE TRANSFERENCIAS.....	61.334,68
DESPESAS GERAIS.....	264.916,92
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO..	257.031,33
R E D I T O.....	53.645,15
16 - INSUMOS	
RECEITAS.....	7.924.831,36
VENDAS.....	7.924.814,96
TRANSFERENCIAS.....	16,40
CUSTOS E DESPESAS.....	6.534.264,90
CUSTOS DE VENDAS.....	6.758.069,65
CUSTO DE TRANSFERENCIAS.....	16,40
DESPESAS GERAIS.....	1.425.021,20
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO..	(1.648.842,35)
R E D I T O.....	1.390.566,46
17 - MERCADOS	
RECEITAS.....	12.486.839,56
VENDAS.....	10.309.561,71
TRANSFERENCIAS.....	2.177.277,85
CUSTOS E DESPESAS.....	12.056.794,49
CUSTOS DE VENDAS.....	6.827.924,45
CUSTO DE TRANSFERENCIAS.....	2.170.262,84
DESPESAS GERAIS.....	3.322.210,31
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO..	(263.603,11)
R E D I T O.....	430.045,07
18 - SEMEN	
RECEITAS.....	424.449,73
VENDAS.....	337.139,97
OUTRAS.....	87.309,76
CUSTOS E DESPESAS.....	168.292,80
CUSTOS DE VENDAS.....	126.648,10
DESPESAS GERAIS.....	87.640,71
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO..	(45.996,01)
R E D I T O.....	256.156,93

03.19 - SACARIA	
RECEITAS.....	148.112,42
VENDAS.....	23.172,73
TRANSFERENCIAS.....	124.939,69
CUSTOS E DESPESAS.....	(10.495,55)
CUSTOS DE VENDAS.....	22.428,66
CUSTO DE TRANSFERENCIAS.....	100.389,63
DESPESAS GERAIS.....	1.384,92
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO..	(134.698,76)
R E D I T O.....	158.607,97
03.20 - D.A.M.S.	
RECEITAS.....	13.184,16
PRESTACAO DE SERVICOS.....	13.184,16
CUSTOS E DESPESAS.....	4.991,25
DESPESAS GERAIS.....	4.991,25
R E D I T O.....	8.192,91
03.21 - OUTROS PRODUTOS	
RECEITAS.....	83.460,03
VENDAS.....	83.405,00
OUTRAS.....	55,03
CUSTOS E DESPESAS.....	13.264,06
CUSTOS DE VENDAS.....	13.264,06
R E D I T O.....	70.195,97
RESULTADO OPERACIONAL DA REGIAO .....	203.553,20
03.22 - PROVISAO P/CREDITO DE LIQUIDACAO DUVIDOSA	(37.502,93)
REVERSAO .....	12.837,34
(-) FORMACAO .....	50.340,27
03.23 - PROVISAO CONTRIBUICAO SOCIAL - OPERACOES C/TERCEIROS ( LOJAS E MERCADOS ) .....	(1.789,95)
03.24 - PROVISAO PARA IMPOSTO DE RENDA OPERACOES C/TERCEIROS (LOJAS/MERCADOS) .....	(5.369,84)
03.25 - FATES	
RESUL. OPERAC. C/ 3os (LOJAS/MERCADOS) .....	(12.259,61)
RESULTADO LIQUIDO DA REGIAO .....	146.630,87
03.26 - RESERVAS DE SOBRAS	
FUNDO DE RESERVA .....	(29.326,17)
FATES .....	(43.989,26)
RESULTADO LIQUIDO DA REGIAO.....	73.315,44

## 4 - REGIÃO MATO GROSSO DO SUL

01 - TRIGO INDUSTRIA	
RECEITAS.....	112.450.755,30
VENDAS.....	109.639.219,39
ARMAZENAGEM .....	2.811.535,91
CUSTOS E DESPESAS.....	112.005.227,07
CUSTOS DE VENDAS.....	104.987.601,20
DESPESAS GERAIS.....	1.928.670,11
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO..	5.088.955,76
R E D I T O.....	445.528,23
02 - TRIGO SEMENTE	
RECEITAS.....	5.263.705,49
VENDAS.....	3.333.878,35
TRANSFERENCIAS.....	1.929.827,14
CUSTOS E DESPESAS.....	5.226.740,27
CUSTOS DE VENDAS.....	2.761.118,27
CUSTO DE TRANSFERENCIAS.....	1.929.827,14
DESPESAS GERAIS.....	153.326,37
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO..	382.468,49
R E D I T O.....	36.965,22
03 - UVA INDUSTRIA	
RECEITAS.....	140.049.721,32
VENDAS.....	123.331.377,87
TRANSFERENCIAS.....	16.718.343,45
CUSTOS E DESPESAS.....	138.471.406,18
CUSTOS DE VENDAS.....	110.426.623,06
CUSTO DE TRANSFERENCIAS.....	16.718.343,45
DESPESAS GERAIS.....	5.712.922,01
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO..	5.613.517,66
R E D I T O.....	1.578.315,14
04 - UVA SEMENTE	
RECEITAS.....	17.557.529,51
VENDAS.....	8.340.667,26
TRANSFERENCIAS.....	9.216.862,25
CUSTOS E DESPESAS.....	17.545.801,85
CUSTOS DE VENDAS.....	7.161.897,89
CUSTO DE TRANSFERENCIAS.....	9.216.862,25
DESPESAS GERAIS.....	1.066.112,52
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO..	100.929,19
R E D I T O.....	11.727,66

04.05 - MILHO	
RECEITAS.....	20.563.366,73
VENDAS.....	16.344.988,45
TRANSFERENCIAS.....	4.218.378,28
CUSTOS E DESPESAS.....	20.328.798,74
CUSTOS DE VENDAS.....	12.054.539,82
CUSTO DE TRANSFERENCIAS.....	4.218.378,28
DESPESAS GERAIS.....	1.405.161,51
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO..	2.650.719,13
R E D I T O.....	234.567,99
04.06 - FEIJAO PRETO	
RECEITAS.....	1.028.667,91
VENDAS.....	156.224,22
TRANSFERENCIAS.....	872.443,69
CUSTOS E DESPESAS.....	1.024.231,30
CUSTOS DE VENDAS.....	132.927,07
CUSTO DE TRANSFERENCIAS.....	742.443,69
DESPESAS GERAIS.....	111.676,10
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO..	37.184,44
R E D I T O.....	4.436,61
04.07 - ARROZ	
RECEITAS.....	7.382.991,81
VENDAS.....	1.985.616,17
TRANSFERENCIAS.....	5.397.375,64
CUSTOS E DESPESAS.....	7.356.478,60
CUSTOS DE VENDAS.....	1.687.460,08
CUSTO DE TRANSFERENCIAS.....	4.597.375,64
DESPESAS GERAIS.....	779.479,45
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO..	292.163,43
R E D I T O.....	26.513,21
04.08 - SORGO	
RECEITAS.....	76.363,71
VENDAS.....	48.462,16
TRANSFERENCIAS.....	27.901,55
CUSTOS E DESPESAS.....	73.368,08
CUSTOS DE VENDAS.....	34.831,20
CUSTO DE TRANSFERENCIAS.....	27.901,55
DESPESAS GERAIS.....	5.323,27
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO..	5.312,06
R E D I T O.....	2.995,63

<b>04.09 - FORRAGEIRAS</b>	
RECEITAS.....	860.774,91
VENDAS.....	469.236,73
TRANSFERENCIAS.....	391.538,18
CUSTOS E DESPESAS.....	861.476,21
CUSTOS DE VENDAS.....	375.977,38
CUSTO DE TRANSFERENCIAS.....	311.538,18
DESPESAS GERAIS.....	163.336,53
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO..	10.624,12
<b>R E D I T O.....</b>	<b>(701,30)</b>

<b>04.10 - AVEIA</b>	
RECEITAS.....	515.494,10
VENDAS.....	375.291,89
TRANSFERENCIAS.....	140.202,21
CUSTOS E DESPESAS.....	510.865,19
CUSTOS DE VENDAS.....	207.432,78
CUSTO DE TRANSFERENCIAS.....	140.202,21
DESPESAS GERAIS.....	99.485,45
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO..	63.744,75
<b>R E D I T O.....</b>	<b>4.628,91</b>

<b>04.11 - FABRICA DE RACAO</b>	
RECEITAS.....	2.299.405,53
VENDAS.....	682.418,93
TRANSFERENCIAS.....	1.616.986,60
CUSTOS E DESPESAS.....	2.289.680,84
CUSTOS DE VENDAS.....	496.566,04
CUSTO DE TRANSFERENCIAS.....	1.316.986,60
DESPESAS GERAIS.....	385.823,16
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO..	90.305,06
<b>R E D I T O.....</b>	<b>9.724,67</b>

<b>04.12 - INSUMOS</b>	
RECEITAS.....	74.259.037,43
VENDAS.....	35.520.698,26
TRANSFERENCIAS.....	38.738.341,17
CUSTOS E DESPESAS.....	72.899.908,48
CUSTOS DE VENDAS.....	11.187.016,17
CUSTO DE TRANSFERENCIAS.....	38.740.643,44
DESPESAS GERAIS.....	7.376.033,73
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO..	15.596.215,14
<b>R E D I T O.....</b>	<b>1.359.130,95</b>

<b>04.13 - MERCADOS</b>	
RECEITAS.....	67.896.331,79
VENDAS.....	47.943.900,00
TRANSFERENCIAS.....	19.952.430,99
CUSTOS E DESPESAS.....	66.991.519,02
CUSTOS DE VENDAS.....	5.822.211,97
CUSTO DE TRANSFERENCIAS.....	21.276.532,33
DESPESAS GERAIS.....	16.842.403,79
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO..	23.050.370,93
<b>R E D I T O.....</b>	<b>904.812,77</b>

<b>04.14 - SACARIA</b>	
RECEITAS.....	1.015.299,00
VENDAS.....	28.453,83
TRANSFERENCIAS.....	986.845,17
CUSTOS E DESPESAS.....	1.004.117,41
CUSTOS DE VENDAS.....	25.406,37
CUSTO DE TRANSFERENCIAS.....	725.914,89
DESPESAS GERAIS.....	114.682,53
ENCARGOS FINANCEIROS LIQUIDO..	138.113,62
<b>R E D I T O.....</b>	<b>11.181,59</b>

<b>04.15 - D.A.M.S.</b>	
RECEITAS.....	717.848,98
PRESTACAO DE SERVICOS.....	717.848,98
CUSTOS E DESPESAS.....	844.104,03
DESPESAS GERAIS.....	844.104,03
<b>R E D I T O.....</b>	<b>(126.255,05)</b>

<b>04.16 - OUTROS PRODUTOS</b>	
RECEITAS.....	55.050,13
VENDAS.....	76,85
TRANSFERENCIAS.....	54.973,28
CUSTOS E DESPESAS.....	66.682,24
CUSTO DE TRANSFERENCIAS.....	54.391,16
DESPESAS GERAIS.....	12.291,08
<b>R E D I T O.....</b>	<b>(11.632,11)</b>

**RESULTADO OPERACIONAL DA REGIAO ..... 4.491.940,12**

<b>04.17 - PROVISAO P/CREDITO DE LIQUIDACAO DUVIDOSA</b>	<b>(188.885,32)</b>
REVERSAO .....	42.238,20
(-) FORMACAO .....	(231.123,52)

<b>04.18 - PROVISAO CONTRIBUICAO SOCIAL - OPERACOES C/TERCEIROS ( LOJAS E MERCADOS )</b>	<b>(3.765,73)</b>
--	-------------------

<b>04.19 - PROVISAO PARA IMPOSTO DE RENDA OPERACOES C/TERCEIROS (LOJAS/MERCADOS)</b>	<b>(11.297,19)</b>
--	--------------------

<b>04.20 - FATES</b>	
RESUL. OPERAC. C/ 3os (LOJAS/MERCADOS)	(26.360,12)

**RESULTADO DA REGIONAL..... 4.261.631,76**

<b>04.21 - RESERVAS DE SOBRAS</b>	
FUNDO DE RESERVA .....	(852.326,35)
FATES .....	(1.278.489,53)

**RESULTADO LIQUIDO DA REGIAO..... 2.130.815,88**

**RESULTADO LIQUIDO DAS REGIOES ..... 2.948.500,09**

<b>05 - ADMINISTRACAO GERAL</b>	
<b>05.01 - ENCARGOS FINANCEIROS.....</b>	<b>(7.095.998,74)</b>
DESPESAS FINANCEIRA .....	14.699.706,14
RECEITAS FINANCEIRA .....	7.603.707,40

<b>05.02 - PROVISAO P/CREDITO DE LIQUIDACAO DUVIDOSA</b>	<b>(14.349,68)</b>
REVERSAO .....	299,63
(-) FORMACAO .....	(14.649,31)

<b>05.03 - RESULTADO EQUIVALENCIA PATRIMONIAL .....</b>	<b>24.937.552,72</b>
---	----------------------

<b>05.04 - SALDO CREDOR DE CORRECAO MONETARIA .....</b>	<b>30.469.268,07</b>
---	----------------------

<b>05.05 - DESTINACAO DO RESULTADO</b>	
FATES e RESULTADO DE EQUIV. PATRIMON..	24.937.552,72
RESERVA DE SOBRAS INFLACIONARIAS.....	29.358.919,65
SOBRAS A DISPOSICAO DA A.G.O. ....	2.948.500,09

**OSWALDO OLIVEIRO HEITTI**  
PRESIDENTE  
CPF. 028504780-91

**WALTER FRANZ**  
SUPERINT.REG.PIONEIRA  
CPF. 078976040-20

**CELSON BOIUVAR SPEROTTO**  
VICE-PRES.REG.PIONEIRA  
CPF. 812998476-49

**LOTARIO BECKER**  
SUPERINT.REG.MATO GROSSO  
CPF. 065308690-34

**HEDY RODRIGUES BORGES**  
VICE-PRES.REG.MATO GROSSO DO SUL  
CPF. 00537730234

**EDUARDO A. P. MENEZES**  
SUPERINT.REG.D.PEDRITO  
CPF. 0976023300-82

**OSCAR VICENTE SILVA**  
VICE-PRES.REG.O.PEDRITO  
CPF. 00848670-15

**CARLOS GILBERTO KRAUSE**  
TECNICO CONTABIL  
CPF. 023403010-04  
CRC RS/31357

LMI - RS - 31 DE DEZEMBRO DE 1989

## NOTAS EXPLICATIVAS DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO ÀS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

### NOTA 01 - CONTEXTO OPERACIONAL

A sociedade tem por objetivo congrega agricultores e pecuaristas, promovendo a compra em comum de artigos necessários a sua produção e subsistência, classificando, padronizando, armazenando, industrializando e comercializando a sua produção.

### NOTA 02 - APRESENTAÇÃO DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

As Demonstrações Contábeis foram elaboradas de acordo com as normas de contabilidade de uso comum no país, adequado ao estabelecido para sociedades cooperativas e legislação complementar expedida pelos órgãos competentes.

### NOTA 03 - PRINCIPAIS PRÁTICAS CONTÁBEIS

As principais práticas adotadas na preparação das Demonstrações Contábeis foram as seguintes:

3.1 - A provisão para Créditos de Liquidação Duvidosa foi constituída sobre as contas de Duplicatas a Receber e Créditos de Associados, em valores considerados suficientes para cobrir possíveis perdas;

3.2 - Os estoques encontram-se avaliados com base nos seguintes critérios:

- Produtos Agrícolas: ao preço de liquidação à nível de produtor;
- Produtos Beneficiados: com base nos percentuais regressivos do preço de venda;
- Produtos Industrializados: ao custo de produção;
- Mercadorias, Insumos, Sacaria e Almojarifados: ao preço da última compra.

Os estoques tributáveis encontram-se líquidos de ICMS.

Todos os valores são inferiores aos preços de mercado na data do balanço.

3.3 - Os investimentos em Sociedades Controladas foram avaliados pelo método de equivalência patrimonial, com base no Patrimônio Líquido das mesmas em 31.12.89.

Os investimentos em outras empresas estão valorizados a custo de aquisição acrescidos de correção monetária, com base na variação das OTN's até 31.01.89 e a partir de fevereiro de 1989 pela variação das BTN's.

3.4 - Os bens integrantes do imobilizado estão demonstrados ao custo de aquisição corrigidos monetariamente pela variação das OTN's até 31.01.89 e a partir de fevereiro de 1989 pela variação das BTN's. As depreciações são calculadas sobre o custo corrigido pelo método linear, de acordo com o tempo de vida útil e econômico previsto para os bens.

3.5 - O Patrimônio Líquido está atualizado com base na variação das OTN's até 31.01.89 e a partir de fevereiro de 1989 pela variação das BTN's.

3.6 - As obrigações junto a Instituições Financeiras, encontram-se com seus encargos apropriados até a data do encerramento do exercício social, de acordo com os termos contratuais.

### NOTA 04 - ESTOQUES

A composição dos Estoques em 31.12.89 era a seguinte:

E X I S T E N C I A S	V A L O R
PRODUTOS AGRÍCOLAS	69.829.540,64
PRODUTOS PECUÁRIOS	7.230.565,55
PRODUTOS INDUSTRIALIZADOS	14.047.198,80
PRODUTOS BENEFICIADOS	6.198.415,48
MERCADORIAS INSUMOS	56.636.903,58
MERCADORIAS - LOJAS E MERCADOS	102.020.378,65
COMÉRCIO EM GERAL	9.169.324,73
OUTROS ESTOQUES	5.186.893,20
<b>T O T A L</b>	<b>270.319.220,63</b>

### NOTA 05 - INVESTIMENTOS

A) As participações em Empresas Controladas e Coligadas apresenta a seguinte posição:

EMPRESAS	COTRIEXPORT CIA COH. INTERNACIONAL	INST. RIOGRANDENSE DE FEBRE AFTOSA	COTRIDATA PROCES. DE DADOS	HOSPITAL BOM PASTOR SA	TRANSCOOPER SERV. TRANSP. LTOA.
CAPITAL SOCIAL	1.261.141,80	1.500.000,00	302.000,00	152.841,00	3.300,00
PATRIMÔNIO LÍQUIDO	23.189.883,60	22.315.612,10	4.231.131,72	4.000.422,78	2.588.693,29
PARTIC. ACIONÁRIA	23.180.494,02	22.244.804,66	4.108.820,40	3.917.614,03	2.450.612,39
PARTICIPACAO %	99,95951	99,68270	99,00000	97,93000	94,66600
RESULTADO LÍQUIDO	24.837.874,98	143.970,03	76.364,46	(87.603,85)	83.753,79
SALDO EM CONTA CORRENTE	(1.247.758,91)	8.832.580,57	(212.158,02)	296.911,86	1.131.471,70
PARTICIPACAO TERCEIROS	0,04049	0,31730	1,00000	2,07000	5,33400
TOTAL ACOES/COTAS	1.261.141.800	150.000	302.000	152.841	330.000
ACOES/COTAS POSSUIDAS	1.260.631.164	149.530	298.800,00	149.680	312.400

T O T A L

B) Os demais investimentos permanentes correspondem a

- Participação em Cooperativas Centrais..... 20.420.063,55
- Outras participações..... 147.798,37
- Nos saldos em Conta Corrente (\*) devem ser considerados os valores da Soprosul Ind. e Com. de Plásticos Ltda (NCz\$ 86.337,47) e Cotriexport Corretora de Seguros Ltda (NCz\$ 282.930,06 credor).

#### NOTA 06 — IMOBILIZADO

É a seguinte a posição dos valores em 31.12.89:

CONTAS	REGIAO	PIONEIRA	MATO GROSSO DO SUL	DOM PEDRITO	RIO GRANDE	TOTAL
TERRENOS		22.484.913,81	13.991.712,83	7.012.788,41	1.497.277,39	44.986.894,44
PREDIOS		470.505.768,24	371.605.282,12	93.840.615,26	331.441.095,76	1.267.392.761,38
MOVEIS E UTENSILIOS		17.538.281,25	8.655.211,80	2.732.160,04	2.351.035,27	31.476.688,36
MAQUINAS E EQUIPAMENTOS		87.875.923,71	76.736.011,06	27.469.848,53	89.711.762,75	281.794.346,07
INSTALACOES		8.980.281,82	5.700.895,52	3.802.576,85	10.186.170,04	28.669.944,23
VEICULOS		21.405.562,44	7.002.487,17	5.705.947,69	1.834.435,19	35.948.432,49
CONSTRUCAO EM ANDAMENTO		13.575.858,52	37.632.738,23	3.942.172,38	0,00	55.150.769,13
REFLORESTAMENTO		137.394,42	603.663,29	0,00	0,00	741.057,71
MARCAS E PATENTES		231.436,65	43.199,87	20.870,70	2.610,14	298.137,36
SEMOVENTES		26.189,82	0,00	15.077,77	0,00	41.267,61
EQUIPAMENTOS EM CONSTRUCAO		6.747.942,25	0,00	224.067,86	0,00	6.972.012,11
BENEFIC. EM PREDIOS DE 3os		967.226,33	775.022,96	140.162,33	715,02	1.883.326,64
<b>S O M A</b>		<b>650.476.779,26</b>	<b>522.747.224,85</b>	<b>145.106.310,06</b>	<b>437.025.323,56</b>	<b>1.755.355.637,73</b>
(-)DEPRECIACAO ACUNULADA		126.821.142,75	99.563.860,55	34.483.237,53	133.093.551,44	393.961.792,27
<b>T O T A L</b>		<b>523.655.636,51</b>	<b>423.183.364,30</b>	<b>110.623.072,53</b>	<b>303.931.772,12</b>	<b>1.361.393.845,46</b>

A correção monetária líquida do exercício foi de NCz\$ 1.249.668.059,87 e as depreciações montaram a NCz\$ 19.478.859,33.

#### NOTA 07 — FINANCIAMENTOS

7.1 — Os financiamentos apresentam a seguinte composição:

FINALIDADE	CURTO PRAZO	LONGO PRAZO	TOTAL
Capital de Giro	46.850.070,74	121.245.042,65	168.095.113,39
Safras	152.183.720,07	— 0 —	152.183.720,07
Repasse	15.536.541,74	1.985.636,37	17.512.198,11
Imobilizado	3.609.855,73	30.944.616,43	34.554.472,16
<b>TOTAL</b>	<b>218.170.188,28</b>	<b>154.175.315,45</b>	<b>372.345.503,73</b>

Os empréstimos foram contratados a encargos financeiros que variam de IPC+7 por cento a.a. à BTNF+12 por cento a.a.

Os financiamentos a longo prazo apresentam vencimento a partir de janeiro de 1991 a outubro de 1998.

As garantias oferecidas compreendem hipoteca, NP, penhor e aval dos diretores.

7.2 — A Cotrijuf como garantidora fidejussoria dos débitos da Cotriexport Cayman Ltd, junto ao Banco do Brasil S/A, assumiu financiamentos no montante de NCz\$ 88.292.687,71, recebendo da Cotriexport Cia. de Comércio Internacional, controladora integral da devedora, em dação de pagamento o controle acionário do Instituto Riograndense de Febre Aftosa e Imobilizações junto a unidade armazenadora de Roque Gonzales.

#### NOTA 08 — CAPITAL SOCIAL

O Capital Social Integralizado e sua respectiva evolução apresenta a seguinte composição:

##### \*\*\* CAPITAL SOCIAL \*\*\*

REGIOES	FORMAS DE CAPITALIZACAO	ATE 31.12.88	CAPITALIZACAO NO PERIODO	ATE 31.12.89	% DE VARIACAO	% S/ TOTAL
PIONEIRA	INTEGRALIZACOES:	559.121,51	5.138.600,25	5.697.721,76	919,05	27,98
	CORRECAO	4.673.664,93	89.189.250,38	94.062.915,31	1.830,02	46,40
	SOMA	5.432.786,44	94.327.850,63	99.760.637,07	1.736,27	44,72
DOM PEDRITO	INTEGRALIZACOES:	51.620,86	506.153,26	557.774,12	980,52	2,74
	CORRECAO	982.852,33	15.803.807,32	16.786.659,65	1.607,95	8,28
	SOMA	1.034.473,19	16.309.960,58	17.344.433,77	1.576,64	7,78
MATO GROSSO DO SUL	INTEGRALIZACOES:	1.006.988,79	13.099.675,59	14.106.664,38	1.300,88	69,28
	CORRECAO	4.423.077,78	87.443.487,69	91.866.565,47	1.976,98	45,32
	SOMA	5.430.066,57	100.543.163,28	105.973.229,85	1.851,60	47,50
SUB - TOTAL	INTEGRALIZACOES:	1.617.731,16	18.744.429,10	20.362.160,26	1.158,69	100,00
	CORRECAO	10.279.595,04	192.436.545,39	202.716.140,43	1.872,02	100,00
	SOMA	11.897.326,20	211.180.974,49	223.078.300,69	1.775,03	100,00
REALIZADO POR FINANCIAMENTO		116.865,26	-- X --	116.865,26	-- X --	-- X --
<b>T O T A L</b>		<b>12.014.191,46</b>	<b>211.180.974,49</b>	<b>223.195.165,95</b>	<b>-- X --</b>	<b>-- X --</b>

## NOTA 09 - CONTINGÊNCIAS FISCAIS

A) Permanece pendente de julgamento o crédito de ICM-RS referente a exportação de farelo de soja, ocorrido em 1984, no valor principal de NCz\$ 10.002,63, cuja decisão da 4ª Vara da Fazenda Pública em 15.1287, foi favorável a esta Cooperativa, podendo o estado recorrer de tal decisão em instância superior.

B) Processo de Execução Fiscal, pendente de julgamento na comarca de Ponta Porã/MS, referente a autos de infração da Secretaria da Receita Federal no valor principal de NCz\$ 426,82.

## NOTA 10 - RESULTADO INFLACIONÁRIO

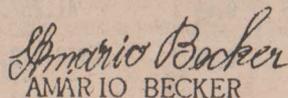
O Saldo Credor da Correção Monetária do Balanço teve a seguinte utilização:

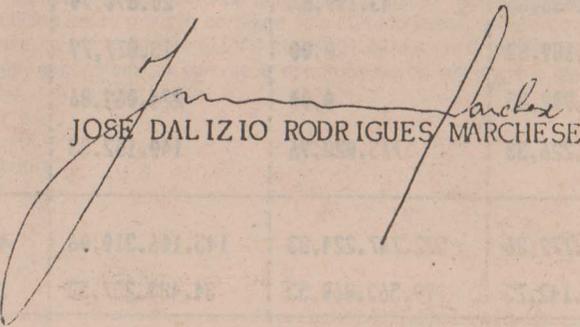
• Reconhecido no resultado do exercício, até os limites dos encargos financeiros líquidos da Administração Geral.....	NCz\$ 7.110.348,42
• Transferido para reserva de sobras inflacionárias.....	NCz\$ 23.358.919,65
• Total do saldo credor.....	NCz\$ 30.469.268,07

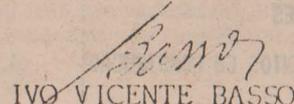
## PARECER DO CONSELHO FISCAL

Em cumprimento ao que determina o Artigo 52 do Estatuto Social da Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda., reuniu-se o Conselho Fiscal desta entidade, nesta data, a fim de proceder ao exame do Balanço Patrimonial, Demonstrativo de Sobras e Perdas e os documentos referentes ao exercício encerrado em 31 de dezembro de 1989. Com base no Parecer de Nardon, Nasi & Cia. Auditores Independentes e, tendo examinado os documentos relativos às demonstrações contábeis, encontramos tudo em ordem e emitimos o nosso parecer favorável, recomendando à Assembléia Geral a sua aprovação.

Ijuí (RS), 22 de fevereiro de 1990

  
AMARIO BECKER

  
JOSE DALIZIO RODRIGUES MARCHESE

  
IVO VICENTE BASSO

PARECER DOS AUDITORES  
19 de fevereiro de 1990

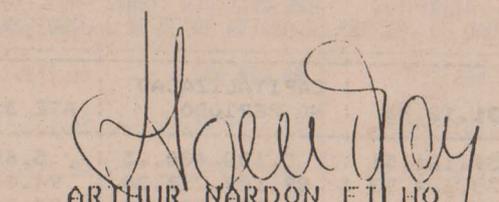
Ilmo. Srs,  
Membros dos Conselhos de Administração e Fiscal da  
COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA - COTRIJUÍ  
Ijuí - RS

1 - Examinamos os balanços patrimoniais da COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA - COTRIJUÍ, levantados em 31 de dezembro de 1989 e 1988 e as respectivas demonstrações de sobras e perdas correspondentes aos exercícios findos naquelas datas. Nossos exames foram efetuados de acordo com as normas de auditoria geralmente aceitas e, conseqüentemente, incluíram as provas nos registros contábeis e outros procedimentos de auditoria que julgamos necessários nas circunstâncias.

2 - A Cooperativa como garantidora fidejussória dos débitos da Cotriexport Cayman Ltd., junto ao Banco do Brasil S.A., assumiu o financiamento no montante de NCz\$ 88.292.627,71. Em decorrência desta operação, recebeu em dação de pagamento as cotas de participação no capital do Instituto Riograndense de Febre Aftosa Ltda, e as instalações da unidade armazenadora de Roque Gonzales até então pertencente a Cotriexport Cia. de Comércio Internacional, controladora integral da devedora.

3 - Em nossa opinião, considerando ao descrito na Nota Explicativa Nº 7.2 e parágrafo 2 acima, as demonstrações contábeis referidas no parágrafo 1, lidas em conjunto com as Notas Explicativas do Conselho de Administração, representam, adequadamente, a posição patrimonial e financeira da COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA - COTRIJUÍ, em 31 de dezembro de 1989 e 1988 e o resultado das operações correspondentes aos exercícios findos naquelas datas, de acordo com os princípios fundamentais de contabilidade, aplicados de maneira uniforme no período.

NARDON, NASI & CIA. - AUDITORES INDEPENDENTES  
CRC-RS Nº 542 - OCB Nº 15

  
ARTHUR NARDON FILHO  
Sócio Responsável  
Contador CRC-RS Nº 13.866

# Cotrisol

Elaboração e datilografia: Mariluz da Silva Lucchese

## 1990

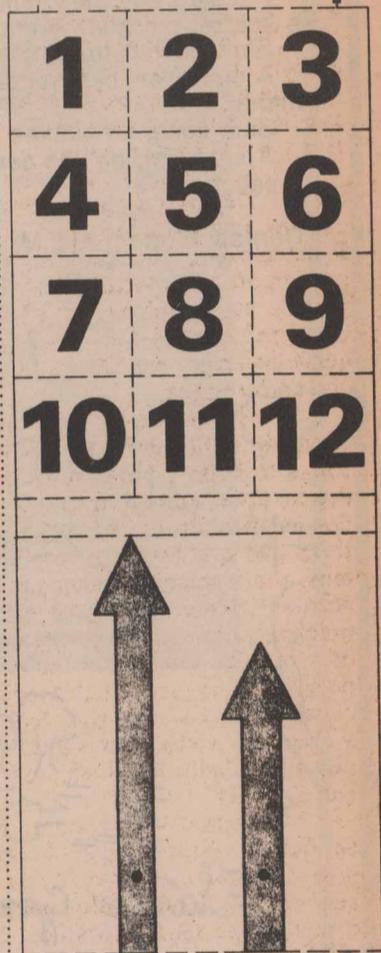
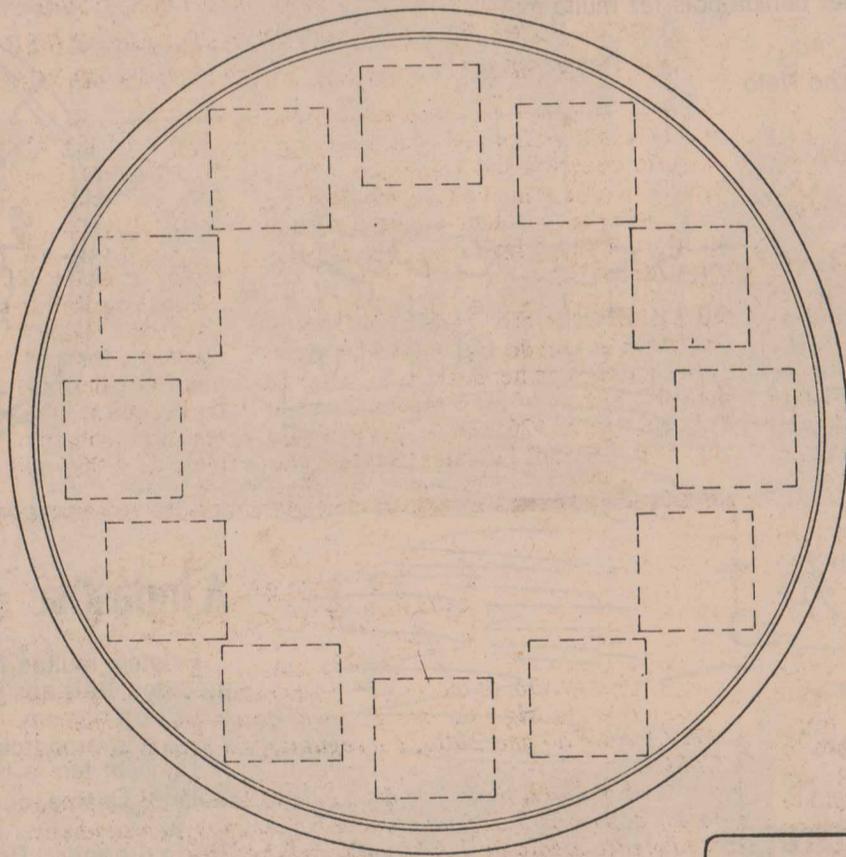
### Construindo um relógio

Já que esta página se chama passatempo, vamos construir um relógio para medir o tempo? Recorte os números e cole-os nos quadrinhos do relógio.

Recorte os ponteiros e para prendê-los use percevejos. Coloque uma rodela de rolha atrás para que o percevejo não caia.

Mas antes de fazer tudo isto, recorte o relógio e cole-o num papel duro.

Aproveite este relógio para brincar e aprender as horas ao mesmo tempo.



Janeiro							Julho						
DOM	SEG	TER	QUAR	QUIN	SEX	SAB	DOM	SEG	TER	QUAR	QUIN	SEX	SAB
1	2	3	4	5	6		1	2	3	4	5	6	7
7	8	9	10	11	12	13	8	9	10	11	12	13	14
14	15	16	17	18	19	20	15	16	17	18	19	20	21
21	22	23	24	25	26	27	22	23	24	25	26	27	28
28	29	30	31				29	30	31				

Fevereiro							Agosto						
DOM	SEG	TER	QUAR	QUIN	SEX	SAB	DOM	SEG	TER	QUAR	QUIN	SEX	SAB
				1	2	3				1	2	3	4
4	5	6	7	8	9	10	5	6	7	8	9	10	11
11	12	13	14	15	16	17	12	13	14	15	16	17	18
18	19	20	21	22	23	24	19	20	21	22	23	24	25
25	26	27	28				26	27	28	29	30	31	

Março							Setembro						
DOM	SEG	TER	QUAR	QUIN	SEX	SAB	DOM	SEG	TER	QUAR	QUIN	SEX	SAB
				1	2	3							1
4	5	6	7	8	9	10	2	3	4	5	6	7	8
11	12	13	14	15	16	17	9	10	11	12	13	14	15
18	19	20	21	22	23	24	16	17	18	19	20	21	22
25	26	27	28	29	30	31	23	24	25	26	27	28	29

Abril							Outubro						
DOM	SEG	TER	QUAR	QUIN	SEX	SAB	DOM	SEG	TER	QUAR	QUIN	SEX	SAB
1	2	3	4	5	6	7		1	2	3	4	5	6
8	9	10	11	12	13	14	7	8	9	10	11	12	13
15	16	17	18	19	20	21	14	15	16	17	18	19	20
22	23	24	25	26	27	28	21	22	23	24	25	26	27
29	30						28	29	30	31			

Maio							Novembro						
DOM	SEG	TER	QUAR	QUIN	SEX	SAB	DOM	SEG	TER	QUAR	QUIN	SEX	SAB
		1	2	3	4	5					1	2	3
6	7	8	9	10	11	12	4	5	6	7	8	9	10
13	14	15	16	17	18	19	11	12	13	14	15	16	17
20	21	22	23	24	25	26	18	19	20	21	22	23	24
27	28	29	30	31			25	26	27	28	29	30	

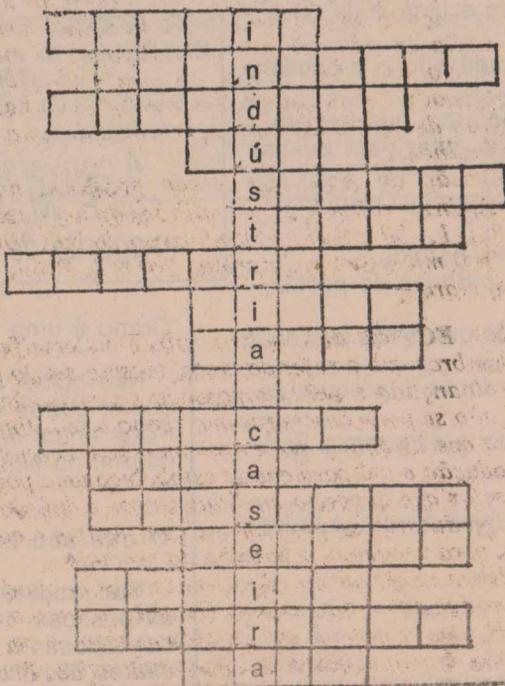
Junho							Dezembro						
DOM	SEG	TER	QUAR	QUIN	SEX	SAB	DOM	SEG	TER	QUAR	QUIN	SEX	SAB
				1	2								1
3	4	5	6	7	8	9	2	3	4	5	6	7	8
10	11	12	13	14	15	16	9	10	11	12	13	14	15
17	18	19	20	21	22	23	16	17	18	19	20	21	22
24	25	26	27	28	29	30	23	24	25	26	27	28	29

### Cruzadinhas:

Complete o diagrama de cruzadinhas com o nome dos produtos da indústria caseira:

manteiga — salame — torta — geléia — vinagre — vinho — rapadura — presunto — cuca — bolacha — massa — melado — queijo — torresmo — suco — nata.

Araci Rem dos Santos — E.M. Pinto Bandeira — Augusto Pestana.



### Editorial

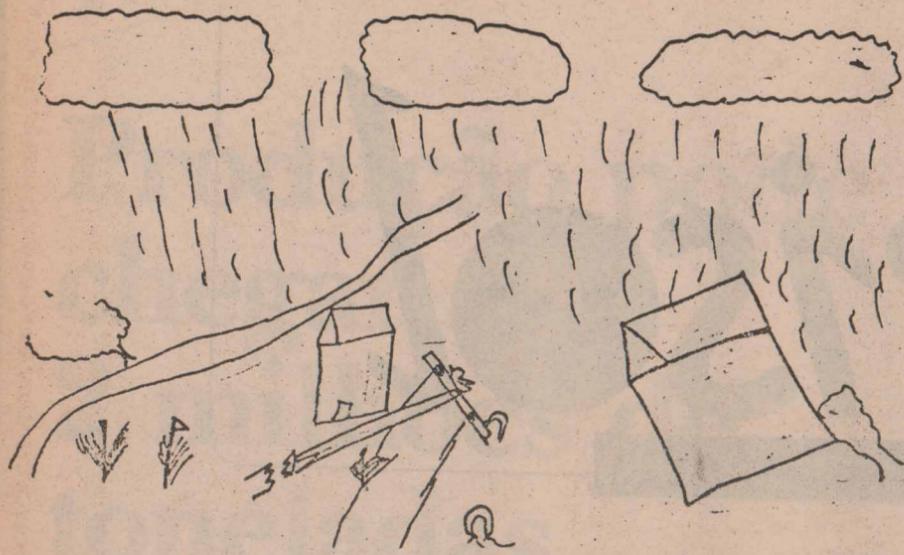
E aí turma, como foram as férias?

Aproveitei as férias para descansar, mas em meio ao descanso pesquisei histórias interessantes, alegres e divertidas para vocês. Planejei atividades gostosas, li todo o material que restou do ano passado e, por falar nisso, quero que saibam que embora haja material em atraso, os textos de vocês serão publicados oportunamente.

Agora que as férias estão chegando ao fim, prepare-se para recomeçar as aulas com muita energia, que vocês entrem com o pé direito e tenham sucesso na escola.

Um beijo a todos vocês e às profes de vocês, também!

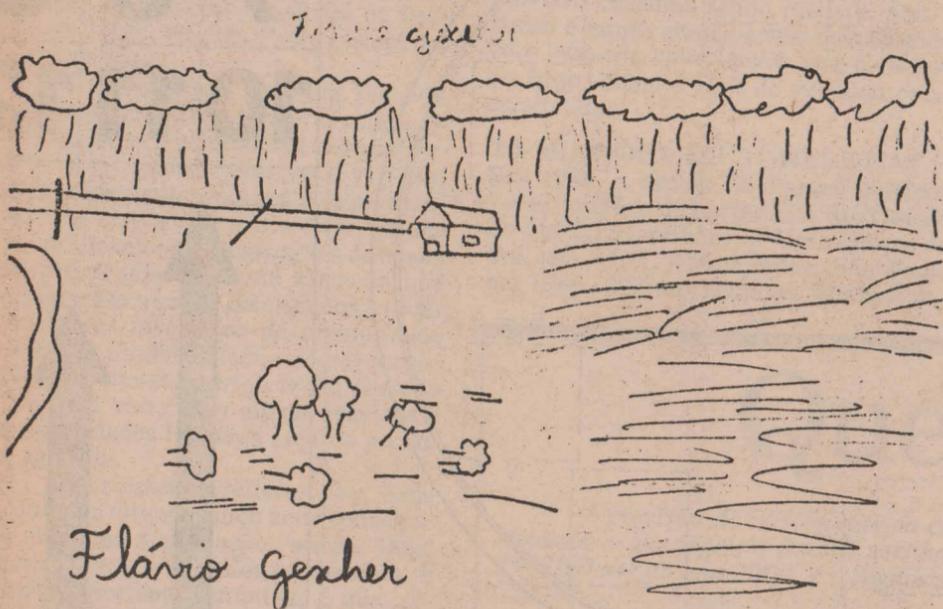
Mariluz



## A importância da água

A água é muito importante para nós, porque sem ela não podemos viver.  
 A água serve para muitas coisas tais como: lavar roupas e louças, calçadas e muitas outras coisas.  
 Em todas as frutas e legumes que comemos, tem água.  
 A água vem das vertentes, dos poços, lagos, rios e mares.  
 Sem água, as plantas e os animais não podem viver.  
 A água poluída não deve ser bebida pois faz muito mal à saúde.

Denise Wunder — E.M. Coelho Neto



Flávio Gexehr

## O piquinique das tartarugas

Num lindo dia de sol, três tartarugas, duas velhas e uma mais nova, resolveram fazer um piquinique.

Prepararam os comes e bebes e lá se foram estrada à fora, a caminho da floresta.

Chegando lá, tiraram os lanches da cesta e verificaram que haviam esquecido o abridor de latas, então elas tiveram que voltar para buscar o abridor de latas.

Tinham passado dois dias antes das tartarugas chegarem. Quando chegaram não encontraram sua irmã mais nova.

E elas ficaram muito tristes, achando que a tinham perdido.

De repente surgiu uma idéia, elas ligaram para a patrulha de polícia, dizendo:

— Por favor, minha irmã mais nova foi raptada. Nós queremos ela aqui em dois dias.

E os homens da patrulha pegaram seus carros e foram à procura da tartaruga.

No dia seguinte, elas foram buscar água no lajeado e acharam a irmã nadando.

Elas voltaram ao local do piquinique.

Chegando lá, levaram um susto pois as formigas tinham devorado todos os seus comes e bebes.

A tartaruga mais velha disse:

— Nós tivemos uma aventura!

Patrulha de Polícia Municipal  
 E.E. Miguel Costa — Augusto Pestana.

## As chuvaradas

Quando chove muito, desfazem-se curvas e aí a água corre para os rios, poluindo-os.

Quando chove muito, alaga as cidades que passa rio perto.

Lá em casa, a sanga vai por cima da ponte. O rio do Arroio Bonito alagou as estradas e não dava para cruzar de carro, porque a água levava junto.

Até o rio da Fonte Ijuí saiu para fora e alagou a fábrica de bebidas, causando prejuízos.

Na televisão vimos que alagou uma cidade e derrubou árvores, postes de luz e quem queria sair era só de barco. Tinha casas que só se enxergava as telhas. E tinha um campo de futebol onde os meninos jogavam bola.

As plantações de trigo são as mais prejudicadas porque o vento forte e a chuva derrubam tudo.

Flávio Gexehr — E.M. Angelo Barasuol — Augusto Pestana.

## A visita

Nós fomos fazer uma visita na casa da professora.

Sáímos às 8 horas e 30 minutos e voltamos às dez e meia.

Chegamos lá e fomos ver as colméias. Tinha nove colméias cheias de mel.

O mel é um alimento bom, muito energético.

Depois fomos ver as ovelhas, a mais bonita, uma delas quis avançar. Ainda olhamos as galinhas, patos, terneiros, porcos.

Depois fomos ver o Xou da professora tomar mate e comer bolachinhas.

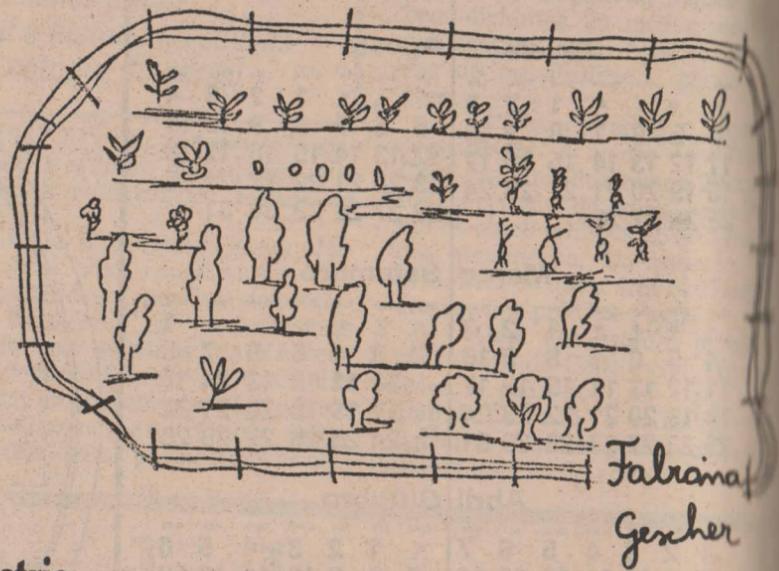
A seguir a professora nos levou para tratar os peixes. Lá tem um tanque bem grande, que dá para tomar banho.

E depois fomos lá na casa do Roberto. E depois os coelhos e os marrecos.

fomos para a escola, mas antes fomos ver o moinho do Roberto.

fomos ver o moinho do Roberto. Tinha uma roda grande que movia o moinho com a força da água.

Sandra Denise Cardoso — E.M. Pinto Bandeira.



## A indústria

Existem muitas indústrias que industrializam a matéria-prima em produtos úteis aos homens. Também geram progresso, conforto, facilitando a vida do homem.

E ainda proporcionam muitos empregos e arrecadação de impostos. Também tem a indústria caseira onde é feita a: banha, nata, manteiga, melado, salame, queijo...

Jorge Leandro Renz — E.M. Pinto Bandeira — Augusto Pestana.

### ENTREVISTA

## Agrotóxicos, alimentação, saúde...

A conversa aconteceu entre os alunos das 3ª e 4ª séries da E. M. Padre Burmann, Augusto Pestana, com um agente de saúde da comunidade

### Como é uma alimentação saudável?

Não comer só um alimento, mas comer outros alimentos junto, lavar as mãos antes das refeições, tomar suco natural no lugar de refrigerantes, etc.

### O que são agrotóxicos?

São produtos químicos que fazem mal às pessoas, criando doenças contagiosas e são encontrados em muitos alimentos.

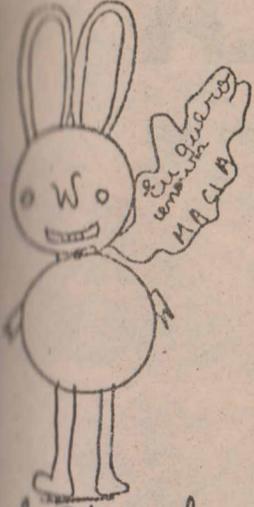
### Devemos comer alimentos com casca?

Devemos antes de comê-los, lavar bem e descascá-los pois podem trazer mal ao nosso organismo.

### Se um animal cheira um alimento podemos comê-lo?

Não, porque os animais tem micróbios. Daí se conclui que se um animal cheira, temos que lavar ou descartar o alimento.

# Página do Leitor



## A coelha

Eu sou uma coelha muito fofa.  
Eu vivo pedindo cenoura macia.  
Um dia eu estava num mato cheio de árvores.

De repente foram desmatando e queimando.

A natureza foi ficando pobre, com cheiro de poluição e comecei a ficar quase sem vida.

Quase nem podia respirar. Daí fui para outro mato cheio de árvores, passarinhos cantando de alegria porque não tinham desmatado, porque nenhum homem quis ficar sem vida e poluir o ar.

Sueli dos Santos — E. Ana Neri — Augusto Pestana.



Marlise Zardin

## Sou uma palha

Sou plantada no mês de agosto.

Quando nasci, eu não tinha espiga, dali algum tempo, comecei a criar bonequinhas. Depois de uns dias, elas se transformaram em espiga de milho. Minhas palhas por dentro eram finas, meus grãos eram brancos porque estavam ainda nascendo.

Depois comecei a ficar boa para a alimentação.

Mais tarde fiquei seca, dura e aí não dava mais para comer, só servia para os bichos.

Foi aí que comecei a me sentir útil, porque eu servia de alimento, para fazer farinha, canjica, etc.

Logo o meu sabugo secou e dava para fazer fogo e a palha para fazer cadeira, artesanato.

Elissandra Dias dos Santos — Escola Edemar Kruehl — Pólo II — Jóia.

## O jegue

Eu gosto muito de pastar e não gosto de puxar carroça.

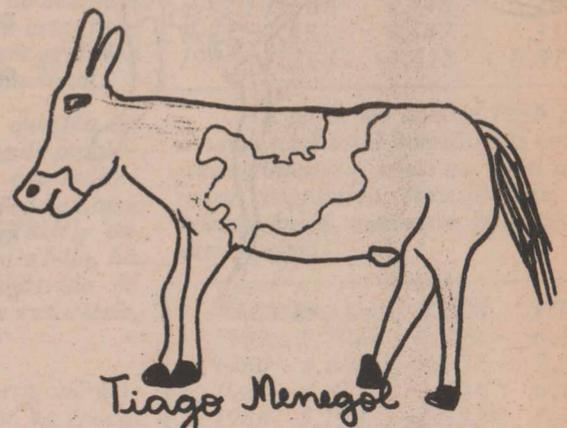
Eu adoro comer ração.

Eu faço nhó, nhó, nhó.

Não gosto que montem em mim.

Também não gosto que me lavem.

Giocer Menegol — E. Ana Neri — Augusto Pestana.



Tiago Menegol

## O boi

Eu sou um boi chamado Pintado.

Eu não gosto quando eles me laçam.

Uma vez me laçaram, eu puxei

para que quebrei uma aspa.

De verão eu gosto de entrar na água para me refrescar.

Eu não gosto quando eles me

empurram do poteiro, porque eu gosto de pastar.

Rogério Veiga — E. Ana Neri — Augusto Pestana

## Os alimentos

Os alimentos devem ser lavados antes de comer, em água corrente. Devemos comer vários tipos de alimentos e ter hora certa para fazer as refeições.

Os grupos de alimentos são três: energéticos, reguladores e construtores.

Uma criança no início da vida se alimenta do leite materno.

As proteínas são encontradas na carne, leite, ovos e feijão.

Marlise Zardin — E. Ana Neri — Augusto Pestana.

## A galinha

Eu sou a galinha Carijó. Sou muito bonita, choco até 30 ovos numa vez.

Eu canto assim: có-ri-có-có...

Gosto de milho e quirera.

Eu fico só com meu marido galo, ele canta assim: có-có-có...

Ele se chama Galo-Carijó, e come as mesmas coisas que eu.

Marlise Zardin — E. Ana Neri — Augusto Pestana.

## O cavalo

Eu sou um cavalo, relincho rim, rim, rim.

Eu como capim e gosto muito porque é verde.

Quando me atam no pasto, eu como até me encher. Depois eu deito.

Não posso comer muito senão me empanturro e morro.

Marcos Antônio Zardin — E. Ana Neri — Augusto Pestana.



Rogério da Veiga

## A vaca

A vaca é minha e de Ada.

A vaca se vestiu de verde.

Marisa ri, ri, ri.

Ana é imã de Marisa.

A vaca faz mu-mu-mu.

Ana vê a vaca comendo.

Daniela da Cruz — 1ª série — E. Ana Neri — Augusto Pestana.

## O cavalo

Eu sou um cavalinho.

Quando alguém me encilha, tenho vontade de pular porque eu acho muito peso. Mas tenho que carregar porque senão me surram.

Eu só sou bem cuidado, quando os homens fazem carreira e acham que vão ganhar.

Rogério da Veiga — E. Ana Neri — Augusto Pestana.

Se cheiramos um alimento contaminado, teremos doenças?

Se não sendo muito contaminado não teremos doenças, mas se for muito contaminado pode trazer muitas doenças.

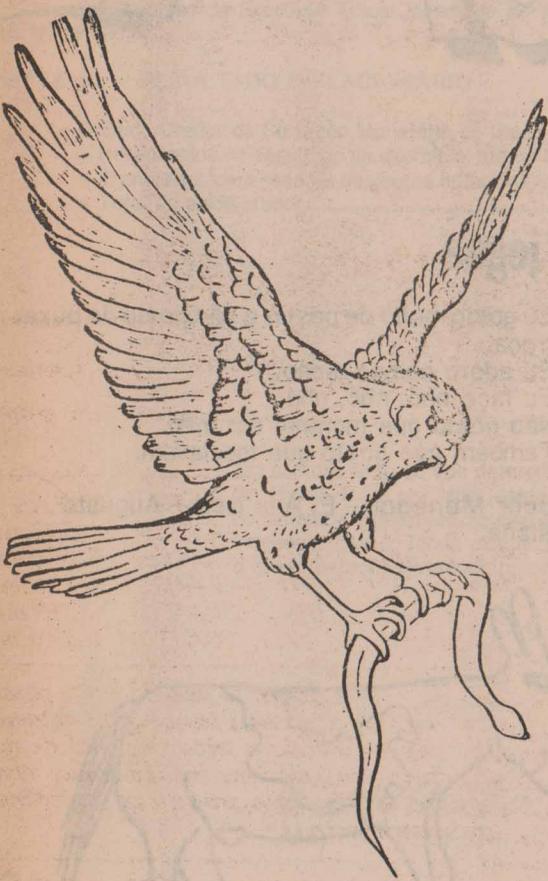
Se os animais transmitem doença?

Se eles forem limpos, não. Mas o gato transmite asma.

Alunos da 3ª e 4ª séries — E.M. Padre Edemir — Augusto Pestana

# AS AVES NA NATUREZA

Ciências Para Crianças - Outubro 1987



Os gaviões são bons caçadores. De grande altura, podem ver um bicho andando lá em baixo.

Com as garras fortes, eles seguram o bicho.

Com o bico afiado, arrancam pedaços de carne.

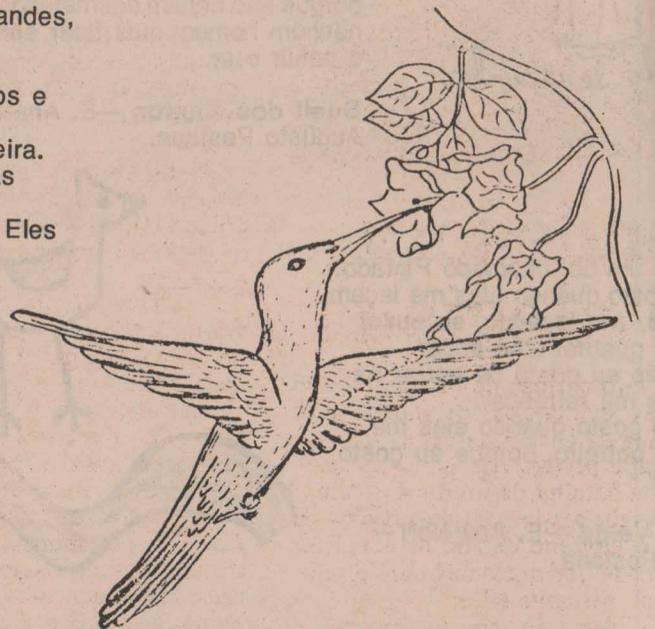
Os gaviões comem ratos, cobras, lagartos e até outras aves.

Há gaviões que atacam e vencem bichos bem grandes, como filhotes de macacos.

Depois de comerem, os gaviões vomitam os pelos e as pernas dos bichos que engoliram.

Um casal de gaviões pode viver junto a vida inteira. Fazem o ninho em cima das árvores ou no alto das montanhas.

Os filhotes ficam no ninho esperando a comida. Eles precisam dos pais até conseguirem voar e caçar.



Os beija-flores têm o bico comprido. A língua também é comprida e grudenta.

Com a língua, os beija-flores apanham insetos no ar, nas flores e nas cascas das árvores.

É bom que os beija-flores gostem de comer insetos que comem as plantações. Eles comem também os insetos que transmitem a malária.

Os beija-flores também gostam de néctar. O néctar é água açucarada que está dentro das flores.

Quando os beija-flores enfiam o bico dentro das flores, suas penas ficam cheias de pó amarelo chamado pólem. Depois, eles vão para outras flores e deixam cair dentro delas esse pó amarelo. É o pólem que faz as flores virarem frutos e produzirem sementes.



Os urubus vivem no mato e nas cidades. Eles comem carniça.

Os urubus sentem, de longe, o cheiro da carniça. E enxergam muito bem.

A mamãe urubu põe dois, três ou quatro ovos. Bota os ovos no chão, ou num buraco de pedra ou no oco de uma árvore.

O papai urubu também choca os ovos e cuida dos filhotes.

Os urubus vivem em bandos.

Quando um urubu desce para comer, todos os outros do bando descem atrás.



O pica-pau fura os troncos das árvores com o bico para procurar as larvas dos insetos.

O bem-te-vi, a tesoura e o suiriri enchem o papo quando há revoada de içás. Assim, ajudam a diminuir a quantidade de formigueiros. Içás são saúvas com asas que vão fundar um novo formigueiro.

